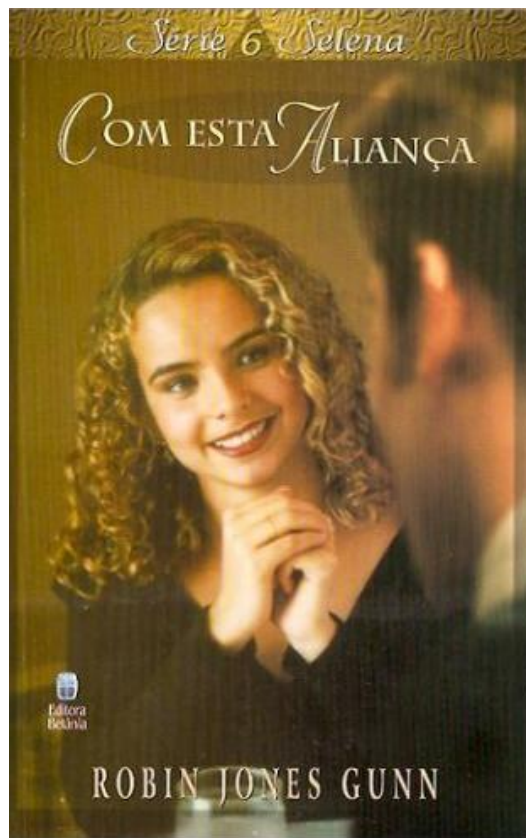




Série Selenia 6

Com Esta Aliança

Robin Jones Gunn

Título original: With This Ring
Tradução de Myrian Talitha Lins
Editora Betânia, 2001

Digitalizado por deisemat
Revisado por deisemat



<http://semeadoresdapalavra.top-forum.net/porta1.htm>

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Para meu filho e minha filha,
Com muito amor e muitas orações.

De sua mãe



Capítulo Um

Dando uma última olhada para sua imagem refletida no espelho, Selena Jensen enfiou no braço uma pulseira de prata e gritou:

- Mãe, diga a ele que vou descer já, já.

Pensou se talvez não devesse trocar de roupa e colocar uma calça jeans. O vestido que usava era muito chique para seu gosto. Contudo as noites de verão em Portland eram muito quentes, e a idéia de vestir jeans a deixou meio incomodada. O melhor seria mesmo um vestido. Entretanto o melhor talvez não fosse esse escuro e de corte reto. Que tal uma saia de tecido leve?

Selena se pôs a procurar no meio do monte de roupas que se achava em cima de sua cama.

Cadê aquela saia azul? indagou a si mesma. *Eu a vi agorinha há pouco, quando procurava o outro pé de sapato. Ah, é! Está debaixo da cama.*

Nas primeiras semanas, depois que sua irmã mais velha se mudara para outra cidade, Selena conseguira manter o quarto bem arrumado. Contudo, à medida que o tempo fora passando e ela ficando mais

ocupada, a bagunça fora só aumentando e o aposento ficando cheio de objetos espalhados. Por diversas vezes, a garota se dispusera a dar uma arrumação nele. Contudo agora, como deixara tudo ir se acumulando, com uma hora apenas não conseguiria ajeitá-lo. Aquilo era serviço para um dia inteiro. Então ficava só adiando a tarefa.

A garota abaixou-se e ergueu a beirada da colcha. A primeira coisa que viu foi um pedaço de biscoito água e sal. Além dele, havia ali dois chumaços de algodão, um par de meias, uma revista, uma “xuxinha” (que mais parecia um ímã de poeira), e seu trabalho de História sobre a rainha Maria Antonieta, no qual tirara a nota máxima. A saia azul não estava ali.

- Selen! gritou a mãe ali pertinho dela. O que está fazendo aí?

A garota se ergueu prontamente, abandonando a posição deselegante, debaixo da cama, e olhou para a mãe. Seu cabelo cheio e encaracolado lhe caíra no rosto.

- Não escutei a senhora entrando, mãe, disse ela.

Logo atrás da mãe estava Vó May. As duas sorriam. Sharon Jensen era uma mulher magra, de uns quarenta e poucos anos. Parecia uma irmã mais velha da filha, e não mãe dela; aliás, de seis filhos.

- É falta de educação deixar o homem esperando, queridinha, comentou Vó May. Você já está pronta?

- Acho que sim, respondeu Selen, ajeitando o vestido e passando a mão no cabelo. Estava pensando em trocar de roupa e colocar uma saia longa.

- Assim está bom, disse a mãe. Ele vai levá-la a um restaurante chique. Será melhor ir com uma roupa mais elegante.

- É, eu sei, mas estou meio sem jeito com esse negócio todo, confessou a garota. Não sei por que ele me convidou para ir jantar fora.

- Não faz a menor idéia? indagou a mãe.

- Não, mas a senhora deve saber, né?

- Talvez, replicou a mãe com um leve sorriso.

- 'Tá bom, estou pronta. Eu só queria que não fizessem tanto rebuliço em torno desse jantar.

- Você está se tornando uma jovem e tanto, queridinha, disse Vó May. Ele vai achá-la linda.

Impulsivamente, a garota deu um beijinho rápido no rosto da avó e saiu em direção à escada que dava para o andar de baixo.

- Acho que as duas estão curtindo esse evento importante de minha vida mais do que eu, comentou.

Sentiu o rosto avermelhar-se um pouco quando viu aquele com quem iria sair parado junto à porta de entrada. Estava vestido com uma calça social e um paletó esportivo. De onde se encontrava, sentia o cheiro da sua loção após barba, com aroma de pinho. Ele se virou para olhá-la e a garota percebeu que tinha nas mãos uma caixinha de plástico atada com uma fita lilás.

Não acredito que ele até comprou flores pra mim! Isso já está passando dos limites. E se eu disser que desisti, que não quero mais sair?

- Humm... você está linda! exclamou ele.

Selena sentiu-se mais tranqüila ao ouvir aquela voz grave e fitar o rosto tão conhecido. Estava recém-barbeado, e o cabelo castanho, que já começava a rarear, se achava bem penteado. Ele sorriu, e nos cantos dos olhos logo apareceram ruguinhas, como sempre acontecia quando se esforçava para conter a emoção e não chorar.

- Pai, disse Selena em voz suave, sei que isso é pra ser um grande acontecimento, um pai sair com a filha. Mas me sinto tão sem jeito com esse negócio de ter de me aprontar toda para a oficina?

- Isso aqui é pra você, replicou ele, sem dar a menor atenção à tentativa dela de mudar os planos. Mande fazer um buquê pequeno porque não sabia se você ia querer pregá-lo na roupa ou não.*

** Nos Estados Unidos, quando um homem dá um buquezinho a um mulher, normalmente ela o prega na roupa. (N da T.)*

A garota olhou para a caixinha com as flores, delicados botões de rosa. Nela estava colado um adesivo dourado com o nome da floricultura - ZuZu's Petals. Ficava na mesma rua da confeitaria Mother Bear, onde Selena trabalhava. Certa vez, fora lá fazer uma entrevista para ver se arranjava um emprego na loja. Não o conseguira, mas acabara descobrindo que a proprietária conhecia sua avó. Agora a mulher ficara conhecendo também o pai dela. Será que ele havia explicado para quem estava comprando aquele buquê?

- Talvez fosse melhor eu guardar essas flores na geladeira, disse a garota meio ressabiada, ao pegar a caixinha das mãos dele. São tão lindas! Tenho medo de estragá-las!

O pai fez uma expressão de decepcionado. Em seguida, disse:

- Bom, faça o que você quiser. Elas são para você.

Pregado à caixinha, havia um cartãozinho. Selena abriu-o com a ponta do dedo e leu o que o pai escrevera:

“Você sempre será minha filha querida! E sempre a amarei! Papai.”

Selena mordeu de leve o lábio inferior, sentindo o gosto do brilho labial que passara quinze minutos antes. Não poderia rejeitar aquele buquê. Embora não estivesse entendendo bem o significado daquele evento - a filha sair com o pai - o certo é que não poderia deixar as flores para trás.

- É muito lindo! exclamou, sentindo um ligeiro nó na garganta. Obrigada, pai. Vou levar.

- Ótimo! Então, já está prontinha?

A mãe de Selena, que estivera parada no alto da escada, interrompeu-os.

- Esperem um pouco, vocês dois. Quero bater uma foto!

Selena deu um sorriso meio forçado, vendo a mãe descer para junto deles.

É! Isso está ficando complicado! pensou. Espero que não encontremos nenhum conhecido!

- Vamos lá! disse a mãe, levando a câmera ao rosto e fechando um dos olhos. Coloquem o braço um no outro. Assim! Vamos lá, filha, vê se dá um sorriso! Isso! Fique assim!

Ouviram o clique da máquina e imediatamente a mãe disse:

- Esperem aí. Agora quero um close!

Ela arrumou o cabelo louro e curto atrás da orelha e novamente deu orientações sobre o posicionamento deles. Ouviu-se outro clique da câmera, e em seguida ela disse:

- 'Tá bom! Tchau pra vocês! Divirtam-se! Harold, lembre-se de que minha filha tem de estar de volta na hora marcada, hein!

- Pois não, senhora! respondeu ele, abrindo a porta para a filha.

Eles se dirigiram para o novo carro de Wesley, um veículo de estilo esportivo. Na verdade, era um carro velho, de 1969. Para o rapaz, porém, era novo, pois o comprara um mês atrás. Wesley e o pai haviam passado muitas horas consertando-o. Afinal, agora, ele estava "rodando macio", como diziam eles. Selena achou bom que o irmão estivesse trabalhando naquela noite e não se achasse ali para curtir com a cara dela.

- Achei que você ia gostar mais de ir neste carro do que na nossa van, explicou o pai, girando a chave na ignição. Ah! Está roncando bonitinho.

Ele foi saindo da garagem e desceu pela rua, silenciosa àquela hora. Esse setor da cidade era famoso pela presença de mansões em estilo vitoriano, todas restauradas. A casa em que moravam fora construída pelo bisavô de Selena. Muitas das residências daquela rua tranqüila, com

sua fleira de árvores, ainda eram habitadas pelos proprietários originais ou por descendentes deles.

- Aonde é que vamos? quis saber a garota.

- Ah! É surpresa! respondeu o pai.

Ele foi rodando em direção à Ponte Burnside, onde passariam sobre o rio Willamette, rumo ao centro da cidade. Selena deu uma espiada para o buquê que deixara sobre o colo e notou que o vestido estava meio curto. Tentou puxá-lo um pouco. Engraçado, na hora em que o comprara e também no momento em que o vestira não o achara curto. Agora, porém, sentada ao lado do pai, sentia-se constrangida. Arrependeu-se de não tê-lo trocado pela saia longa.

- Como é que está indo o trabalho lá na Highland House? indagou ele.

- Muito bem. Já contei sobre os colares de macarrão que fiz com a meninada?

- Não. Mas outro dia vi na cozinha uma porção de tigelas cheias de macarrão pintado de várias cores. O que vocês fizeram com eles?

- Pulseiras e colarzinhos. Nunca imaginei que as crianças daquele abrigo fossem gostar tanto de fazer essas coisas. Levei todo aquele macarrão pra lá e deixei que eles mesmos os enfiassem nos fios de náilon. Eles ficaram doidos de alegria. E alguns até que fizeram o serviço direitinho. Falei com as meninas maiores que na semana que vem vou levar miçangas de verdade.

- Eu e sua mãe estamos muito felizes por você estar dando assistência lá nestas férias, e ao mesmo tempo mantendo seu serviço na Mother Bear. Está trabalhando bem, filha!

- É. Estas minhas férias estão sendo ótimas, comentou Selenia.

Com movimentos lentos, pôs-se a tirar as flores de dentro do invólucro de plástico. Levou ao rosto os botões para aspirar-lhes o perfume. Eles tremularam ligeiramente. A fragrância era bem suave. Nas pétalas e folhinhas, ainda havia algumas gotinhas de água, que lhe ficaram na ponta do nariz.

- E ainda tem muita atividade pela frente, disse ela, limpando o rosto com as costas da mão. Estou ansiosa para chegar a semana que vem, para ir à Califórnia.

Talvez eu possa entrar no restaurante com as flores na mão sem que ninguém veja, pensou. Vou deixá-las ao lado do prato. Assim o papai vai ficar satisfeito.

O carro parou e Selenia olhou para fora.

Oh, não! exclamou interiormente.

- Chegamos! disse o pai.

Mas logo aqui? Oh, papai! Com tanto restaurante em Portland, o senhor teve de escolher justamente este?

Capítulo Dois

- Ouvi você e o Wesley falando tanto deste lugar que achei que seria interessante vir conferir pessoalmente, explicou o Sr. Jensen, abrindo porta do carro para a filha.

A garota esforçou-se para dar um sorriso e pegou o buquê, segurando-o de leve. Estava tentando sair daquele carro minúsculo sem que a barra do vestido deslizesse perna acima, e sem que o cabelo lhe caísse todo no rosto. Não era nada fácil.

- Me dê a mão, ofereceu o pai num tom galante.

- Precisa não, pai. Aqui vai dar, replicou ela.

Com um impulso só, ela se ergueu, jogando o corpo para fora do veículo, procurando ser o mais graciosa possível. Felizmente, não havia mais ninguém no estacionamento.

O Sr. Jensen ofereceu o braço à filha para se encaminharem para a entrada. Era um restaurante italiano, e o proprietário dele era o tio de Amy, uma amiga de Selenia. Amy era recepcionista na casa e havia arranjado emprego ali para vários conhecidos. Um deles era Wesley, que trabalhava como garçom. E nesta noite ele estava de serviço. Naquele momento, Selenia pensou que era bem possível que seu pai tivesse manobrado tudo de modo que ficassem numa das mesas do filho.

Amy arranjava serviço ali também para o Ronny, um amigo de Selena. E ainda para o Tre, um colega de escola que tocava no conjunto de Ronny.

Selena pôs a mão de leve no braço do pai quando caminhavam para a porta. O que será que as pessoas pensariam ao ver uma garota de dezesseis anos, toda arrumada - e ainda por cima com um buquê - entrar num restaurante elegante com um senho de meia-idade, ligeiramente calvo, que tinha um amplo sorriso no rosto? Sentia-se tão constrangida!

O pai abriu a porta, o que deu a ela a oportunidade de soltar o braço dele e afastar-se um pouco. No saguão, havia uns doze clientes, sentados em bancos de estilo antigo, aguardando vaga.

A primeira pessoa que Selena avistou foi Amy. Estava com um vestido azul-marinheiro e, sobre ele, um coletinho de renda. Ela o havia comprado dois dias antes, quando as duas foram fazer compras numa boutique muito chique. O colete combinara muito bem com o vestido. O cabelo comprido e escuro da colega estava amarrado para um lado, num rabo-de-cavalo que lhe caía num longo cacho junto ao rosto. Pelo brilho que viu nos olhos da amiga, Selena compreendeu que ela sabia daquele jantar especial de pai e filha, e já os estava esperando.

- Boa noite! cumprimentou Amy formalmente, fazendo uma marca na folha de reservas. Temos uma mesa reservada para o Sr. Jensen, para duas pessoas. Venham por aqui, por favor.

Selena foi caminhando atrás da amiga e cochichou-lhe:

- Pronto, Amy, chega de fingimento. Já estou morrendo de vergonha e você ainda entra nessa encenação.

- Que encenação? sussurrou a outra enquanto caminhavam por entre as mesas do restaurante, que aliás estava superlotado. Faço isso todas as noites.

Selena teve vontade de dar-lhe um beliscão de brincadeira. Contudo, logo a seguir, Amy se virou para trás e, com olhos bem expressivos, cochichou-lhe:

- Olha, o Nathan é aquele ali, perto da mesa 17. Ele não é um “gato”?

- Mesa 17? Onde que é? Não estou vendo nenhum “gato” por aqui!

- Ali, murmurou Amy em voz bem baixa. Perto da janela. Hoje ele me perguntou se vou trabalhar na terça-feira.

- Ah! exclamou Selena.

Nas duas últimas semanas, Amy só falara nesse rapaz, que viera trabalhar no restaurante. Fora na mesma ocasião em que a garota desistira de conquistar o irmão de Selena. Wesley sempre era atencioso com ela e a tratava bem, mas ela queria que acontecesse algo entre eles. Afinal, percebendo que isso não sucederia, e com o fato de Nathan ter ido trabalhar no restaurante, ela dirigira seu interesse para ele.

Selena olhou de novo para o “gato” de sua amiga. Aparentemente uns vinte anos. Tinha cabelo louro bem claro, todo penteado para trás. Os olhos eram profundos, encimados por sobrancelhas escuras. Tinha um ar muito sério que não agradou Selena. Compreendia, porém, que a amiga se achava deslumbrada com ele.

Amy parou junto a um compartimento ao fundo do salão e fez sinal a Selena para que entrasse.

- Você entendeu? indagou para a amiga cochichando. Terça-feira é folga dele. Acho que vai me convidar pra sair. Entregou um cardápio para Selena e outro para o pai dela. A seguir pigarreou e, reassumindo a postura de recepcionista, disse:

- Quem vai atender a mesa de vocês é o Wesley. Ele virá pegar os pedidos daqui a pouco. Bom jantar!

Nesse ponto, deu uma olhada significativa para Selena, erguendo uma das sombrancelhas, como quem diz: “Fique de olho em mim”. Em seguida, saiu para retornar ao seu posto, à entrada do restaurante. Em vez de ir direto para lá, porém, deu a volta pela frente do salão, aproximando-se da mesa 17, onde se achava Nathan, anotando o pedido. Quando a garota passou, o rapaz virou-se ligeiramente para olhá-la. Selena compreendeu, então, que talvez Amy tivesse razão. Conseguira atrair o interesse do colega. Não havia dúvida de que ele iria convidá-la para saírem juntos.

Selena se sentiu meio incomodada. Talvez essa desinquietação fosse causada pelo fato de ver a amiga prestes a começar um namoro, enquanto ela estava ali jantando apenas com “seu pai”, meio sem jeito com aquele buquê. Colocou-o perto do garfo e, sem seguida, pegou o guardanapo, abriu-o e acomodou-o no colo. Sentia que precisava mostrar-se agradecida ao pai por tudo aquilo. Percebia que ele se empenhara muito para proporcionar-lhe uma noite agradável.

- Oi, gente! exclamou Wesley, surgindo ao lado da mesa.

Era muito parecido com o pai em tudo, inclusive no fato de ser magro. Quando sorria, também formava ruguinhas no canto dos olhos. A única diferença estava no cabelo castanho e ondulado que, no filho, ainda não havia começado a cair.

O rapaz pegou o bloquinho de pedidos e indagou:

- Querem saber quais são os pratos especiais de hoje?

O Sr. Jensen fechou o cardápio e disse:

- É; vamos lá. Você, como grande conhecedor, o que nos recomenda?

Selena ficou aliviada ao ver que o irmão não gozara dela. A sensação que tinha era de que todos eles não passavam de um bando de crianças “brincando” de “gente grande”.

- Nosso ravióli hoje está soberbo, principiou ele. Aliás, foi o que comi no meu horário de almoço. Além disso, vocês devem pedir uma entrada de salada de pão romano, que é especialidade da casa. Ele vem recheado com pedaços de tomate e queijo derretido em cima.

Humm, fez o Sr. Jensen, para mim está bom. O que você vai querer, Selena?

- Também gostei, respondeu a garota. Mas quero pouca salada, e água mineral.

- Quero água também, disse o pai, e café.

Wesley fez as anotações no bloco. A seguir, pegou os cardápios e fez um aceno de cabeça para o pai e a irmã, como se eles fossem clientes comuns, num dia qualquer.

- Muito bem. Vou trazer logo a água e o café.

Assim que ele se afastou, o Ronny, que estava removendo os pratos da mesa próxima, chegou perto deles. Estava com um avental branco sobre o uniforme e tinha os braços cheios de vasilhas. Selena nunca o vira com aquela roupa - camisa sócias e gravata borboleta. Em Wesley, a roupa de garçom caía bem. Ronny, porém, com seu sorriso típico, entortando a boca, e o cabelo louro e liso partido ao meio, parecia estar vestido par uma festa à fantasia.

- Oi, Selena! Oi, Seu Harold! Ouviram falar do acidente do Drake? indagou o rapaz.

- Não. O que houve? Como é que ele está?

- Está bem. Ele estava no caminhão de entregas e bateu num poste. Estourou o pneu dianteiro. Foi lá em Laurelhurst. Eu estava aparando um gramado por ali e ouvi um barulhão de batida. Corri para o ponto de onde vinha o barulho e vi que era o Drake. O motor pegou fogo. Drake estava muito chateado. Disse que foi desviar de um gato e bateu.

Selena sabia o que o pai pensava sobre gatos e ficou desejando que ele não fizesse nenhum comentário. Provavelmente, diria que teria sido melhor que Drake tivesse acabado com mais um gato em vez de ter batido no poste. Felizmente, o Sr. Jensen limitou-se a perguntar:

- Qual é o caminhão dele?

- É um caminhão baú, da Joy, explicou Ronny, remexendo-se um pouco e fazendo um ruído leve com a louça.

- É a empresa do pai dele, interveio Selena.

- Fraldas descartáveis Joy? quis saber o Sr. Jensen.

A garota fez que sim, sabendo exatamente o que ele estaria pensando naquele momento. Quem visse Drake, um rapaz moreno, alto, porte atlético, jamais imaginaria que ele trabalhasse com um caminhão fazendo entrega de fraldas.

Um dos garçons aproximou-se e falou com Ronny.

- Mesa 7. E depressa, tá?!

- É, gente, tenho de andar, falou o colega de Selena.

Virou-se para sair, mas antes de ir embora deu uma olhada para a garota por cima do ombro e exclamou:

- Você está muito bonita, Selena!

- Obrigada! murmurou ela, sentindo o rosto avermelhar-se.

- Seus amigos são ótimos, disse o pai depois que Ronny se foi.

- Sei disso, replicou Selena.

Pensou em como era bom ver que Ronny não estava se sentindo constrangido com ela. Nos últimos meses, os dois tinham se visto quase todos os dias. No princípio, haviam começado a agir como namorados. Contudo, depois de um passeio em que foram acampar, e em que havia acontecido vários fatos inusitados, eles tinham combinado que seriam “apenas amigos”. A partir daí, o relacionamento deles ficara mais natural.

Houve uma certa época em que ela pensara em namorar o Drake. Eles até tinham ido ao cinema juntos, só os dois. Contudo, isso começara a atrapalhar todos os seus outros relacionamentos. Então ela concluía que ainda não estava preparada para namorar firme. Os outros amigos

eram por demais importantes para ela. Drake aceitou suas explicações, mas depois disso não a procurou mais. Embora no primeiro encontro o rapaz houvesse dito que estava interessado nela, mostrou-se frio quando viu que o relacionamento deles não iria continuar do jeito que ele queria.

Wesley trouxe o café, a água e uma vasilha com o pão romono, bem quentinho. A essa altura, Selena já se sentia um pouco mais à vontade ali naquele ambiente com o pai. O cheiro de alho que vinha do pão aguçou-lhe o apetite.

- Você já está com tudo arrumado para a semana que vem, filha? indagou o pai. Que dia que você vai mesmo?

- Na quarta-feira à tarde, explicou ela. Tânia vai me pegar no aeroporto.

- Quem é mesmo que vai casar?

- Douglas e Trícia.

- Ah, é. Ele foi o chefe do seu grupo, naquela viagem à Inglaterra, não foi?

Selena fez que sim.

- E Douglas é amigo do Jeremy, continuou ela.

Ela não tinha muita certeza se o pai ainda se lembrava de que Douglas era conhecido do namorado de Tânia.

- Ele e a Tânia também vão ao casamento.

- É, disse o pai, tomando um gole de café. Estou lembrado de que eles disseram mesmo que iam. Parece que vai ser muito bom para você.

- Já estou com tudo preparado, disse Selenia. Sabe que na semana passada trabalhei quarenta e duas horas no Mother Bear? Todo mundo resolveu tirar férias ao mesmo tempo. E foi ótimo a D. Amélia ter consentido que eu tirasse esses dias de folga agora. E enquanto eu estiver fora, ela vai treinar uma outra funcionária, já que, quando as aulas começarem, vou voltar a trabalhar só doze horas por semana.

- Prontinho! Aqui está! disse Wesley, chegando e colocando em frente de cada um as saladas, servidas em tigelas de porcelana italiana. Alguém quer queijo ralado na salada?

- Não, obrigado!

- Nem eu!

- Então, bom apetite! falou o rapaz, afastando-se com o ralador na mão.

- Vamos orar? perguntou o Sr. Jensen.

Ele sempre orava antes das refeições, mesmo quando comiam num restaurante. Então, para Selenia, aquilo era muito natural. Ela inclinou a cabeça e fechou os olhos. Ficou ouvindo a oração do pai, que deu graças a Deus pelo alimento e pela linda filha. Assim que ele disse “amém”, a garota ergueu os olhos e exclamou:

- Obrigada, pai!

Ele fitou-a e dirigiu-lhe uma piscadela. Em seguida, puseram-se a comer. Selenia mal tinha engolido a primeira garfada, quando o pai disse:

- Você deve estar se perguntando por que eu a convidei para jantar fora comigo, não é?

A garota sentiu o coração bater com mais força, embora soubesse bem por quê. Largou o garfo e ficou esperando que ele lhe explicasse.

Capítulo Três

O Sr. Jensen pigarreou e prosseguiu:

- Sabe o que é? Desde que você contou para mim e para sua mãe que ia escrever suas metas para o namoro, nós começamos a conversar sobre o assunto e resolvemos fazer algo para ajudá-la a cumprir seu propósito.

Selena levou à boca outra garfada de salada e esperou que ele continuasse.

- E é isso que quero fazer hoje, disse o pai, pigarreando de novo.

A garota teve a impressão de que ele também estava um pouco nervoso.

- Eu queria arranjar um jeito de demonstrar-lhe o quanto você é importante, não apenas para mim e sua mãe, mas para Deus também.

- Obrigada, pai, replicou ela. Muito obrigada mesmo. Mas o senhor não precisava fazer tudo isso para que eu me sentisse amada.

Durante alguns instantes, o Sr. Jensen concentrou-se em comer a salada. Parecia estar pensando em algo. Ou então procurava controlar-se para não deixar transparecer o nervosismo. Aquela situação era realmente meio inusitada. Selena sabia que seus pais a amavam e que Deus também a amava. Contudo achava um pouco exagerada toda aquela cerimônia de se aprontar e ir jantar fora.

- Eu queria saber mais ou menos o que você escreveu. Isto é, qual é o seu pensamento sobre o namoro e quais as suas metas, disse o pai. O que há na sua lista?

- Não sei se vou conseguir me lembrar de tudo. Quero dizer, sei o que escrevi, mas não me recordo das palavras exatas. Fiz duas listas. Numa, citei os critérios que vou empregar para escolher o rapaz que eu gostaria de namorar. Na outra, expus é... vamos dizer, o meu “credo” com relação ao namoro.

- O seu credo, repetiu o pai. Muito interessante! Queria que me contasse o que pôs nessas duas listas.

- Bom, principiou Selena, largando o garfo e afastando para um lado o prato de salada já quase vazio. Na lista do namorado, coloquei apenas três requisitos.

- Quais?

- Primeiro, ele tem de ser crente. Mas não basta ser um crente qualquer. Tem de ser um bom crente, um cara que está crescendo espiritualmente. Um amigo de Deus.

- Amigo de Deus?

Selena fez que sim.

- Esse é o nome do grupo do Douglas e do Jeremy.

- Gostei! exclamou o pai.

- Também gosto, concordou Selena. O outro requisito, ou seja lá o que for, é que esse rapaz tenha desejo de servir a Deus. Acho que escrevi

mais ou menos que quero que ele seja consagrado ao Senhor e queira servir a Deus no seu trabalho.

- Quer dizer que só vai namorar um futuro pastor ou missionário?

- Não! Não é isso, explicou Selenia. Ele não precisa ser pastor para servir a Deus em sua profissão. O Douglas, por exemplo, é assessor de um consultor financeiro. Provavelmente, continuará trabalhando nesse ramo pelo resto da vida, pois ele tem vocação para isso. Mas a Cris me disse que ele e a Trícia estão planejando viver só com a metade de sua renda e dar o resto para a obra missionária.

- É mesmo? indagou o pai, erguendo as sobrancelhas.

- Não sei se vão conseguir ou não, prosseguiu Selenia. Mas acho muito legal o Douglas sempre colocar Deus no centro de tudo em sua vida e, mesmo com o fato de estar prestes a se casar, continuar fiel a esse princípio.

- Que atitude bonita! comentou o pai.

Nesse momento, Wesley chegou com os pratos de ravióli quentinho e colocou-os na mesa, um à frente do pai e outro, de Selenia.

- Vocês vão querer queijo ralado?

- Não, obrigada, disse a garota.

- Ah, eu quero um pouquinho, respondeu o pai.

Wesley girou a manivela do sofisticado ralador mecânico, deixando cair sobre o prato os flocos branquinhos.

- Aí está bom, falou o Sr. Jensen.

- Vou buscar mais café, anunciou o rapaz.

Ele deu uma olhada para a irmã, mirando a mão direita dela. Fitou o pai rapidamente e depois saiu.

- Continua, pediu o pai de Selena. Para você namorar um rapaz, ele tem de ser um “amigo de Deus” e ter desejo de servir a Deus na sua carreira profissional. O que mais?

A garota se sentiu um pouco constrangida de contar ao pai qual era o terceiro requisito. Enfiou o garfo no ravióli macio e disse:

- Bom, escrevi que quero estar gostando muito dele e ele de mim. E gostaria que fosse alguém que tivesse feito o propósito de se guardar fisicamente para o futuro cônjuge.

- É, parece que você estabeleceu normas bem sérias e rígidas.

Selena ficou espantada com o comentário dele. Levou à boca outra garfada da deliciosa massa e, em seguida, perguntou:

- O senhor acha que meus alvos para o namoro estão muito elevados e difíceis?

- Não, respondeu o pai. Estão ótimos! Dá para perceber que você pensou muito no assunto. E a outra lista, o seu credo? É um resumo daquilo que você pensa?

A garota fez que sim.

- De onde tirou essa idéia? quis saber o pai.

- O senhor vai rir de mim.

- Talvez não. Experimente.

- Vi isso uns meses atrás, numa loja de música do shopping, onde fui com o Ronny. Tinha um cartaz na parede, com o título “O Credo do

Roqueiro”. Nele havia uma lista de dez pontos pra quem gosta de rock. O negócio era meio cômico, tipo “Se a música estiver muito alta, você já é velho demais”.

O pai sorriu.

- Bom, continuou Selenia, meu credo é o que eu penso com relação à pureza.

Ela colocou outra garfada na boca e mastigou devagar. No momento em que escrevera o “credo”, ela tivera uma atitude muito espiritual. Agora, porém, conversando com o pai a respeito da questão, sentia-se meio ridícula, além de bastante constrangida. Sabia que não deveria ter tal reação, mas estava tendo.

- E o que foi que você escreveu no seu credo?

- Escrevi apenas que meu corpo é um presente, e que é Deus, não eu, que vai decidir para quem vou entregá-lo. Disse também que os melhores presentes são aqueles que estão bem embrulhadinhos. Um presente que já foi aberto e depois embrulhado de novo não serve. O papel fica amarrotado, a fita toda amassada, e o durex não prega direito. Entendeu o que quero dizer?

O pai sorria levemente, exibindo suas ruguinhas em volta dos olhos. Ele fez um aceno de cabeça, indicando à filha que continuasse.

- Basicamente é isso, explicou a garota. Creio que o plano de Deus pra mim é que eu seja como um presente bem embrulhado. Assim, quando me casar, posso me entregar totalmente ao meu marido, pela

primeira vez. E ele vai saber que sou um presente muito especial, só pra ele.

Pronto, falei tudo, pensou Selena. E nem foi tão difícil assim. Por que será que fico tão sem jeito de conversar sobre esse assunto?

A garota percebeu que no canto dos olhos do pai surgira uma lágrima. Ele abaixou a cabeça e ficou remexendo a comida no prato. Afinal ergueu o rosto para ela e disse:

- Isso é maravilhoso, filha! Se eu quisesse lhe dizer tudo isso, talvez não tivesse dito de forma tão perfeita. E você é exatamente o que acabou de falar: um presente lindo e muito especial. Estou muito feliz com você.

Nesse instante, Amy aproximou-se da mesa deles e abaixou-se para conversar com Selena, quebrando a beleza do momento.

- Selena, você nem adivinha! disse ela quase sem fôlego, os olhos escuros brilhando de emoção. Ele me convidou pra sair, na terça-feira, exatamente como imaginei. Nós vamos ter de sair pra fazer umas compras neste final de semana, Selena! Tenho de comprar uma roupa nova.

- O.k., replicou Selena.

Era difícil deixar a atmosfera séria da conversa que estava tendo com o pai e “entrar” no mundo dos sonhos românticos da amiga.

- Você não ficou empolgada? indagou Amy.

- Fiquei. Claro que fiquei. Isso é maravilhoso! disse Selena

Ela até gostaria de participar da felicidade da colega, mas Nathan não lhe parecia um bom rapaz para Amy.

- Estou tão empolgada! exclamou a outra, dando um leve aperto no braço da garota.

Em seguida, saiu apressadamente, voltando ao posto de recepcionista.

- Conversa de amigas? quis saber o pai.

- É, pai, desculpe!

- Não tem problema. Já estou querendo a sobremesa, e você?

- Também.

Instantes depois, Wesley veio à mesa deles, e por recomendação do rapaz pediram uma musse de chocolate. A garota pediu ainda chá de ervas e ficou a observar Nathan com o canto dos olhos. Daí a pouco, Ronny se aproximava.

- Posso tirar os pratos? indagou ele, já pegando o de Selena e a vasilha do pão. Ah, vocês pediram o pão romano, hein? Ele é muito bom, né?

- Muito bom, concordou Selena. E o ravióli também estava ótimo.

- É, hoje parece que ele está excelente. Vou jantar daqui a dez minutos, e acho que vou pedir isso também. Tchau! Depois a gente se vê!

A mesa estava vazia, e o Sr. Jensen limpou algumas migalhas que haviam ficado sobre a toalha. Depois, enfiou a mão no bolso do paletó e retirou de lá uma folha de papel.

- Escrevi umas palavras para lhe dizer, principiou ele, mas acho que não preciso dizer tudo, já que assumiu uma posição firme com relação à pureza. Uns dias atrás fiz um seminário só para homens, não sei se você

se lembra. Bom, eles recomendaram a nós, pais, que orientássemos nossos filhos no sentido de se manterem puros.

Selena ainda se recordava de como o pai chegara em casa todo eufórico, após aquela reunião em que os homens haviam passado o dia todo na igreja. O Ronny dissera o mesmo com relação ao pai dele. Agora estava entendendo esse jantar no restaurante e a conversa franca. Era a tarefa que os preletores haviam dado aos pais. Ou pelo menos eles tinham aconselhado os homens a fazerem isso, isto é, a conversar com os filhos sobre pureza sexual. Ela esperava que o pai não viesse com uma palestra sobre a importância de não praticarem o sexo na adolescência. O professor de Ciências fizera uma na escola, meses atrás. E ela não estava a fim de ouvir uma lista de doenças sexualmente transmissíveis bem na hora da sobremesa.

- O primeiro item da minha lista, começou o pai, é dizer-lhe que você pode ter certeza de que nós confiamos em você e nas decisões que tomar com respeito aos seus relacionamentos. Mas toda vez que você tiver alguma dúvida, alguma pergunta, pode vir falar comigo ou com sua mãe, está bem? Sou seu pai, e você pode confiar em mim para conversar sobre qualquer assunto mesmo que se sinta envergonhada.

- Está bem, replicou Selena.

- Estou falando sério mesmo, filha. Sempre que quiser pode conversar comigo ou com sua mãe.

- Sei disso, falou ela.

- Outro fato que quero lhe falar é que a vontade de Deus é sempre a melhor para nós. Aliás, é o único caminho que temos a seguir. E a Bíblia diz que Deus criou o sexo para ser praticado por um homem e uma mulher que assumiram o compromisso do casamento.

Selena voltou a sentir-se um pouco constrangida. Queria que o pai falasse mais baixo. Não desejava que os outros clientes ali por perto ouvissem o que estavam conversando.

- Tem um versículo que quero ler para você, continuou ele, desdobrando o papel.

Selena viu as frases que ele escrevera, com letras bem pequenas e organizadas em forma de esboço. Esse era o jeito como ele fazia suas anotações. Até a lista de compras da casa ele fazia enfileiradas, como um esboço. Escrevia tudo com letras maiúsculas e conseguia colocá-las em linha reta, mesmo que o papel não fosse pautado. Dava para perceber que ele passara um bom tempo elaborando aquelas notas.

- E, 1 Coríntios 6.19, diz o seguinte: “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?”

O Sr. Jensen ergueu os olhos do papel e continuou:

- É aquilo mesmo que você estava dizendo. Seu corpo é um presente. E é Deus quem vai decidir para quem será esse presente.

Wesley chegou com o jarrah de chá e a deliciosa sobremesa.

- Musse de chocolate para dois, disse ele, e um chá de amêndoa de cereja. E vou trazer mais café.

Em seguida, saiu com a mesma rapidez com que surgira.

- Vou ler o versículo 20 também, disse o pai. “Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.”

Srlena colocou o saquinho de chá na água quente, lembrando a si mesma que não o queria muito forte.

- Acho que você já pensa assim, prosseguiu o pai.

- Penso mesmo, respondeu Selena.

- Estou muito feliz de ver que você já estabeleceu suas próprias normas e escreveu o seu credo. Por experiência própria, sei que casar virgem é o melhor que pode acontecer a um casal.

Selena recordou-se de que ouvira a mãe dizer que tanto ela como o pai eram virgens quando se casaram. Contudo, agora, ouvindo isso do pai, a questão lhe parecia diferente. Dava-lhe uma sensação de segurança. Tinha esperança de que, em alguma parte do mundo, ainda houvesse rapazes muito legais se guardando fisicamente para a futura esposa.

Capítulo Quatro

Selena enfiou a colherinha na tentadora sobremesa e levou-a à boca, deixando-a derreter na língua.

- Hummm, que delícia! exclamou.

Seu pai dobrou a folha de papel e guardou-a volta no bolso. A garota pegou outra colherada do doce. Nesse momento, viu o pai tirando do bolso de dentro do paletó uma caixinha preta.

- Isto é para você, disse ele, colocando-a à frente da filha. Eu e sua mãe resolvemos lhe dar esse presente. Com ele, estamos lhe dando todo o nosso apoio e querendo reforçar sua decisão de permanecer pura até o dia do casamento e se guardar para o seu futuro marido.

Selena engoliu rapidamente o doce e olhou-o com ar de espanto.

- O que é isso?

- Abra e veja.

Ela ergueu a tampa. A caixinha tinha um forro aveludado, e bem no meio dela achava-se uma aliancinha de ouro.

Ouro?! Eu só uso jóias de prata. Por que me deram um anel de ouro?

- Olhe dentro, falou o pai.

No rosto dele havia uma expressão de expectativa. A garota não teve coragem de dizer que não usava nada de ouro. Na face interior da aliança, estava gravada a inscrição: “2 Co 6.19, 20”.

- É o texto que o senhor leu, comentou ela.

O Sr. Harold fez que sim, todo animado.

- É para lembrar-lhe sempre que você pertence a Deus e que, como você mesma disse, seu corpo é um presente que precisa ficar embrulhado até o dia do seu casamento.

- Obrigada! exclamou a garota, sem saber o que mais poderia dizer.

- Experimente.

Selena não sabia ao certo em que mão deveria usar aquele anel. Resolveu enfiá-lo no anular da mão direita. Tinha a impressão de que era ali que ele deveria ficar.

- É lindo! continuou ela. Obrigada, pai!

- Que bom que você gostou, disse ele e pegou uma colherada de sobremesa.

Selena ficou alguns instantes a olhar para o dedo e depois comeu um pouco mais de doce. Parecia esquisito estar com uma jóia que não fora ela que comprara. Além do mais, iria precisar de algum tempo para acostumar-se a usar um anel de ouro.

Wesley retornou trazendo a conta e outra vez olhou para a mão da irmã. Sorriu para o pai.

- Gostou? indagou ele. Eu ajudei papai a escolher.

- Gostei. É muito bonita.

- Papai falou que você só usava jóias de prata, mas achei que essa aliança, por ter um significado especial, precisava ser de ouro. Assim não parece que é uma jóia comum. É distinta das outras.

Quando o rapaz estava falando, Selena notou, pela primeira vez, que ele também estava usando uma aliança semelhante na mão direita.

- E você? Quando foi que ganhou a sua? indagou ela, indicando a mão dele.

- Na semana passada, explicou o rapaz. No mesmo dia que papai comprou a sua. E comprou uma para a Tânia também

- Puxa, você e papai saíram pra jantar e eu nem fiquei sabendo! disse ela brincando.

- Não, ele me deu o anel no carro, quando estávamos voltando da joalheria. Só você e a Tânia é que vão ter uma noite especial para a entrega do anel, explicou Wesley.

Em seguida, ele pegou o pratinho com a conta e o cartão de crédito do pai.

- Volto já, falou.

Selena virou-se para o pai.

- Como é que o senhor vai dar o da Tânia pra ela? indagou.

- Ainda não sei, replicou ele, respirando fundo. Pensei que talvez você pudesse levá-lo lá para ela, na semana que vem, quando for à Califórnia. Obviamente não será uma ocasião especial, como a que tivemos hoje, mas não sei quando ela vai voltar. Ou então vou ter de fazer uma viagem até lá para entregar-lhe a aliança.

- Acho que ela iria gostar mais disso, comentou Selena.

A garota não se sentia muito segura com a idéia de entregar aquele anel para a irmã. Assim, provavelmente, a jóia não assumiria o significado especial que deveria ter.

Wesley voltou e o pai assinou a nota do cartão de crédito, pegando a folha que lhe pertencia. A garota percebeu que ele deixou uma generosa gorjeta para o filho. Em seguida, levantou-se. Selenia pegou o buquezinho e segurou-o com um pouco mais de tranquilidade enquanto saíam do restaurante. Quando já se achavam quase na porta, Ronny aproximou-se.

- Você vai à Highland House amanhã? indagou o rapaz.

- Não, só na segunda-feira. Tenho de trabalhar o dia todo amanhã.

- Eu também, continuou Ronny.

Ele trabalhava no restaurante apenas duas noites, mas tinha ainda o serviço de aparar gramados, no qual, por vezes, ficava ocupado a semana toda.

- Então, tchau! disse o rapaz, afastando-se para ir arrumar outras mesas.

Nesse instante, Amy puxou Selenia para um lado. A saleta de espera estava lotada.

- Dá uma ligadinha pra mim amanhã cedo antes de ir trabalhar, 'tá bom? Se você puder me emprestar sua saia azul, não vou precisar comprar uma roupa nova. Ela combina com a blusinha de veludo que comprei outro dia.

- Posso emprestar, sim, replicou Selenia. Só que você terá de ir à minha casa e me ajudar a procurá-la. Meu quarto está uma bagunça.

- É. Sei como é isso. Tenho andado tão ocupada que não sobra tempo pra arrumar o meu.

- É, eu também vivo dando essa desculpa, comentou Selenia. ‘Tá, eu ligo pra você.

O Sr. Harold abriu a porta para a filha e os dois foram caminhando devagar pelo estacionamento. Agora ela não se sentia tão constrangida, como se sentira no momento em que haviam chegado. Pensou que deveria ter pregado o buquezinho na roupa para agradar ao pai.

- Sabe, principiou ele, espero que você não perca sua vivacidade natural.

- Como assim? quis saber Selenia.

- É que você tem um jeito próprio de ser. Tem uma energia, um encanto próprio. Espero que não perca isso no seu relacionamento com os rapazes.

Ele abriu a porta do carro e a garota entrou. Sentou-se, puxando a barra do vestido para que não subisse.

- O senhor acha que vou perder? perguntou ela assim que o pai também entrou no veículo. Quero dizer, acha que não vou continuar sendo natural quando estiver na companhia de um rapaz?

- Não; creio que sempre agirá com naturalidade ao lado um rapaz ou de outra pessoa qualquer. Isso é um dos seus traços fortes. O que eu estava querendo dizer é que você possui um padrão de conduta bastante elevado e que estou cem por cento de acordo.

- Mas... disse Selenia, dando-lhe a “deixa” para que continuasse.

- Mas não se esqueça de que é jovem. Deve procurar se divertir nessa fase da vida. Você pode aproveitar a juventude e ao mesmo tempo conservar a pureza. O que estou querendo dizer é que não deve olhar tudo com muita seriedade. Isto é, não comece a pensar que qualquer rapaz com quem você sair é um provável futuro marido. Fique tranqüila e aproveite as oportunidades que lhe aparecerem de fazer amizade com muita gente. Quando chegar a hora, Deus irá encaminhar o rapaz certo para você.

Selena assimilou bem as palavras do pai. Antes de deitar-se, anotou em seu diário tudo que ele dissera, da maneira como conseguiu recordar-se. Ele tinha razão. Precisava divertir-se também. Não deveria ficar analisando cada rapaz que conhecia, para ver se ele era um crente espiritual.

Fechou o diário e apagou a luz. Acomodou-se debaixo das cobertas. Tocou de leve a aliancinha e girou-a no dedo. Era leve e bem lisa.

Pela janela aberta, entravam os ruídos noturnos. Um coral de grilos cricrilava. Um sapo se pôs a coaxar, fazendo coro com eles. A brisa cálida de verão balançava as cortinas leves do quarto. Ao clarão da luz do poste da rua, elas pareciam nuvens a dançar.

Seu pensamento se dirigiu a Paul. Durante vários meses, havia orado por ele. No final do semestre escolar, tivera uma breve ilusão de que começaria um romance com o rapaz. Contudo esse sonho se desfizera no momento em que ele, com a maior frieza, lhe perguntara se era verdade que ela nutria uma “paixãozinha” por ele.

O que sentia por Paul Mackenzie jamais poderia ser considerado uma “paixãozinha”. Era algo bem mais profundo. Na verdade, ela não sabia que nome poderia dar a esse sentimento. Talvez fosse uma intensa ligação espiritual, porque orara por ele várias vezes. Ou poderia ser também um sonho que ela já estava acalentando havia muito tempo. Selena reconhecia que era apaz de se convencer de qualquer idéia, inclusive da ilusão de que ainda havia algo entre ela e Paul.

Contudo não existia a menor evidência de que ele pudesse estar interessado nela. De certo modo, a melhor decisão que ela poderia tomar seria se esquecer de tudo que se passara entre eles. Seria mais sensato empregar as energias emocionais na amizade com Ronny. Esse, sim, era um relacionamento que era capaz de cultivar com toda sinceridade e transparência. Era uma amizade cheia de evidências sólidas, tipo “vida real”, e não um bando de desejos e sonhos ilusórios.

O mais difícil nisso tudo, porém, era o fato de que Selena não sentia liberdade para conversar sobre o assunto com ninguém, nem mesmo com Amy. A única que a compreenderia seria Cris. Na semana seguinte, iria encontrar-se com Cris e, se houvesse condições, poderia abrir o coração para ela. A amiga sabia o que era guardar alguém no coração. Além de ser mais velha que Selena, ela própria também já encontrara o grande amor de sua vida - Ted. Os dois estavam aguardando a orientação de Deus para eles. Selena admirava bastante a Cris e desejava imitá-la.

Pôs-se a orar pelo Paul e pelo curso que ele iria fazer na Escócia. Orou pelos seus estudos e pelos momentos que ele passaria com a avó.

Pedi a Deus que tudo isso lhe trouxesse grande enriquecimento espiritual. Embora o rapaz estivesse distante dela milhares de quilômetros, nada poderia impedi-la de pensar nele. Nada, nada mesmo, poderia impedi-la de orar por ele E assim caiu no sono.

Capítulo Cinco

Amy foi à casa de Selenia no domingo à noite. Ainda se mostrava toda empolgada com o encontro que teria com Nathan. Viera buscar a saia azul da amiga. As duas procuraram a peça no quarto de Selenia durante mais ou menos meia hora. Na verdade, foi Selenia quem procurou, enquanto a outra permanecia sentada na poltrona, falando sem parar sobre o rapaz.

- Ontem, fiquei sabendo que ele adora biscoito de amêndoa, informou ela. Então estou pensando em fazer pra ele na terça à noite. Mas vai ser surpresa. Eu lhe contei que ele morava em Seattle e se mudou pra cá recentemente? Pois é. Ele disse que aqui faz mais calor do que lá. Ei, olha sua saia aí, debaixo dessa calça jeans. É ela!

- É mesmo, concordou Selenia. Que bagunça! Eu devia ter ido pendurando essas roupas todas enquanto estava procurando. Toma. Está toda amarrotada, mas você pode levar. Ah, e se você resolver lavá-la, tem de ser à mão e em água fria. Depois, só torce e põe pra secar no varal. Não pode secar na máquina não, o.k.?

- Parece que está limpa. E esse tipo de roupa não se usa amarrotada mesmo? Está ótima.

Amy ficou olhando a saia por uns instantes e depois se voltou para a amiga.

- E aí, você está empolgada com sua viagem de férias?

- Não sei se é bem uma viagem de férias, comentou Selena. É, é mais ou menos isso. Estou muito empolgada sim, continuou ela, abrindo o guarda-roupa e pegando alguns cabides para pendurar as peças que estavam jogadas por ali.

- Bom, eu já vou, disse Amy. Já são mais de 9:00h, e o Nathan pode ligar pra mim.

Levantou-se e de repente virou o lado do rosto para a janela aberta, pondo-se a escutar algo.

- Olha! exclamou. Tem um sapo coaxando lá fora!

- É. Faz vários dias que ele está aí. Acho que está querendo competir com os grilos. Ontem à noite, fiquei um tempão acordada por causa do “concerto” deles.

- É! Eles aprontam um barulhão, né? Devem estar gostando do jardim de vocês. Tem muito lugar pra se esconderem.

- É; deve ser isso mesmo, concordou Selena. Não se esqueça de me ligar contando como foi o encontro com Nathan. O vôo sai às 10:00h da manhã, na quarta-feira. Então você terá de me ligar na terça à noite, se chegar em casa antes das 11:00h, ou então na quarta mesmo, antes das 9:00h.

- Tá certo. Obrigada pela saia. Tchau pra você!

A garota saiu apressada e Selena correu os olhos pelo quarto, agora mais bagunçado ainda.

- Não estou com a menor vontade de arrumar isso, resmungou consigo mesma.

Deixou-se cair na cama e ficou a ouvir o ruído dos bichinhos noturnos. Puxou as cobertas até o queixo. Abriu a boca e, procurando colocar na voz um tom grave, tentou imitar o coaxar do sapo.

Amanhã arrumo o quarto, resolveu.

Entretanto, na segunda-feira, não conseguiu levar avante a boa intenção. Após o trabalho voluntário na Highland House, acabou indo com o Ronny para o ensaio da banda dele. Foram para a casa de um rapaz do grupo e ficaram quase duas horas, fechado dentro de uma garagem abafada, passando e repassando a mesma música diversas vezes. No fim, ela não estava mais agüentando aquilo e sentia-se arrependida de ter ido ali.

Afinal, quando ela e Ronny foram embora, resolveram parar numa lanchonete para comer algo. Assim que chegou em casa, só queria cair na cama. Nem mesmo o coral dos grilos inspirou-a a viajar pela terra dos sonhos.

A terça-feira também foi tão agitada quanto o dia anterior. Pela manhã, foi trabalhar na confeitaria Mother Bear. A tarde, de 2:00h às 5:00h, ajudou no serviço da Highland House. Depois retornou à confeitaria, onde trabalhou mais duas horas.

Finalmente, na terça-feira, às 8:30h da noite, Selenia conseguiu tempo para jogar algumas roupas numa sacola de viagem e em seguida embrulhar o presente de Douglas e Trícia. Sabendo que a amiga gostava

muito de chá, ela lhe comprara um bulezinho de porcelana decorada, na tradicional feira de Portland. Era um objeto diferente, obra da arte polonesa. Em outra lojinha da feira, encontrara algumas xícaras que combinavam com o bule, formando o jogo. Agora estava arrumando o pacote, envolvendo as peças em papel de seda. Por fim, depois de muito procurar, arranhou também uma caixa para acondicionar o presente.

Na quarta-feira, por volta de 8:30h, Selena já estava com tudo arrumado. Levou a sacola para o andar de baixo e parou junto à porta da entrada. Foi então que sua mãe lhe entregou o telefone sem fio. Era Amy.

- Oi! disse Selena. Já estou de saída. Ainda bem que você me encontrou aqui. E aí? Quero saber tudo, mas bem depressa. Aonde vocês foram? Foi legal?

- Posso resumir tudo em duas palavras: estou apaixonada, respondeu Amy, soltando um suspiro.

- Ah, que é isso? indagou Selena rindo. Deixe de brincadeira!

- Estou falando sério, interveio Amy. Nathan é o cara perfeito pra mim. Primeiro, fomos jantar fora. Não foi um jantar chique, nem nada. Fomos a uma lanchonete perto de Belmont. Um lugar lindo! Depois, demos um passeio no parque. Ele segurou minha mão. Foi tão romântico! Fomos para aquelas gangorras que tem lá, e ele me balançou mais ou menos meia hora. Depois, rodamos no carrossel e, em seguida, fomos ao escorregador e descemos os dois juntos. Eu ri tanto! Ah, deu um rasgão em sua saia. Foi só um pequenininho. Quase nem dá pra ver. Mas vou consertar, viu?

- Como foi que aconteceu isso? perguntou Selena, tentando falar com voz tranqüila.

- Ela agarrou na gangorra. Mas nem dá pra ver direito. Não fique com raiva, não, 'tá?

- Não estou com raiva, não. Só queria saber.

- Quer que eu conte o resto, ou não?

A mãe de Selena apareceu à porta e olhou para a filha, que estava sentada no último degrau da escadinha. Deu uma batidinha de leve no relógio e fez uma expressão como quem diz: "Vamos embora!"

- Quero, mas conta depressa, disse a garota para a amiga.

- Entramos no carro e fomos dar uma volta. Chegamos num lugar de onde a gente avista uma parte da cidade até o rio. É uma vista maravilhosa, com as luzes acesas. É tão tranqüilo Depois... tem certeza de que quer que eu conte?

- Claro!

- Bom, primeiro ele me beijou. Depois, eu o beijei. Aí beijamos mais um pouco e...

- Amy! gritou Selena. 'Tá falando sério? Por que você fez isso?

- Calma, Selena! Menina, você me deu um susto com esse grito! Nós só beijamos. Não tem nada de errado nisso. Foi muito romântico. Ele ligou o rádio do carro...

Nesse ponto, ela parou e mudou de tom.

- Puxa, Selena, por que você gritou assim comigo? Sei que foi nosso primeiro encontro, mas não fizemos nada de errado, absolutamente nada.

Não gostei nem um pouco de sua reação, dando a entender que o que fiz foi errado.

- Espere, Amy, interveio Selena. Não tinha a intenção de ser tão rigorosa. Mas o fato é que vocês mal se conhecem. Acho que você deveria ir mais devagar. É só isso.

A outra não respondeu. Selena ouvia a respiração da amiga do outro lado da linha.

- Olhe aqui, Amy, continuou Selena, eu ligo pra você no domingo à noite, quando eu chegar. Talvez na segunda a gente possa se encontrar pra conversar, o.k.?

- Acho que não temos nada pra conversar, retrucou Amy. Eu lhe contei sobre a noite mais romântica da minha vida e você logo se pôs a me julgar. Por que não pode ficar alegre com a minha felicidade? Nunca pensei que você teria esse tipo de reação, Selena!

A mãe de Selena pegou a sacola da filha.

- Selena, temos de ir agora, disse ela em voz firme, senão você vai perder o avião.

A garota acenou que sim para a mãe.

- Tenho de ir embora, Amy. Depois a gente se fala mais. Não faça nada... e aqui ela se interrompeu sem saber como concluir a frase.

- O quê? quis saber a outra. Não faça nada que você não faria? continuou Amy com voz sarcástica. Não sou freira, Selena. Mas também não sou nenhuma sem-vergonha. Então não comece a me dar a impressão de que sou.

- Não quis dar essa impressão, não, defendeu-se Selenia. Assim que eu voltar, telefone pra você. Tchau!

Desligou o telefone e se levantou para pegar a sacola na mão da mãe.

- Algum problema? indagou a mãe.

- Acho que sim. Não sei. Amy conheceu um cara no trabalho dela e agora, de repente, está apaixonada por ele.

As duas desceram a escada e se dirigiram para a perua.

- Ela é tão impulsiva! continuou Selenia. Às vezes me preocupo muito com ela.

- É, entendo, comentou a mãe, entrando no veículo e introduzindo a chave na ignição. Está com a passagem?

- Está aqui na mochila, explicou Selenia, puxando a “fiel companheira” e abrindo o zíper do bolsinho dela. Está aqui!

Pegou a passagem e leu as informações nela impressas.

- O horário da partida é 10:12h. Dá tempo pra chegarmos lá sem nenhum problema.

- Está levando o presente?

- Está na sacola. É por isso que ela está pesada. Espero que chegue bem lá.

Selenia recostou-se no assento, e a mãe pegou a via expressa que dava acesso ao aeroporto. As últimas palavras que dissera ecoavam em sua mente. Ficou preocupada com a idéia de que seu lindo presente chegasse lá todo desajeitado, o laço amassado, a caixa achatada. Pensou

em como teria vergonha de dar um presente assim para seus amigos. Em seguida, lembrou-se de Amy. Acho que foi por isso que tive uma reação tão brusca com a Amy quando ela disse que eles tinham “ficado” no carro de Nathan, raciocinou ela. Alguns dias antes, ela dissera ao pai que se via como um presente que queria dar ao seu futuro marido, e afirmara ainda que desejava que o invólucro dele estivesse intacto. Talvez o que Amy e Nathan tinham feito não fosse mesmo errado, do ponto de vista da Amy. Entretanto o invólucro do presente dela já não estava intacto. Selena desejou ter tido mais tempo para falar com a amiga. As duas nunca haviam conversado sobre suas opiniões e seu padrão de conduta. Era bem possível que Amy não pensasse da mesma forma que Selena. E será que a amiga iria querer ouvir a sua opinião a respeito do namoro?

Chegando ao setor de embarque do aeroporto, Selena deu um abraço de despedida na mãe e foi despachar a bagagem. Como arrumara a mala na última hora, trouxera mais roupas do que precisaria. Ao lembrar-se disso, ficou mais tranqüila. As roupas iriam acondicionar o presente, atuando como uma proteção para ele. Com a passagem na mão e a mochila ao ombro, dirigiu-se para o portão de embarque. Os passageiros já estavam subindo a bordo. Chegou bem a tempo. Foi para seu assento, colocou a mochila debaixo do banco da frente e se pôs a olhar pela janelinha.

A primeira providência que iria tomar, assim que voltasse, seria ligar para Amy. O grande problema, porém, era que a amiga talvez não quisesse ouvir o que ela tinha para lhe dizer.

Capítulo Seis

Selena se levantou, juntamente com os demais passageiros, aguardando que todos caminhassem para a saída do avião. Sabia que Tânia estaria esperando-a. Ela era bastante meticulosa em muitos aspectos. Um deles era a pontualidade nos compromissos.

E realmente, assim que Selena entrou no terminal, a primeira pessoa que avistou foi a linda irmã. Só que Selena levou um pequeno susto ao vê-la. Tânia havia tingido o cabelo. Em vez do louro natural, agora ele estava com a cor acaju. Aquele tom castanho-avermelhado a deixava com um ar ainda mais sofisticado e com jeito de adulta.

Quando Tânia se mudara para a Califórnia, começara a trabalhar como modelo numa pequena empresa da própria cidade onde morava. E olhando-a ali, de pé, a esperá-la, Selena achou que a irmã parecia mesmo uma modelo perfeita.

- Você estava na cauda do avião? indagou ela para Selena, dando-lhe um abraço formal.

- Não, no meio, replicou Selena.

- Humm, parece que você demorou tanto para sair...

- E você não pode pelo menos dizer: "Oi, Selena! Que bom que você chegou!"? Por que tem logo de me criticar por haver demorado a desembarcar?

- Não estava criticando. E é claro que acho muito bom que você tenha vindo aqui.

Aa duas saíram caminhando em silêncio em direção ao setor de recolhimento das bagagens. Por fim, Selena disse:

- Acho que estou preocupada com um problema. Desculpe, Tânia. Seu cabelo está muito legal! Como é que está sua vida aqui? Tudo bem?

- Maravilhosa! Recebi outra oferta para fazer fotos para um catálogo de uma loja, Castle Clothes, e isso é ótimo. Pagam muito bom. O salário é melhor do que o dos trabalhos que tenho feito até agora, fazendo apresentações em restaurantes.

- Em restaurantes?

- É; eu trabalho numa boutique que fica ao lado de um restaurante chique aqui de Carlsbad. E todos os dias, na hora do almoço, fico circulando pelo salão, cada hora com uma roupa de loja. Falo com os freqüentadores sobre as peças que estou usando e distribuo cartões nossos. Não ganho muito, mas também trabalho poucas horas.

- Nunca ouvi falar desse tipo de atividade, apresentar roupas em restaurantes.

- Pois é muito comum por aqui.

Tânia conduziu a irmã para o local onde ficava a esteira rolante. As duas continuaram conversando enquanto aguardavam que a bagagem de Selena aparecesse.

- As fotografias que vou fazer para o catálogo da Castle vão ser tiradas em La Jolha, que não é muito longe de onde moro. Vou trabalhar lá uns quatro ou cinco dias. Aí sim, vou ganhar muito dinheiro.

- Como vai o Jeremy?

- Ótimo! respondeu Tânia, com um sorriso de satisfação.

- Cris combinou alguma coisa com você? indagou Selena. Não sei onde vou ficar.

- Ué, ela não lhe falou? É na casa da Marta.

- Na casa da tia dela? Vou ser a única que vai ficar lá? perguntou Selena meio tensa.

Ela já estivera naquela luxuosa casa de praia. Era maravilhosa, mas Selena não gostava muito da Tia Marta. Tânia, porém, gostava. Fora Marta quem a havia incentivado a tentar a carreira de modelo.

- Não se preocupe. A Cris e a Katie também vão ficar lá.

- Olhe a minha mala! Deixe que eu a pego.

Com muito cuidado, a garota retirou a sacola de viagem da esteira e, em seguida, as duas se encaminharam para o estacionamento.

- Está com fome? quis saber Tânia. Quer almoçar antes irmos para a casa de Bob e Marta? Tirei a tarde toda de folga, qualquer hora que você chegar lá está bem para eles.

Selena viu isso como uma atitude amistosa da irmã. Não era sempre que ela se dispunha a passar alguns momentos em sua companhia. Achou que era melhor então aproveitar bem essa oportunidade.

- Claro! Aonde você quer ir? Eu pago, 'tá? Tenho trabalhado muito nestas férias e, portanto, estou com dinheiro até demais.

Tânia ergueu ligeiramente as sobrancelhas finas, no momento em que destrancava o carro.

- Está bem! Então vou deixá-la pagar. Mas não vai demorar muito e você também vai querer comprar seu carro e alugar um apartamento para ir morar sozinha. Aí você vai ver como o dinheiro evapora rápido.

Rodaram na direção da praia. Tânia parou num pequeno restaurante a poucas quadras do mar. Era uma casa adaptada, com mesas ao ar livre também. Na entrada, havia um portãozinho branco, feito de ripas. Perto, havia uma treliça, na qual se via uma trepadeira de madressilvas, desprendendo no ar um perfume adocicado.

- Vi este restaurante aqui semanas atrás, explicou Tânia. E me pareceu ser muito legal. Tentei convencer o Jeremy a vir comigo, mas ele não mostrou muito entusiasmo. Acho que é mais um lugar para mulheres, para irmãs.

Selena teve uma sensação agradável ao ouvir isso. *É, acho que estamos mesmo ficando adultas*, pensou. Almoçar num restaurante assim, uma casa aconchegante, era coisa de irmãs adultas, não de meninas.

A recepcionista conduziu-as a uma das mesas ao ar livre, protegida por um guarda-sol amarelo-claro, e entregou-lhes os cardápios, uma longa folha de papel com desenhos de margaridas. Pelo que dizia o menu, tudo era feito no próprio dia. A especialidade da casa, obviamente, eram as saladas.

E durante duas horas, Selena e Tânia ficaram ali conversando e rindo, desfrutando da companhia uma da outra. Selena estava adorando ouvir a irmã contar casos sobre o relacionamento com Jeremy. Bem lá no fundo, sabia que a razão de gostar tanto de escutá-la não era unicamente o fato de os dois serem namorados. O principal motivo era que o rapaz era irmão de Paul. Ouvindo Tânia falar sobre Jeremy, em certos aspectos, era como ouvir a respeito de Paul.

Afinal, pediram a conta, e Selena levou um susto. Deu quase 30 dólares. Ela trouxera o dobro disso, portanto não teria problema para pagar. Só que tinha dificuldade para entender como duas saladas, um pratinho de frios e dois chás de amora gelados custavam tanto. Acabou se convencendo de que esse era o preço que se pagava por se tornar adulta. Contudo valia a pena ter tal despesa para passar momentos como aquele ao lado da irmã.

Quando voltavam para o carro, Tânia comentou:

- Notei que você está usando uma aliancinha. Achei que iria me contar quem te deu esse anel.

- Ah... principiou Selena, girando a jóia com o polegar, na verdade...

Não sabia ao certo se deveria relatar a história toda, falando sobre o jantar com o pai e tudo mais. Será que deveria mencionar que ele iria dar uma para Tânia também? Ou deveria conversar, dizendo que não era nada importante?

- Ganhou isso de algum admirador secreto? insistiu a irmã com um tom brincalhão na voz. Do Ronny, talvez?

- Não. Não foi o Ronny que me deu, não. Foi papai.

- Papai?

Selena fez que sim. Tânia se pôs a rodar pela estrada que acompanhava o oceano.

- Papai lhe deu uma aliança de ouro? indagou, com os olhos arregalados de espanto.

- Quer dizer, foi Wesley quem teve a idéia de comprar de ouro. Papai ia comprar um anel de prata. Mas como o Wesley já estava com um de ouro, sugeriu que o meu também fosse de ouro. Ele simboliza um compromisso de pureza. No interior dele há um versículo gravado. Serve como um lembrete pra mim de que prometi a Deus que vou permanecer pura até me casar.

Tânia não disse nada.

- Papai comprou um pra você também, continuou Selena. Não sei se era pra lhe contar isso. Ele me pediu pra trazer o anel pra você, mas achei que era melhor ele mesmo dar pessoalmente. Papai vai arranjar uma data pra vir aqui. Mas, por outro lado você pode ligar pra ele e dizer que lhe contei tudo e, de repente ele pode simplesmente mandá-lo pelo correio.

- 'Tá bom. Não tem importância.

Selena ficava nervosa quando a irmã dizia algo assim. É que Tânia era filha adotiva. Vez por outra, dava a impressão de se sentir como uma intrusa na família. Talvez ela estivesse se sentindo desse jeito agora, por

causa da história do anel. Selena devia ter visto como seria importante que ela tivesse trazido a aliança para dá-la à Tânia.

- Um anel de pureza é muito significativo para alguém da sua idade. Que bom que papai lhe deu um.

- Sinto muito, Tânia. Devia ter trazido o seu.

- Não tem importância, não, repetiu a outra. Estou falando sério.

Um pesado silêncio envolveu as duas.

- Bom, disse Tânia afinal, procurando mudar de assunto, acho melhor eu já lhe dizer quais são os planos do pessoal para este final de semana, pelo menos os que estou sabendo. Hoje à noite vai haver um chá-de-panela para a Trícia na casa dos pais dela. Os rapazes também vão fazer uma festinha para o Douglas na dos pais dele. Amanhã tenho de trabalhar, mas na sexta-feira à tarde, assim que sair do serviço, vou voltar. O casamento vai ser aqui mesmo em Newport Beach.

- Lembrei-me de uma coisa, disse Selena. Não tenho presente para o chá-de-panela.

- Se você quiser, ponho seu nome no meu presente, e você racha comigo o preço dele.

- Boa idéia! E quanto é a minha parte?

- Só 22 dólares.

Vinte e dois dólares! pensou Selena. *Meu dinheiro está indo embora feito água!*

Naquele instante, chegaram à casa de Bob e Marta. Uma velha kombi estava estacionada à frente dela. O veículo parecia totalmente deslocado naquele bairro de residências caríssimas.

- Que será que esse carro está fazendo aí? disse Selenia, pensando alto.

- Você não conhece a velha “kombinada”, não? É do Ted. Eu tinha ouvido falar que ele iria largá-la num cemitério de carros. Mas é possível que ainda tenha descoberto algum sopro de vida na “velhinha”.

Tânia puxou o freio de mão e em seguida a alavanca para brir o porta-malas. Selenia pegou sua sacola de viagem e fechou-o. Nesse momento, a irmã já se encontrava à porta, tocando a campainha. Quem veio atender foi Marta, uma mulher morena, baixinha, muito bem arrumada. Cumprimentou a jovem dando-lhe um beijinho em cada face, sem contudo encostar no rosto dela. Avistando Selenia, estendeu-lhe a mão de unhas bem manicuradas e disse:

- Que prazer em revê-la!

Selenia foi entrando lentamente, arrastando a sacola e procurando não esbarrá-la em nada. Mal haviam fechado a porta, quando apareceu Bob, o tio de Cris, que abraçou as garotas com seu jeitão alegre.

- Vamos entrando, meninas! disse ele. Aqui, me dê sua sacola.

Selenia fitou-o demoradamente, não conseguindo tirar os olhos dele. Quando o conhecera, no recesso da Páscoa, a impressão que tivera dele fora de um homem saudável, cheio de energia. Era mais baixo que seu pai e um pouco mais cheio de corpo. Tinha o rosto queimado de sol e cabelo

escuro. Trazia sempre nos olhos um brilho amistoso. Era um homem muito simpático. Não poderia ser considerado um astro de cinema, mas era bonito. Contudo, na época do recesso de Páscoa, ele sofrera um acidente. Uma churrasqueira a gás explodira. Agora a garota via a extensão das queimaduras que ele sofrera. A cicatriz ia da orelha esquerda - que ficara bastante deformada - até a base do pescoço, do mesmo lado. A pele dele estava avermelhada, enrugada e com uma marca feia. Embora Selenia tivesse estado presente no dia do acidente, não fazia ideia de que havia sido tão grave.

Bob ficara profundamente traumatizado com o acontecido. Aliás, ao final daquela semana, ele testemunhou que acabara entregando a vida a Cristo. Com aquele acidente, ele compreendia o quanto a vida humana era frágil e entendera que precisava ter paz com Deus.

Quando Selenia viajara de volta para casa, dias depois, ia com a sensação de que a tragédia tivera um final feliz. Contudo, vendo que Bob teria de carregar aquela cicatriz pelo resto da vida, já não pensava mais assim. É verdade que, por causa disso, quando ele morresse, iria para o céu, mas ficaria marcado até o fim de seus dias. Lembrou-se de Amy. E se, no namoro com o Nathan, ela fosse avançando cada vez mais? Ao pensar nisso, Selenia estremeceu.

Embora sempre se possa tirar algum proveito de um “acidente”, pensou, alguém pode acabar ficando marcado pelo resto da vida.

Capítulo Sete

- Acabem de entrar, meninas! disse Bob para as recém-chegadas. O Ted e a Cris estão lá fora. Querem beber algo? E almoçar? Estão com fome?

- Não, obrigada. Paramos num restaurante e almoçamos, explicou Tânia, dando uma olhada para o relógio de pulso. Tenho de ir embora. Estou encarregada de pegar o bolo para o chá-de-panela, e não sei ao certo quanto tempo vou demorar para apanhá-lo e ir para a casa da Trícia.

- Fique à vontade, prosseguiu Bob, subindo as escadas com a sacola de viagem da Selenia. Pode voltar à hora que quiser. Estamos pensando em jantar todos aqui, você sabe, né? O convite é para todos.

- Obrigada, replicou a jovem e, virando-se para Marta, continuou: Se o Jeremy ligar, por favor, diga a ele aonde fui. Creio que vou estar de volta aqui lá pelas 5:30h. Ele vai vir com alguns rapazes de San Diego, mas não sei a que horas vão chegar.

- Eu falo com ele, disse Marta. Você gostaria de levar meu celular? Assim pode ligar para cá, se precisar.

- Pode deixar.

- Não, leva sim, eu insisto.

Marta pegou a bolsa que se achava sobre uma mesinha com tampo de mármore, junto à escada, e deu o telefone para Tânia.

- Aqui, disse. Você sabe nosso número, não sabe? Então é só ligar para verificar como está indo tudo.

- 'Tá bom, obrigada. Depois a gente conversa mais, Selena.

A jovem saiu rapidamente porta afora, deixando a irmã sozinha com Marta.

Selena sorriu.

Marta retribuiu o sorriso.

Pode ter sido apenas imaginação, mas a garota teve a sensação de que aquela mulher não gostava muito dela. Nesse momento, experimentou certo sentimento de culpa, pois também não a apreciava muito. A tia de Cris ergueu um pouco o rosto e disse em tom meigo:

- Bom, vamos lá ver o Ted e a Cris.

Em seguida, foi caminhando à frente de Selena, atravessando a sala elegantemente decorada e dirigindo-se para o pátio que ficava nos fundos da casa.

- Ô Cris, disse Marta antes mesmo que chegassem à porta. Sua amiga está aqui, Cristina.

E saíram para o pátio que dava para a maravilhosa praia e o mar imensamente azul. Os dois jovens se encontravam sentados a uma mesa recoberta por um guarda-sol, um de frente para o outro. Estavam de mãos dadas e se fitavam intensamente. Selena teve a forte impressão de que a chegada delas viera interromper uma conversa muito particular dos dois. Desejou que não houvessem ido ali naquela hora.

Contudo, o Ted imediatamente se levantou e lhe deu um abraço carinhoso. Cris veio logo atrás dele e também abraçou-a apertado. Afinal,

as duas amigas se separaram e se olharam com um sorriso alegre e cumprimentos entusiásticos.

Selena percebeu que apesar de Cris estar sorrindo, tinha lágrimas nos olhos. Ela estava se esforçando para contê-las. Selena compreendeu que, se ela e Marta não houvessem chegado ali naquele momento, ela teria chorado. Entendeu também que não ficaria tranqüila enquanto não pudesse ter uma conversa em particular com a amiga e indagar o que acontecera.

- Foi bem de viagem? perguntou Ted.

O sorriso cálido e constante do rapaz comunicou a Selena uma agradável sensação. Ou ele não estava aborrecido como a Cris estava, ou então sabia disfarçar bem os sentimentos.

- Muito bem, replicou ela. A viagem foi ótima. Eu e a Tânia paramos para almoçar num restaurante muito legal. Foi muito bom.

Nesse momento, Bob também chegou ao pátio. Selena deu outra olhada despistada para Cris. Ela parecia ter controlado as lágrimas rapidamente.

- Sua sacola está no quarto de hóspedes, explicou o tio. Precisa de mais alguma coisa? Quer telefonar para casa e avisar que chegou bem? Ou vocês, jovens de hoje, não ligam mais para esses cuidados?

- Mais tarde eu ligo, respondeu Selena. Aliás, preciso telefonar também pra uma amiga.

- Pode telefonar agora, se quiser, insistiu Bob.

Selena não sabia se Amy estaria em casa àquela hora.

- Então acho que vou tentar, disse ela, se puder.
- Claro! Fique à vontade. A extensão mais próxima é a da cozinha.
- É, eu me lembro, respondeu a garota, entrando de volta na casa.

Ela se recordava que fora no fone da cozinha que ela e Cris haviam chamado o “Resgate” no dia do acidente de Bob. Sentia-se meio estranha agora, meses depois, fazendo o mesmo trajeto - do pátio para a cozinha.

Discou o número de casa, mas a chamada caiu na secretária eletrônica. Deixou um breve recado para os pais, dizendo que havia chegado bem e que tudo estava certinho. Sabia que eles iriam gostar de ela ter telefonado.

Em seguida, ligou para Amy e aí também veio a secretária eletrônica. Como não pensara em algo para dizer, nem sabia quem iria ouvir a gravação, disse apenas: “Amy, aqui é a Selenia. Depois ligo pra você de novo. Tchau!”

Oh, que idiotice! pensou assim que desligou. *Poderia ter deixado um recado codificado mais ou menos assim: “Lembre-se do que eu lhe disse hoje cedo”. É, como se isso fosse adiantar muito. Ela acha que está apaixonada por esse rapaz. Provavelmente os dois estão juntos agora.*

Selenia permaneceu alguns instantes na cozinha, em silêncio.

Por que estou deixando esse assunto me incomodar tanto? A Amy é responsável pelos próprios atos. Não sou seu anjo da guarda nem a sua consciência. Mas ela começa a levar a sério seus relacionamentos com rapazes imediatamente! E se fizer o mesmo com o Nathan? Pode acontecer muita coisa enquanto estou aqui!

- Senhor, disse ela em voz baixa, não sei como é que vou orar por Amy. Mas por favor, Pai, protege-a. Não deixe que aconteça nada de errado entre ela e o Nathan. Quero muito que ela se torne uma crente fiel e que permaneça pura.

Concluiu dizendo “amém” apenas com os lábios e virou-se para voltar ao pátio onde os outros estavam. Contudo interiormente ainda se sentia desinquieta. Como poderia ficar tranqüila se, em casa, a amiga Amy estava com a cabeça no ar por causa de um rapaz, e ali, a Cris parecia estar com um problema sério?

Ah, os problemas de relacionamentos! Quem garante que vou resolver os meus simplesmente por haver feito um credo e tomado uma decisão? Não estou conseguindo ficar calma nem ao ver que minhas amigas estão vivendo relacionamentos intensos!

Parou no meio da sala e foi aí que entendeu algo: seu raciocínio estava completamente errado. Não era ela que tinha de cuidar das amigas, nem dos problemas delas; era Deus. O que devia preocupá-la mais era seu próprio relacionamento com a pessoa mais importante - o Senhor.

Naquele momento, teve uma sensação ligeiramente desagradável que parecia concentrar-se na boca do estômago. Sabia que sempre que tinha esses pequenos “relâmpagos” de entendimento, Deus estava para ensinar-lhe alguma lição. Isso significava, então, que iria crescer espiritualmente. Não gostava muito desse aspecto do processo de se tornar adulta.

Caminhando de leve, saiu para o pátio. Bob se achava junto à mureta de tijolos, conversando com um vizinho. Era um senhor mais velho, quase totalmente calvo que, ao que parecia, estava dando uma volta com seu cachorrinho, seguro por uma correia. Marta se encontrava sentada à mesa com Ted e Cris. Ela conversava animadamente enquanto os dois a escutavam atentos.

Sem saber direito onde deveria ficar, Selena aproximou-se da mureta e estendeu a mão para fazer um agrado no cãozinho. Este soltou um latido agudo e o dono puxou a coleira.

- Desculpe! falou a garota meio sem graça.

- Tem nada não, disse o homem. Cala, Mitsy!

Cris levantou-se e chegou perto de Selena.

- Vamos dar uma volta? indagou.

- Vamos.

- Voltamos daqui a mais ou menos uma hora, disse Cris para o tio.

- O.k., respondeu ele.

No momento em que as duas passavam pela mureta, Selena notou que Marta ainda estava falando algo com Ted, mas os olhos dele se achavam fixos na namorada.

- Você se importa se caminharmos na areia? quis saber Cris

- Não, eu gosto. Achei ótimo você ter me chamado.

- E eu estou tão alegre de você estar aqui!

Cris pegou uma “xuxinha” que se achava em torno do pulso e prendeu-a no cabelo castanho-claro, fazendo um rabo-de-cavalo no alto da

cabeça. Cris era mais alta que Selena e tinha uma graça natural ao caminhar. É verdade que não era tão elegante nem tão linda quanto Tânia. Contudo tinha uma expressão franca no rosto e uma sinceridade no olhar que a tornavam extremamente atraente. Seus olhos azul-esverdeados possuíam uma beleza singular. Selena notou que outra vez eles estavam se enchendo de lágrimas.

- Aconteceu tanta coisa nesses últimos dias! disse Cris, caminhando em direção à beira d'água, onde a areia era mais compacta e facilitaria a caminhada. Minha cabeça está tão cheia que parece que a qualquer momento vai "pifar", como um disco rígido de um computador.

- O que houve, Cris? indagou Selena, tirando as sandálias e enterrando os dedos dos pés na areia quente.

Na praia, ainda se viam alguns banhistas. Várias crianças brincavam na água, rindo e soltando gritinhos. Aquele cenário tranquilo constituía um marcante contraste com a atmosfera pesada que cercava Cris. Esta soltou um longo e profundo suspiro.

- Acabo de receber a comunicação de que a faculdade onde eu queria estudar aceitou minha matrícula. Eu já havia feito um requerimento antes, mas eles recusaram. Por causa disso, comecei a dar andamento em outros planos. Agora, me comunicaram que surgiu uma vaga lá. Tenho apenas duas semanas para resolver se vou ou não.

Uma onda veio deslizando e se desfez exatamente no ponto onde as duas se encontravam. Selena levou um ligeiro susto com o contato frio da água.

- Está muito difícil pra você decidir se vai ou não?

Cris fez que sim. As duas caminharam em silêncio por alguns minutos, sentindo o mar bater no tornozelo delas e depois correr de volta areia abaixo. Selena deu uma olhada para a amiga e viu seus olhos cheios de água. Uma lágrima ecorreu-lhe pelo rosto.

- Essa escola fica na Suíça, Selena! explicou ela em voz suave.

Capítulo Oito

Selena foi caminhando silenciosamente ao lado da amiga. Sabia que seria muito difícil para Cris tomar aquela decisão. Como será que ficaria o namoro com Ted se ela fosse para tão longe? Será que a distância prejudicaria o relacionamento deles? E havia também o fator “aventura”. Elas já haviam conversado sobre isso ao telefone. Tinham chegado à conclusão de que Selena era mais do tipo que gostava de uma viagem longa, como a que haviam feito em janeiro, à Inglaterra, na qual se conheceram. Embora Cris tivesse apreciado aquela estada na Europa e dito que tudo que Deus realizara ali fora perfeito, por natureza, ela preferia ficar mais quieta em casa.

- É, principiou Selena, dá pra sentir que se trata de uma decisão muito difícil pra você.

E eu acho que não deveria ser, comentou Cris, parecendo um pouco irritada consigo mesma. Quero dizer, quem não gostaria de ir para a Suíça? A faculdade tem um curso peculiar, que alia o estudo teórico ao trabalho prático. Portanto eu faria dois anos de estudos em um só.

- Você teria de ficar lá um ano?

- Teria, respondeu Cris com voz abafada. O mínimo que se pode fazer é um semestre, mas eles querem que a gente fique um ano. O trabalho

prático é num orfanato, e é muito ruim para as crianças se as monitoras forem trocadas de poucos em poucos meses.

Continuaram a andar, e Cris falou mais sobre a escola. Reconhecia que era o curso certo para ela, pois estaria preparada para o ministério que pretendia desenvolver: trabalhar com crianças.

- Mas isso implica ficar longe do Ted e da minha família durante esse tempo todo. Não sei se estou muito disposta a isso.

- O que é que seus pais acham? quis saber Selena.

- Eles acham que é uma oportunidade maravilhosa, mas que sou eu quem deve decidir. Recebi a oferta de uma bolsa de estudos. Meus pais não poderiam pagar um curso como esse para mim. Contudo disseram que vão me dar todo o apoio naquilo que eu resolver. Estão orando para que eu tome a decisão certa.

- E o Ted? indagou Selena.

Outra lágrima correu pelo rosto de Cris.

- Também está orando para que eu faça a escolha mais acertada.

Selena tentou imaginar como se sentiria se tivesse de tomar uma decisão de tamanha importância. Sabia que, se fosse ela, iria para a Suíça no mesmo instante. Contudo, se tivesse um namorado como o Ted, o problema ficaria bem mais complicado. Pensou numa pergunta que lhe pareceu meio tola, mas falou assim mesmo.

- Será que o Ted não poderia ir pra lá também?

- Não, replicou Cris. Ele fez o curso universitário todo “picado”. Pra você ter uma idéia, já estudou em três faculdades e, ainda por cima, fez

um curso por correspondência quando estava na Espanha. Ele precisa estudar mais um ano inteiro pra terminar os estudos e se formar. Na Suíça, até onde sabemos, não há nenhuma escola em que ele possa estudar.

Cris parou um pouco e deu um suspiro profundo.

- Você se importa se a gente sentar um pouco? perguntou.

- Não, claro que não!

Procuraram um canto que estivesse mais afastado dos banhistas e se sentaram.

- Que areia quente! exclamou Selena.

- Afaste a camada de cima com as mãos, assim, instruiu Cris, mostrando como se fazia. O Ted sempre faz isso. Ou então ele põe a sandália virada com a sola para cima e se senta sobre ela.

Selena removeu a primeira camada de areia abrindo um espaço e se acomodou no buraco feito.

- Bem melhor, comentou. Mas me senti igual a um gatinho “ciscando” a areia higiênica.

Cris soltou uma risada e, com isso, quebrou-se a tensão.

- Agora me diga o que vem acontecendo com você, pediu Cris. Estou só falando dos meus problemas. Nem lhe perguntei como está passando.

- Ah, mas não tenho muita novidade pra contar, não, respondeu Selena, dando uma piscadela. Não ganhei nenhuma bolsa de estudo na Suíça.

- É, falou a amiga, a sua vez vai chegar já, já.

- Aí você já terá passado por tudo isso e terá tomado as decisões certas, comentou ela brincando. Então, quando chegar minha vez, poderá me dizer exatamente o que devo fazer.

Cris riu de novo.

- É, não fique contando muito com isso. Uma lição que já aprendi é que Deus é muito criativo e “escreve” uma história diferente para cada um de nós. Parece que não existem duas iguais.

- E agora você vai me dizer que não existe outro Ted “vagando” por aí, só esperando que apareça a garota como eu.

Cris deu um leve sorriso, mas em seguida apertou os lábios numa expressão contemplativa.

- Sabe? disse ela. Todo mundo acha que o Ted é um cara perfeito.

- Você não?

- Ele não é perfeito, não, explicou Cris. Veja só. Ele é filho único e os pais são divorciados. Por causa disso, às vezes, ele tem dificuldade para se “ligar” em outras pessoas e se abrir com elas.

- Mas com você ele se abre, não é? E com seus familiares?

- É. O que estou querendo dizer é que essa decisão a respeito de estudar na Suíça não é nada fácil pra mim. E creio que ele não entende isso, pois está sempre mudando de residência e viaja muito. Ele não teria o menor problema em arrumar as malas e ficar fora um ano. Já fez isso. Mas, pra mim, é uma situação tremendamente difícil.

- Posso lhe fazer uma pergunta meio pessoal?

- Claro!

- Você tem medo de seu namoro com ele ficar prejudicado se você for estudar fora?

- Não sei. Creio que não acabaria, não. Nós já enfrentamos muitas outras barreiras. Mas um ano é muito tempo, e a gente muda.

- Você mudou quando Ted foi pra Espanha?

- Mudei, creio que mudei.

- E no entanto, quando se reencontraram, ainda se queriam um ao outro, não foi?

- É, foi.

- O que vou dizer pode ser ingenuidade minha, prosseguiu Selena, remexendo-se um pouco na areia, mas já que vocês enfrentaram tantas lutas, que mal faz passar por mais uma provação? Quero dizer, o verdadeiro amor espera, não espera?

Cris engoliu em seco e fez que sim.

- É, o verdadeiro amor espera, repetiu. Mas que não vai ser fácil, não vai mesmo!

Selena olhou para a amiga, sorriu e disse em tom firme:

- Na minha opinião, você deve ir pra Suíça, e os dois vão se corresponder, mandando uma carta por semana. Seria um maravilhoso romance! Aí, um dia, quando vocês já estiverem velhinhos, cabelo branco e sem dente nenhum na boca, vão poder se sentar numa cadeira de balanço e mostrar as cartas para os bisnetos. Então eles vão pegar as cartas e colocá-las num quadro.

Cris caiu na gargalhada.

- É, Selena, você sabe direitinho olhar tudo por um ângulo novo! disse ela.

Selena riu também.

- Imagine só, disse agora em tom mais sério. Se o Ted é mesmo o cara certo pra você - o que nenhum de nós duvida - vai ter o resto da vida pra ficar ao lado dele. Mas talvez não tenha outra oportunidade de ir à Suíça.

- Sei que você tem razão, comentou Cris.

- Reconheço que isso não significa que vai ficar mais fácil passar um ano longe dele, nem que não sei o quanto isso será difícil pra você e como sentirá falta dele. Mas pense só, Cris, Suíça!

E aqui Selena tentou imitar o canto típico dos tirolezes, provocando outra risada na amiga.

- Suas fantasias românticas só têm um problema, interveio Cris.

- Qual?

- Nesses anos todos que conheço o Ted, ele nunca me escreveu uma linha!

- Então está mais do que na hora de começar a escrever! disse Selena.

Contudo, ao dizer isso, a garota sentiu uma pontada de culpa no coração. Meses antes, Paul havia lhe escrito uma carta, e ela respondera num tom arrogante. Que é que ela entendia dessa questão? Não sabia nada sobre namoro por correspondência. Quem era ela para dar conselhos ao Ted e à Cris?

- Sabe o que mais? concluiu Selena. Não fique me escutando, não. Acho que você deve é orar, e eu também vou orar. Então, a orientação que Deus lhe der, é isso que você deve fazer.

Cris fez que sim.

- Acho que é isso mesmo, replicou ela. Não tenho a mínima idéia sobre o que vai acontecer no próximo capítulo da minha vida. Só sei que quero que Deus o “escreva”, com sua própria caneta. Você quer orar comigo agora?

- Claro. Vamos, sim.

Então, sob um claro céu de agosto, Selena e Cris abaixaram a cabeça e pediram a Deus, o Autor e Consumador da fé, que com sua graça e soberania, escrevesse o capítulo seguinte vida das duas.

Acabando de orar, sentiram-se capacitadas a encarar os outros. Daí levantaram-se e foram caminhando de volta para a casa de Bob e Marta.

- Que bom que você veio, Selena! exclamou Cris. Sinto-me bem mais leve agora. Ainda não sei que decisão vou tomar, mas me sinto muito melhor com relação ao problema. Tudo vai dar certo. Sempre dá!

Selena pensou em Amy.

- *Será que tudo vai acabar certo pra ela também? Ou será que a vida só dá certo para aqueles que buscam a vontade de Deus, de todo o coração?*

Sabia, porém, que a outra amiga não estava buscando o Senhor. Se estivesse, não teria aquela facilidade para se envolver fisicamente com um rapaz que mal conhecia.

Amy estava aceitando uma situação que não era o melhor que Deus tinha para ela. E Selena iria dizer-lhe isso. E Amy iria enxergar o fato dessa forma também e, assim que enxergasse mudaria de opinião com relação ao Nathan.

Capítulo Nove

Assim que as duas entraram em casa, Selena foi ligar para Amy. Novamente, caiu na secretária eletrônica. Dessa vez, porém, a garota deixou uma mensagem gravada. Disse:

“Amy, tenho pensado muito naquilo que conversamos hoje de manhã. E ainda tenho certeza de que estou com razão. Quero lhe dizer que nunca deve aceitar nada que não seja o melhor que Deus tem pra você. Sabe a que me refiro, não é? Quando eu chegar, conversaremos mais. Tchau!”

Desligou com o senso de que cumprira o dever. *Agora posso me concentrar nos amigos daqui*, pensou.

Nesse momento, a campainha da porta soou. Alguém foi abrir, e pelo barulho que vinha da entrada, Selena deduziu que sua amiga Katie Weldon chegara. Katie era uma ruivinha muito extrovertida e espirituosa. E já estava brincando com o Tio Bob.

- Cuidado com essa mala aí, senhor! Nela estão minhas únicas roupas boas, e já estão passadas, viu? Lembre-se disso, senão não receberá gorjeta!

Selena chegou à sala, e a amiga logo fitou-a com os olhos verdes brilhantes.

- Selena! gritou Katie, correndo para dar-lhe um abraço. Quando você chegou?

- Algumas horas atrás, replicou Selena, sentindo o rosto “abafado” no ombro da outra.

Os abraços de Katie eram sufocantes. Só o Douglas dava abraços mais apertados do que os dela. Nesse momento, Selena compreendeu que naquele final de semana, com aqueles amigos, iria esgotar sua “quota” de abraços.

- ‘Tá bom, gente! exclamou Katie, olhando para Ted, Cris e Marta que chegavam. Vamos começar a nos divertir! Quem mais está aqui?

- Somos só nós, informou o rapaz. Os outros estão na casa do Douglas. Está sabendo do chá-de-panela que vai haver pra Trícia hoje à noite?

- Estou, respondeu ela. Meu presente está na mala. Ei, continuou ela, gritando para o Bob que estava no andar de cima. Tenha muito cuidado com essa mala, senhor! Tem uns presentes caros dentro dela.

O tio de Cris apareceu no alto e entrou na brincadeira, aceitando o papel de camareiro.

- Senhorita, quer que eu pendure seu vestuário? indagou.

- Não, obrigada! Mas pode me dizer como se pede o serviço de quarto. Estou morrendo de fome!

- Sempre está! resmungou Marta entre dentes.

Selena percebeu que ela fora a única que escutara aquilo. Quanto tempo seria que a tia de Cris vinha mantendo esse relacionamento de amor e ódio com os amigos da sobrinha? Estava claro que ela não demonstrava muita simpatia por Katie, mas pela Tânia, sim. De certo

modo, pensou Selena, isso era bom para a sua irmã. Sendo de uma família grande, Tânia nunca recebera muita atenção de ninguém. Selena achava que Vó May sempre demonstrara mais interesse por ela do que pela irmã mais velha. Agora, esse carinho de Marta vinha equilibrar a situação. Finalmente, Tânia encontrara alguém que extravasasse nela sua afeição.

- A lasanha deve ficar pronta dentro de cinco minutos! anunciou Bob, descendo a escada e olhando para o relógio. Alguém quer me ajudar a preparar uma salada?

Todos se ofereceram como voluntários e o grupo seguiu para a cozinha, com Katie falando sem parar. Selena recebeu a incumbência de pôr a mesa. Ted e Cris foram misturar a salada numa grande tigela, mas a todo instante Bob tirava da geladeira outros ingredientes para acrescentar a ela. Naquele mometo, Marta saiu despistadamente e foi para outro aposento da casa. Katie estava contando sobre seu novo trabalho, num balcão do café que ficava dentro de uma grande livraria.

- Se todos quiserem, disse ela, posso fazer uns cappuccinos depois do jantar. Vocês ainda têm aquela máquina, não têm?

- Está aí nesse armário que fica em cima do fogão, explicou Bob.

Em seguida, ele colocou gelo em alguns copos e pegou latas de refrigerante na despensa.

- Gosto muito de cappuccino, disse ele. Agora, acho melhor colocar esse pão de alho no forno. Pode me ajudar, Selena?

A garota pegou a longa bisnaga que ele lhe entregou e envolveu-a em papel-alumínio. Quando abriu a porta do forno para colocá-lo, o aroma da lasanha tomou conta do ambiente. Era de dar água na boca. O molho de tomate na beirada da assadeira estava borbulhando.

- Hummm! Que cheiro gostoso! exclamou Ted.

O rapaz abriu uma lata de refrigerante e inclinou-se para dar uma olhada no jantar.

- Foi o senhor que fez, Tio Bob? indagou.

- Claro!

- Tio, interveio Cris, o senhor precisa ensinar ao Ted essa receita secreta do molho de tomate. Na semana passada, ele fez um espaguete na casa do pai dele e ficou... bom... aqui ela se interrompeu dando um olhar carinhoso para o namorado, mas não terminou a sentença.

- Foi desses molhos em conserva, explicou Ted, que não parecia nem um pouco sem graça com a crítica de Cris. É só assim que sei cozinhar!

- O segredo está nos temperos, disse Bob.

A campainha soou novamente. Um minuto depois, Tânia e Jeremy entravam na cozinha. Jeremy era um rapaz de ombros largos e cabelo castanho-escuro. Tinha no rosto um sorriso amplo e estava com o braço em volta da namorada. Os dois formavam um belo par, pensou Selena, embora estivesse custando a acostumar-se com aquele cabelo acaju da irmã.

- Pelo cheiro, parece que chegamos ao lugar certo, comentou Jeremy. Oi, Selena! Como vai?

Aproximou-se dela e lhe deu um abraço de lado.

- Tânia disse que você fez boa viagem. Que legal vê-la aqui!

- Legal vê-lo também, Jeremy!

O rapaz cumprimentou os outros presentes. Bob pegou mais dois pratos e colocou-os sobre a pilha que já estava na ponta da mesa, onde todos iriam servir-se à americana.

- Vai vir mais alguém? quis saber ele.

- Acho que vão jantar na casa do Douglas, explicou Jeremy. Tânia falou que não haveria problema, que eu poderia vir, que uma pessoa a mais não iria atrapalhar.

- Sempre temos comida demais, explicou Bob. Você pode vir pra cá sempre que quiser. Cadê minha mulher? Já vamos começar a jantar. Ted, você me faz o favor de tirar a lasanha do forno para que ela esfrie um pouco? Vou procurar Marta.

O rapaz atendeu, pegando a vasilha e colocando-a sobre o fogão. Selena tirou o pão quentinho e Cris se apressou a fechar o forno. A turma toda foi logo fazendo uma fila para se servirem. Nesse momento, Bob voltou à cozinha.

- Marta está ao telefone, disse ele. Daqui a pouco ela vem. Vamos orar?

Ted deu a mão para Cris e abaixou a cabeça. Jeremy pegou a de Tânia.

- Vamos todos dar as mãos, continuou Bob. Gosto de orar assim.

Ele pegou a mão esquerda de Selena, e Cris, a direita. A seguir, o tio fez a oração mais “diferente” que a garota já tinha ouvido. Disse ele:

“Deus, olhe para todos nós aqui. Foi você que fez tudo. Foi você que nos reuniu aqui e lhe dou graças por isso. Temos aqui a nossa comida. Foi você, pela sua generosidade, que nos deu esse alimento. Agradecemos por ele também. Agora quero lhe pedir algo: que venha o seu reino e que a sua vontade seja feita na terra, de acordo com os planos que estão no céu. Isso seria maravilhoso! Peço tudo em nome Jesus Cristo.”

Selena permaneceu de olhos fechados, aguardando que ele dissesse “amém”, mas ele não o fez. Todos soltaram as mãos e se puseram a falar ao mesmo tempo. O ambiente ficou tomado por uma agradável sensação de aconchego.

Selena se sentia muito unida ao Ronny, à Amy e aos outros amigos da escola. Contudo o que experimentava ali agora era diferente. Parecia que a amizade e os relacionamentos de que desfrutava ali eram mais transparentes e descomplicados.

- Está grudento! exclamou Katie para Ted, que lhe servia uma boa porção da massa fumegante.

- Uma lasanha que se preze tem de ser grudenta, comentou Jeremy. Selena, traga logo seu prato aqui e se sirva antes do Ted. Esse cara come mais do que todo mundo.

- Com exceção do Douglas, interveio Katie. Ninguém come mais do que ele.

- É mesmo, concordou Ted, dando uma olhada significativa para o Jeremy. Aquele Douglas... Como será que ele está agora?

- Agora ele está bem, respondeu o outro. Mas não sei como estará por volta da meia-noite.

Os dois rapazes deram uma risadinha e se entreolharam com uma expressão de quem sabia de algo. Selena não tinha a menos idéia sobre por que o Douglas, à meia-noite, estaria diferente do que estava naquele momento. O casamento ainda seria na sexta-feira, dali a dois dias.

- Gente, disse Marta, voltando à cozinha e erguendo no alto alguns papéis, tenho uma notícia maravilhosa! Meus vouchers na companhia aérea ainda estão válidos. Marquei para domingo. Já está tudo combinado!

Todos se voltaram para ela e em seguida olharam uns para os outros, e finalmente para o Bob, aguardando uma explicação. O tio de Cris abanou a cabeça. Ele, como os outros, não sabia nada sobre a notícia maravilhosa da mulher.

- O que é que está combinando? quis saber Cris.

- A viagem para a Suíça, explicou Marta. Vamos viajar para a Suíça.

- Quem é que vai para a Suíça? indagou Cris em tom apreensivo.

- Ué, eu, você e o Ted, naturalmente.

Ted era o que parecia mais espantado.

- O quê? perguntou ele. E quando é que vamos?

- No domingo, replicou Marta. Não escutou o que eu disse?

- Neste domingo? falaram Ted e Cris ao mesmo tempo.

- É, neste domingo, confirmou a tia. Vou utilizar os três últimos vouchers que tinha, e pedi lá na agência de turismo para reservarem o hotel para nós. Ei, não fiquem assim tão abalados. Vamos ficar lá só uma semana.

Ted fitou a namorada e em seguida virou-se para Marta.

- Só tem um pequeno problema aí, disse ele.

- Qual? indagou Marta.

Com um gesto calmo, o rapaz enfiou a espátula na lasanha e, sem levantar os olhos, respondeu:

- Não vou poder ir.

Capítulo Dez

- Deixe de besteira! exclamou Marta. É claro que pode ir! Pensei em fazermos essa viagem para a Cris conhecer a escola e o orfanato. O mínimo que você pode fazer, Ted Spencer, é ir com ela para lhe dar apoio moral e ajudá-la a tomar essa decisão tão difícil.

O rapaz olhou para Marta. Selena teve a impressão de que ele ergueu um pouco o queixo, num gesto resolutivo.

- Cris pode tomar a decisão sozinha, sem que eu diga nada. Quem vai ajudá-la a resolver essa questão é Deus, e não eu. Não posso tirar mais folga do trabalho. Já tirei o que podia para o casamento de Douglas.

Marta parecia completamente perplexa.

- Puxa, Ted, nunca esperei que você fizesse isso!

- Eu vou! disse Katie oferecendo-se.

- Ótimo! exclamou Marta em tom irado, batendo os três comprovantes na mesa e erguendo as mãos como quem se rende. É pra você, Cristina. São três lugares no voo de domingo de manhã para a Suíça. Faça com eles o que quiser. Talvez você nem queira que eu vá junto. Tudo bem. Isso é um presente que lhe dou.

Em seguida, abaixando um pouco o tom de voz e controlando a irritação, ela continuou:

- Entendi que está sendo muito difícil para você tomar essa decisão. Lembrei-me de que eu ainda tinha esses três vouchers na companhia aérea e achei que, se você fosse lá ver a escola, ficaria mais fácil se decidir. Aí você poderia resolver se quer ir ou não.

Cris colocou o prato na mesa e aproximou-se da tia. Deu-lhe um abraço carinhoso e um beijo no rosto. Selena sentiu grande admiração pela amiga. Tinha a impressão de que o mais certo seria dar um safanão naquela mulher. Por que Marta não perguntara nada a ninguém antes de ir tomando as providências daquela maneira? E quanto ao Bob? Por que ela não o incluía no plano?

- Muito obrigada, Tia Marta, falou Cris. Sei que a senhora fez tudo com a melhor das intenções. Mas eu não preciso ir lá. Está tudo bem comigo. Guarde esses comprovantes para a senhora fazer uma viagem com o Tio Bob.

- Não dá mais, replicou a tia, fungando e dando uma olhada para o Ted. Já os apliquei no vôo de domingo. Não vou mudar de idéia. Não existe nenhuma razão que a impeça de ir no domingo, Cristina. Então, aí estão os comprovantes do voucher para as três passagens. Um é para você e os outros dois para quem você quiser convidar. Se não quiser que eu vá, não vou.

- Sabe o que mais? disse Cris. Gostaria de pensar um pouco nisso tudo. Posso dar a resposta mais tarde?

Com gestos lentos, Marta pegou os papéis.

- Creio que sim, disse. Então, depois você me fala o que resolveu. E quanto mais cedo melhor, hein?

- O.k.! Obrigada, Tia Marta. Eu agradeço mesmo!

Silenciosamente, os outros foram se dirigindo para a mesa da cozinha, cada um com seu prato na mão. Assim que se sentaram, o rumor da conversa foi pouco a pouco aumentando. Selenia se sentou perto da irmã e notou que Marta saiu do aposento ainda com uma expressão de mágoa. Na opinião da garota, Cris merecia uma medalha de ouro pelo modo como se conduzira naquela situação tão desagradável. Tinha certeza de que ela própria não teria agido com tanta calma e sabedoria.

O grupo ficou a comer e a conversar durante mais ou menos uma hora. Primeiro, consumiram a lasanha, o pão de alho e a salada. Depois, se deliciaram com os cafés que Katie preparara com grande habilidade. A noite continuou num ritmo agradável até que, afinal, Tânia se deu conta de que o tempo estava passando, e era hora de ir para a casa de Trícia.

Bob foi verificar se Marta já estava pronta. Katie dirigiu-se ao andar de cima para pegar seu presente. Cris foi com Ted para a sala, a fim de conversarem em particular. Tânia deu uma saidinha para ir ao banheiro. Com isso, só Selenia e Jeremy restaram para tirar a mesa.

- Como está indo de férias? indagou o rapaz.

- Está passando muito depressa, comentou Selenia.

- Meu tio disse que vocês estão fazendo um trabalho extraordinário com as crianças na Highland House. O pessoal está muito feliz com a ajuda de vocês.

- Tenho gostado muito, disse a garota. E parece que a meninada também está gostando muito de tudo que fazemos com eles. Outro dia, duas garotinhas perguntaram quando é que vou contar outra história da Bíblia pra elas. Na primeira vez que estive lá, foi bem diferente.

- Paul me disse que nas primeiras vezes que vocês tentaram contar história bíblica não se saíram tão bem.

Assim que o rapaz mencionou o nome do irmão, Selena percebeu que seu coração começou a bater fortemente. Uns minutos antes, ela tivera vontade de perguntar por ele, mas não perguntara. Contudo, agora, ficou surpresa ao ver como seu coração batia só de ouvir o nome de Paul.

- Acho que sim. Quero dizer, ele falou a verdade, concordou ela e, em seguida, colocando uma pilha de pratos sujos na pia e engolindo em seco, continuou: Co... como está seu irmão?

Desde quando comecei a gaguejar? pensou. *E por que disse “seu irmão”?* *Será que é tão difícil pra mim citar o nome de Paul? O que está acontecendo comigo afinal?*

- Meu irmão está indo muito bem, obrigado. Ele vai ficar muito alegre de saber que você também está bem.

Selena percebeu que Jeremy tinha os olhos fixos nela. Será que queria ver se o rosto dela avermelhara? Manteve a cabeça abaixada para que ele não enxergasse seu rosto. Lembrou-se de que, alguns meses

atrás, antes de Paul viajar para a Escócia, Jeremy e Tânia haviam “armado” um esquema para que ela e o rapaz saíssem juntos. Naquela noite, Paul havia deixado bem claro que não tinha interesse em Selena. Por que será que Jerely estava querendo descobrir se havia algo da parte dela? Para curtir com a sua cara? *Não vou lhe dar esse prazer*, decidiu.

Ergueu a cabeça e, jogando para trás o cabelo louro e rebelde, encarou Jeremy e indagou:

- E você? Como está indo de férias?

O rapaz olhou-a hesitante, mas em seguida virou-se e foi tirar o resto dos pratos da mesa.

- Muito bem, replicou ele. Principalmente com a Tânia aqui. Ela lhe contou sobre o meu amigo que comprou um barco à vela? Já saímos para passear nele algumas vezes. Tanto eu como ela adoramos velejar.

- Hmmm! Que beleza! exclamou Selena.

Nesse momento, Bob voltou à cozinha e disse:

- Obrigado, Selena. Pode deixar que agora eu acabo. É melhor você ir lá ver as outras. Acho que já estão todas prontas pra ir.

- Obrigada pelo jantar, Bob. Foi ótimo, disse ela sorrindo.

Sentia que seu sorriso era um gesto de apoio para aquele homem. Ao que parecia, ele não recebia muito incentivo da própria esposa.

- Divirta-se bastante! falou ele para a garota que já saía para se juntar às outras.

- Você trouxe nosso presente? indagou Selena a Tânia.

- Ttouxex; está no carro. Pessoal, vamos todas no meu carro, pois lá não há muita vaga para estacionar.

- Acho que não vai caber todo mundo, interveio Marta.

Ela vestira uma pantalonax e um blusão de seda multicolorido. Parecia que já se refizera da discussão com Cris e estava pronta para assumir o comando de outra situação.

- Vamos no meu que é maior, concluiu ela.

Ninguém disse nada em contrário. Tânia foi ao seu carro pegar o presente e voltou para onde estavam as outras. Entrou no banco de trás do luxuoso Lexus da tia de Cris, sentou-se e colocou o presente no colo.

- O que você comprou pra ela? quis saber Selena.

- Você vai ver! respondeu Tânia, dando uma risadinha leve.

Selena não estava muito a fim de entrar na brincadeira da irmão, com todo aquele mistério, e deixou por isso mesmo. A casa de Trícia ficava a poucos quarteirões dali. Lentamente, Marta foi parando o carro perto da entrada da moradia e puxou o freio de mão.

Entraram. Dentro da casa já havia umas seis mulheres. Ao fundo, ouvia-se uma música instrumental, bem suave. Assim que Selena bateu os olhos na mesa arranjada para a festa, sentiu-se malvestida. O móvel estava recoberto com uma toalha de renda. Sobre ela, via-se um aparelho de chá, de prata, e algumas xícaras. No centro estava o bolo que Tânia levara ali poucas horas antes. Junto a este se via um arranjo com flores e velas, mais os talheres e os pratinhos de louça. A cobertura do bolo era

de cor branca com detalhes de glacê azul-claros. Foi enfeitada com flores de verdade.

A mãe de Trícia achava-se junto à mesa usando um vestido leve, de verão. Selenia deu uma olhada para a roupa que vestia: camiseta e short. Até a Katie se arrumara melhor; usava uma blusa de algodão com um blazer por cima. Embora ela houvesse dobrado a ponta da manga, parecia bastante elegante. Selenia se sentiu como um “garoto” que subira a uma árvore do quintal e caíra no lado dos vizinhos, onde se realizava um chá chique.

Saindo da sala despistadamente, onde as mulheres conversavam, ela foi ao banheiro que ficava no fundo do corredor. Deu uma olhada ao espelho e soltou um gemido.

- É, menina! falou, repreendendo a si mesma. Algum dia você terá de crescer. Na próxima vez que for convidada para um chá-de-panela, pelo menos dê um jeito de fazer um penteado.

Correu os dedos pelo cabelo para desembaraçá-lo, tentando ajeitá-lo. Lavou o rosto e “escovou” os dentes com o dedo. Sacudiu a camiseta, na tentativa de desamarrotá-la e, afinal, deu uma olhada geral em sua aparência.

- Por que não consigo ser como as outras? resmungou consigo mesma.

Detestava aquela sensação incômoda.

Qual será meu estilo? minha imagem? pensou. *Na semana passada, quando fui jantar com papai, fiquei toda incomodada por estar bem*

arrumada. Agora, estou me sentindo deslocada porque não estou bem vestida. Qual seria o meio termo? Quem será que estou querendo imitar?

Quando Selena voltou para a sala, onde agora já se encontravam umas vinte e cinco mulheres, disse a si mesma que estava querendo ser apenas “Selena”, e isso bastava. Não precisava mudar interiormente nem trocar de roupa.

Nesse momento, deu com os olhos em Trícia, a “estrela” da noite. O rosto redondo da amiga estava exuberante. Usava um vestido leve, de algodão e, como enfeite, uma cruzinha de ouro. Seu cabelo estava bem curto. Parecia um pouco mais velha, em relação à Trícia que ela conhecera na Inglaterra. Seria o cabelo curto? Ou seria o fato de que dali a dois dias ela se tornaria uma senhora casada? Selena sentiu sua autoconfiança abalar-se. Teria sido melhor se houvesse ficado “na árvore”.

- Olá garota! disse Trícia alegre quando Selena se aproximou para cumprimentá-la. Que bom que você veio! Muito obrigada por ter vindo! Aceita uma xícara de chá? Reconheço que está meio quente pra se tomar chá, mas eu queria muito estreitar meu novo bule de prata! Você o viu? Ele pertenceu à minha avó, mas ela nos deu, como presente de casamento. Venha aqui! Quero lhe apresentar para ela.

Selena sabia que o que importava para Trícia era o interior dos outros, e não o exterior. Ela não se incomodava nem um pouco por Selena estar vestida de short e camiseta. Pensando assim, a garota conseguiu

“calar” um pouco a voz da consciência, que a taxava de “desmazelada” e “infantil”.

Trícia foi apresentando a amiga aos parentes, às amigas e às irmãs de igreja. Com isso, a garota ficou sabendo que aquele era o terceiro chá-de-panela que faziam para ela. As mulheres presentes ali não tinham podido estar no primeiro nem no segundo e, então, organizaram mais esse. A avó de Trícia lhe serviu uma xícara de chá, com as mãos meio trêmulas. A garota agradeceu-lhe e foi procurar um lugar para se sentar.

Segurando com cuidado a delicada xícara de porcelana, deu uma olhada pela sala. Todos pareciam muito felizes pela Trícia.

E devem estar mesmo, pensou ela, bebericando o chá. Trícia se guardor para o seu “príncipe”, e veja só quem Deus lhe deu!

Sentiu o chá aquecê-la interiormente. Ou teria sido aquela sensação de paz e aconchego que experimentava ao observar Trícia, seus familiares e amigos festejando o acontecimento? Ao pensar nisso, conseguiu superar um pouco aquela insegurança que a incomodava.

É assim também que quero que aconteça comigo, quando me casar, pensou. Quero Vó May servindo chá, e meus amigos rindo e me abraçando. E quero estar igual à Trícia. Ela está tão bonita!

Baixou os olhos para a xícara de porcelana em sua mão e viu que sua aliancinha de ouro estava refletindo a luz das velas que decoravam a mesa ali perto. A jóia contrastava fortemente com as pulseiras de prata que usava no momento. E era mais ou menos assim que ela se sentia naquela sala - um objeto de prata cercado de vários de ouro.

Capítulo Onze

Então chegou o momento de a noiva abrir os presentes. Ela pegou uma caixa, tirou o cartão e disse:

- Este aqui é da Tânia e da Selenia.

Cuidadosamente, desatou a fita branca que envolvia a caixa e entregou-a para Cris, que se achava à sua direita. A amiga estava reunindo todos os laços num prato de papel, formando um enorme “buquê”.

- Quase que você arrebentou esse aí, brincou Katie.

Ela havia dito, momentos antes, que cada fita que Trícia arrebentasse era um filho que iria ter. Disse ainda que “profetizava” que ela iria arrebentar nove fitas.

- Arrebentei não, defendeu-se Trícia, removendo o papel que embrulhava a caixa, dando um sorriso para a mãe.

Selenia olhou para sua irmã, que estava do outro lado da sala, e falando só com os lábios, perguntou:

“O que é?”

Tânia limitou-se a sorrir e fez um gesto de cabeça indicando Trícia, dando a entender para Selenia que olhasse para a noiva. Na caixa, estava impresso o nome da boutique para a qual Tânia desfilava.

Tomara que seja muito bom, pensou ela, pra valer a pena os 22 dólares que dei.

Trícia abriu a caixa e afastou o papel de seda que envolvia o presente. Imediatamente, em seu rosto estampou-se uma expressão de surpresa e satisfação. Suas faces começaram a avermelhar-se.

- Que lindo! exclamou ela, erguendo uma peça de roupa de um tecido branco, leve e transparente.

Por todo o aposento, ouviu-se um coro de oh! e ah! Era um robe comprido, de seda fina. Na frente, era todo enfeitado de fitinhas brancas e pequeninas pérolas.

- Isso é só o robe, explicou Tânia, apontando para a caixa. Tem mais aí!

Trícia passou o robe para a prima dela que se achava sentada à sua esquerda. À medida que a noiva abria cada presente, a prima o anotava num papel, junto com o nome de quem o dera. Em seguida, Trícia retirou a outra peça da caixa. Era uma camisola transparente, curta e de alças.

- Mas que linda! exclamou ela novamente.

Ergueu a camisola muito elegante, mas bem reveladora. Todas as mulheres fizeram algum comentário.

Selena apertou os lábios e correu os olhos pela sala. As convidadas pareciam estar encantadas. Tânia se mostrava bastante satisfeita ao ver que Trícia gostara do que ela escolhera. Sorrindo, parecia dar a entender que ela própria não se importaria de ganhar uma daquelas para sua lua-de-mel. Cris estava passando a mão no tecido e sorrindo para Trícia. A

mãe da noiva admirou a camisola e cochichou com a avó, dizendo-lhe que se tratava de um presente todo especial.

- Não sobra nada para a imaginação! brincou Katie.

Todas as mulheres deram risada. Trícia estava encantada. Deu uma olhada para a mãe e um sorriso significativo. Em seguida, dobrou cuidadosamente as peças e guardou-as de volta na caixa.

- Obrigada, meninas! disse ela, fitando Tânia e depois virando-se para Selenia. Adorei, e acho que o Douglas também vai gostar.

Novamente a risada geral. Uma das presentes disse:

- Pode ter certeza disso!

Selenia sentiu vontade de chorar. Estava espantada com a reação. A princípio, ao ver o presente, ficara um pouco constrangida e até ligeiramente irritada com a irmã. Ela comprara uma roupa tão sensual e não lhe dissera do que se tratava. Agora, porém, tinha vontade de chorar. Era muito emocionante ver a amiga tão empolgada com a lua-de-mel, demonstrando se nenhum constrangimento, que aguardava com ansiedade o momento de entregar o corpo ao marido, pela primeira vez.

Engolindo em seco, Selenia procurou controlar as lágrimas que haviam brotado em seus olhos. Compreendeu que aquele momento se tornara mais empolgante pelo fato de Douglas e Trícia serem puros. Eles não haviam nem se beijado ainda. O rapaz fizera o propósito de não beijar nenhuma garota enquanto não se casasse. Só beijaria a própria noiva, no momento em que estivessem no altar. E ele cumprira a promessa. Dali a dois dias, então, estaria diante de Deus, e de muitas testemunhas, e

prometeria dar-se a essa jovem, tão importante para ele, pelo resto da vida.

Novamente, Selena sentiu as lágrimas surgindo nos olhos. Até esse momento, nunca beijara nenhum rapaz e, naquele instante, sentiu uma alegria intensa por isso. Não sabia se iria esperar até o dia do casamento para beijar alguém, mas tinha certeza de que, quando beijasse um rapaz, isso teria um enorme significado para ela. Não seria meramente uma experiência corriqueira, num primeiro encontro, como, ao que parecia, era o caso de Amy com Nathan.

Trícia abria outra caixa, na qual estavam um perfume e um óleo para banho.

- Obrigada, Helen! disse ela. Você se lembrou, hein? continuou, dando uma cheirada no frasco. Adoro esta fragrância!

- Tem outro presente aí com o mesmo papel, interveio Helen. É para o Douglas, mas você pode abrir.

Trícia puxou a fita e ela arrebitou.

- Aí! exclamou Katie, fazendo dançar seu cabelo ruivo e liso. Esse foi o primeiro. E logo no presente do Douglas. Isso significa que o primeiro filho vai ser menino.

Trícia entregou a Cris a fita arrebitada e deu de ombros, num gesto engraçadinho. Abriu a caixa e começou a rir.

- Ah, ele vai adorar isso! exclamou.

- Achei que o Douglas não poderia ficar fora da brincadeira na banheira, continuou Helen.

Trícia mostrou o presente - um vidro grande de sabonete líquido para banho, da marca “Mr. Sudsy” (Sr. Espumante),

- Perfeito! comentou Katie. Agora seu primeiro filho pode se chamar “Espuminha”.

Todos riram, e Trícia entregou o presente a Cris para que esta o passasse adiante e todas pudessem vê-lo.

Transcorreram-se mais alguns minutos, e afinal a noiva acabou de abrir os embrulhos. Todos eram objetos de pessoal dela.* Ela ganhou mais quatro camisolas, dentre as quais uma preta e longa, dada por Tia Marta. O único presente repetido foi um vidro de perfume, mas ela afirmou que usaria os dois.

**Nos Estados Unidos, os presentes do chá-de-panela para uma noiva geralmente são objetos de uso pessoal dela. (N. da T.).*

Os presentes foram sendo passados pelo círculo, para que todas as mulheres os vissem de perto. Ao fundo, ouvia-se uma música suave. Das velas acesas, desprendia-se um leve aroma de lírios. Aí a mãe de Trícia se levantou.

- Antes de cortar o bolo, disse ela em voz alta para que todas prestassem atenção nela, quero dizer uma palavrinha.

Selena viu que ela tinha na mão trêmula um cartãozinho com algumas anotações. A garota se lembrou de seu pai no restaurante. Por que será que era tão difícil para os pais falarem aos filhos a respeito das questões mais profundas do coração?

- Quando a Trícia nasceu, continuou a mãe, ela pesava apenas um quilo e oitocentos. Os pulmõezinhos dela ainda não estavam bem desenvolvidos, e por isso ela teve de ficar no hospital mais três semanas. Lembro-me de que uma noite fui até lá e sentei perto dela, sentindo uma vontade enorme de tirá-la da incubadora e pegá-la no colo.

O aposento estava em completo silêncio. Todos escutando atentamente. No rosto de quase todos havia uma expressão de compaixão.

- Lembro-me também do dia em que o médico disse que ela já estava boa e poderia ir para casa, prosseguiu a mãe de Trícia, fitando a filha. E pensei: “Pronto! Chegou o momento que eu tanto esperava. Agora não vou mais largar minha filha!” Isso aconteceu pouco mais de vinte anos atrás. Hoje tenho de largá-la.

As mulheres presentes, emocionadas, puseram-se a piscar para disfarçar as lágrimas. Algumas pegaram um lenço de papel.

- Minha filha, falou ela ainda, quero lhe dizer algo para demonstrar o quanto a amo. É um poema que vi num livro e que expressa exatamente o que sinto agora. Chama-se “Pensamentos de uma mãe”.

Em seguida, ela pigarreou e se pôs a ler o que estava escrito no cartão.

Amo-a tanto, filha,

Que não tenho palavras

Para dizer o quanto estou feliz com você.

Você é tão linda!

Muitas vezes, quando fito seus olhos,

É como se estivesse vendo um lago cristalino.

Vejo em você reflexos do meu passado.

Você vê em mim projeções do seu futuro?

Você é exatamente como eu queria que fosse.

Eu não mudaria nada em você.

Eu a amo muito, tanto que nem consigo compreender.

Amo-a mais até do que você poderia desejar.

Não existe nada neste mundo

Que eu não faria por você,

Nada que não daria para tê-la.

Você é minha filha,

E sempre a amarei com um amor intenso e eterno,

Um amor que não sei colocar em palavras!

Selena engoliu em seco e correu os olhos pela sala. Todo mundo estava chorando.

- Trícia, levante-se um pouquinho, querida. Quero abençoá-la.

A garota se pôs de pé e a mãe aproximou-se dela. Eram mais ou menos da mesma altura. Com o cabelo curto, Trícia estava ainda mais parecida com a mãe. Esta colocou a mão ainda trêmula sobre a cabeça da jovem e, parafraseando Números 6.24-26, disse:

- Trícia, o Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça resplandecer o rosto dele sobre ti e tenha misericórdia de ti. O Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz.

As duas se entreolharam por alguns instantes, trocando entre si mensagens silenciosas, como só uma filha e uma mãe fazem. Em seguida, a mãe se inclinou, deu-lhe um beijo no rosto e cochichou algo no ouvido da filha que a fez sorrir. Neste momento, o telefone tocou e Katie se apressou a ir atendê-lo.

- Agora quero tirar um retrato de Trícia cortando o bolo, disse a mãe dela. Depois, então, todos, por favor, venham se servir.

A jovem se postou junto à mesa, com a faca própria de cortar o bolo, e foi aí que a Katie voltou correndo para a sala.

- Trícia, vem atender o telefone.

- Espere aí, interveio a mãe. Primeiro, o retrato.

Trícia sorriu e a mãe bateu a foto.

- Anda depressa! gritou Katie. Venha só ouvir isto aqui!

Selena ficou a observar atentamente as duas. Trícia pegou o fone, levou-o ao ouvido e cobriu a outra orelha com a mão.

- Alô! disse. É... É... Não... Onde?... Espere aí. Quem está falando? Alô!

Ela devolveu o aparelho para Katie. Todas as moças correram para junto dela.

- O que foi que houve? quis saber Helen.

Trpícia fechou os olhos abanando a cabeça.

- Eu sabia que isso ia acontecer, disse.

- O quê?

A jovem soltou um suspiro fundo e disse:

- Tenho de ir lá. Alguém pode ir comigo? Os rapazes “seqüestraram” o Douglas. Disseram que não vão soltá-lo enquanto eu não for lá vê-lo.

- E onde ele está? indagou a mãe dela, aproximando-se do grupo.

- Eles o levaram para a balsa que faz a travessia para a Ilha Balboa e o acorrentaram nela, explicou Trícia. Pagaram o capitão para navegar com ele a noite toda.

- Ah, fez Cris. Então não foi tão ruim assim. Achei que eles iriam fazer alguma loucura.

- Você ainda não sabe do pior, continuou Trícia. Disseram que não vou conseguir reconhecê-lo.

- Por quê?

- Creio que vestiram nele alguma fantasia.

- O Jeremy não faria uma coisa dessas com o Douglas, comentou Tânia.

- Pois pode acreditar que faria, interveio Katie. A voz ao telefone era igualzinha à do Jeremy.

- Que tipo de fantasia será que puseram nele? perguntou Selena.

Trícia olhou para as amigas.

- Só vou saber quando chegar lá, replicou. Mamãe..?

- Vai, minha filha, disse a mãe. Tudo bem. Aqui, leve a máquina fotográfica. Pode ir. A gente guarda um pedaço de bolo pra você.

Capítulo Doze

Selena entrou no banco traseiro do carro de Trícia, juntamente com Tânia e Cris. Na frente, iam Katie e outra moça, além da motorista. Helen vinha seguindo-a, em seu próprio carro, com mais cinco garotas. Todo mundo no carro de Trícia falava ao mesmo tempo. Toda aquela pompa e formalidade da festinha acabara de repente.

- Vou estacionar no lado de Newport Beach, anunciou Trícia. Vamos todas juntas para a balsa. Temos de ficar atentas com aqueles rapazes. Eu não me espantaria nem um pouco se eles jogassem balões cheios de água em nós.

- Você acha que é uma armação? indagou Tânia.

- É, pode ser sim, interveio Katie. Eles podem estar armando alguma pra nós. Talvez nem tenham feito nada com o Douglas. Falaram que fizeram só pra obrigá-la a vir aqui. Você pensou nisso, Trícia?

A jovem parou o carro em um semáforo e olhou para a amiga.

- Não, mas pense só. Eles têm mais interesse em pregar uma peça no Douglas do que em mim. Contudo acho que deveríamos ter trocado de roupa.

- Não dava tempo, não, comentou Katie. Seu “grande amor” estava em apuros, precisando de você. Como é que você ainda pensa em vestir uma roupa mais apropriada pra ir resgatá-lo?

- É que eu gosto muito deste vestido e pretendo levá-lo na lua-de-mel. Não quero que aqueles “primatas” o estraguem.

- Ei, espere aí! protestou Cris. Você está falando do meu “primata”!

- E do meu! completou Tânia.

- Se alguém tem contas pra acertar com Douglas, ess alguém sou eu, interveio Katie. Aliás, eu deveria ficar do lado dos “primatas”. Você se lembra, Cris, daquela vez que fizemos aquele passeio de barco com sua tia, e ele me deixou com o olho roxo?

- Foi sem querer, comentou Cris, recusando-se a tomar o partido da amiga.

- Ah, quando é ele que faz algo, é sempre sem querer. Mas o Douglas já me meteu em várias “frias”.

O sinal abriu e Trícia seguiu em frente.

- Que tipo de fantasia será que puseram nele? disse Tânia.

- A que eles conseguiram achar, respondeu Trícia.

- Ou que o dinheiro dava pra comprar, comentou Cris. Gisele me disse que na semana passada o Larry foi a umas lojas de fantasias. Mas ela não ficou sabendo que tipo ele estava procurando.

- Essa é boa! exclamou Trícia. Pode ser até que o tenham vestido de primata! Coitado do Douglas, navegando naquela balsa a noite toda fantasiado de macaco! Só espero que ele não perca o senso de humor.

- Você acha mesmo que ele está fantasiado de macaco? indagou Katie.

- Sei lá, respondeu Trícia. Conhecendo esses caras, pode ser até um saioite havaiano cheio de cocos pendurados.

- Aposto que é a fantasia da “boneca de trapos”,* disse Tânia.

**No original, Raggedy Andy. Trata-se de uma figura típica do folclore americano, que lembra ligeiramente a nossa “Emília”, de Monteiro Lobato. (N. da T.)*

Todas caíram na gargalhada.

- Por que você acha isso? indagou Selena.

- Porque o ex-colega de quarto do Jeremy tinha uma fantasia de boneca. Vi uma foto dele vestido com ela, numa festinha a que ele foi com a namorada. Aposto que a vestiram no Douglas.

- Ele jogaria a peruca ruiva na água, comentou Trícia.

- Ei, o que há de errado com cabelo ruivo? perguntou Katie, sentindo-se insultada.

- Com o cabelo ruivo, nada. O problema é a peruca. O Douglas detesta qualquer objeto na cabeça. Ele quase nem usa chapéu ou boné. Com uma peruca então, ficaria maluco.

Trícia virou uma esquina e entrou numa rua lateral. Com muita habilidade, estacionou numa vaga de 45°. As garotas estavam tão ansiosas, que começaram a sair do veículo antes mesmo que ela o desligasse. O carro que as estava seguindo estacionou no final do quarteirão, e as meninas vieram correndo para junto do grupo.

- Alguém trouxe dinheiro? indagou Trícia. Temos de pagar as passagens da balsa.

Helen disse que tinha \$20 dólares na bolsa. Dava para todas. Elas saíram caminhando apressadamente, falando todas ao mesmo tempo.

- Trouxe a máquina fotográfica? quis saber Selená.

- Trouxe. Está aqui. Gente, vamos ficar todas juntas e bem ao atentas com aqueles rapazes, hein! Eles são traíçoeiros.

Dobraram a esquina e logo avistaram algumas pessoas esperando a próxima balsa, que aliás já estava chegando. A ilha não ficava muito longe dali.

- Alguém está vendo algum dos rapazes? indagou Cris.

- Não, respondeu Katie. Devem estar na balsa.

As garotas permaneceram todas juntas, olhando para os lados e falando sem parar. Selená fixou os olhos na embarcação que se aproximava. Quando estivera na Califórnia, no recesso de Páscoa, ela e alguns amigos haviam feito o passeio até a Ilha Balboa. Ainda se lembrava de que a balsa era bem pequena, cabia apenas uns quatro carros. A travessia levava cerca de quinze minutos.

O mar estava muito escuro, mas lá na ilha, no parque de diversões, principalmente na roda gigante, havia muita claridade. Assim que a balsa chegou mais perto, elas avistaram uma figura enorme, de cor amarelada, bem na frente na embarcação.

- O que será aquilo, Trícia? indagou Selená, batendo de leve no ombro da amiga.

Todas se viraram na direção em que a garota apontava, fechando um pouco os olhos para enxergar melhor.

- Lá vem ele de novo! exclamou um dos passageiros que aguardavam o embarque. Coitado! Será que ele vai ter de rodar aí a noite inteira?

- Ouvi dizer, comentou outro homem que estava ao lado dele, que ele vai se casar neste final de semana. Parece que eles querem que a noiva dele venha aqui e prometa que não vai fugir na última hora.

Todo mundo que estava por ali deu risada.

- A noiva dele está aqui! exclamou Katie em voz alta para que todos ouvissem.

Então todos se voltaram para o grupo de moças e estas olharam para Trícia. A jovem deu um sorriso meio sem graça para os curiosos e em seguida voltou a fitar a balsa.

- Se eu fosse você, disse um dos homens, resolveria a situação logo enquanto ainda dá tempo. Ouvi dizer que vão chamar a polícia.

- Ah, não! falou Trícia em tom de consternação. É um frangão!

- Não, Trícia! interveio Cris. Douglas é um cara muito corajoso quando está em situações difíceis. A polícia vai entender que tudo não passa de uma brincadeira.*

**Na gíria americana, a palavra “frango” (chicken) significa “medroso”. Daí a confusão de Cris. (N. da T.)*

- Não Cris, disse Selena, dando uma cutucada na amiga e apontando para a figura amarela que vinha na balsa. O Douglas está mesmo fantasiado de frango. É um frangão amarelo! Olhe lá!

A balsa atracou, fazendo um barulhão. O rapaz estava mesmo bem perto da proa, vestido com uma fantasia de frango, inclusive com uma “crista” na cabeça. Selena pensou que aquilo devia estar incomodando-o muito. Ele avistou as garotas e logo se pôs a agitar desesperadamente os braços, ou melhor, as asas.

- Trícia! gritou ele. Aqui! Venha cá! Depressa!

As moças saltaram na balsa e correram em direção a ele, empurrando os passageiros que estavam à frente e dizendo: “Desculpe! Com licença!” Nenhum dos outros rapazes se achava à vista. A fantasia era bem feita, um amontoado de penas cor amarelo-vivo, lembrava mesmo um frango. Ele até poderia participar de um espetáculo circense, se quisesse.

- Tudo bem com você? indagou Trícia, pegando a mão dele e tentando recuperar o fôlego.

No tornozelo dele estava presa uma corrente, na ponta da qual havia uma bola de boliche.

- Tire este negócio da minha cabeça. Está preso nas costas, e com estas asas nos braços, não consigo soltar.

Trícia logo se pôs a mexer nas presilhas.

- Ajuda aqui, gente, pediu.

Tânia foi a primeira a atender, e Cris veio em seguida.

- A passagem, pessoal, disse o cobrador no momento em que a embarcação arrancava, levando-os em direção à ilha.

Era um rapaz dali mesmo, da região, um surfista queimado de sol, e de cabelo comprido que lhe caía nos olhos. Não parecia nem um pouco perturbado com a presença daquele “frangão” a bordo.

- Aqui, disse Helen. Eu pago!

- Cadê os rapazes? indagou Katie.

- Fique bem quieto, Douglas, disse Tânia, remexendo na roupa. Já estou conseguindo soltar. Incline a cabeça pra frente pra tirarmos isso de você.

De bom grado, ele obedeceu, inclinando para baixo o enorme adereço com um longo bico alaranjado. Com dois minutos, Tânia conseguiu remover dele a monstruosa cabeça. Douglas olhou para ela aliviado. Tinha o rosto bem avermelhado e todo molhado de suor.

- Os caras estão lá na ilha, esperando a gente, informou ele.

- Ah, é? disse Katie. Só quero ver a cara deles quando chegarmos lá e eles virem que já o soltamos.

- É, falou Douglas. Mas eu não vou a lugar nenhum com essa bola de boliche amarrada no pé.

E virando-se para Trícia, tocou o rosto dela com a mão ainda recoberta de penas e disse:

- Obrigado por ter vindo! Sinto muito se isso atrapalhou sua festa.

- Não se preocupe, replicou ela. Tudo bem com você?

Havia duas penas pequenas coladas no rosto dela.

- Agora está, obrigado. Tinha uma hora que eu estava com esse negócio. Já estava ficando agoniado, com claustrofobia. Que sensação boa é voltar a respirar o ar puro!

- Já tem uma hora que você está rodando nesta balsa? indagou Trícia.

- Sei lá! A sensação é de que estou aqui há dias!

- Como é que vai tirar esta bola e a corrente? quis saber Selenia.

Ela sabia que não aguentaria ter algo apertando o tornozelo daquele jeito. Preferiria uma fantasia que lhe desse claustrofobia a uma bola de boliche atada a seu pé, principalmente se estivesse numa embarcação.

É o Larry que sabe o segredo do cadeado, explicou Douglas. Então é ele que tem de me tirar dessa balsa, a não ser que você queira tentar descobri-lo.

- Eu descubro, disse um homem que estava por perto.

Era um dos passageiros curiosos, que tinham ficado a observar a cena. E antes mesmo que alguém lhe desse permissão, ele se abaixou perto do pé do Douglas e chegou o cadeado ao ouvido.

- Silêncio, pessoal! gritou ele, pondo-se a remexer na fechadura.

Em menos de dois minutos, conseguiu abri-lo. Imediatamente, ouviram-se gritos de aplauso por parte das garotas e dos outros passageiros. Katie, que tinha ido com Helen para o outro lado da balsa, virou-se para o grupo, a fim de ver a razão dos gritos. Selenia pensou em ir lá ficar com as duas. Também queria ver a reação dos outros rapazes.

- É o meu serviço, explicou o homem, tirando os óculos. Sou serralheiro e trabalho com fechaduras. Olha aqui um cartão meu.

- Quanto eu tenho de lhe pagar? indagou Douglas, retirando o pé da corrente.

- Nada, disse o homem. Fica como presente de casamento. Só lhe peço que não deixe a noiva esperando no altar! concluiu ele.

- Ah, isso não vai acontecer mesmo! exclamou o rapaz.

Nesse momento, Selenia notou que já estavam chegando à ilha. Os rapazes estavam lá, à espera, sentados em cadeiras de praia, com uma caixa de isopor do lado e olhando-os de binóculos. Ela logo avistou Larry, que se achava de pé, com as mãos em volta da boca, como quem usa um megafone.

- Por que foi que o “frango” atravessou a baía? Gritou ele.

- Hummm! resmungou Douglas. Que piada mais sem graça!

Ele já havia aberto o zíper da fantasia e retirava-a. Estava vestido de camiseta e short. Sua roupa achava-se empapada de suor.

- Agora sou eu que vou fazer uma brincadeirinha com eles, disse o rapaz, abaixando-se e escondendo-se atrás de um dos carros que se encontravam na balsa. Tânia, prosseguiu ele, passando-lhe a fantasia, esconde isso por aí.

- Esconder? Onde?

- Selenia, quando eu der o sinal, jogue essa bola com a corrente na água, o.k.?

A garota pegou o pesado objeto. A balsa se aproximava da doca, e Douglas foi para um ponto do tombadilho onde havia uma sombra. Dando um sorriso, ele subiu à amurada.

- Douglas, gritou Trícia correndo para ele, o que está fazendo?

- Vou pregar neles a melhor peça de minha vida, cochichou ele para a noiva.

Capítulo Treze

A embarcação atracou. Assim que ela parou, Douglas gritou:

- Não agüento mais isso!

Em seguida, fez um pequeno aceno de cabeça para Selena e saltou na água, com os pés para baixo. A princípio, a garota ficou sem saber o que fazer, mas logo se lembrou do que ele lhe dissera e jogou a bola na água, distante do ponto em que ele submergira. Trícia soltou um grito estridente e Larry berrou:

- O que ele está fazendo? Está com uma bola de boliche no pé!

Imediatamente, Katie veio correndo para onde Selena e Trícia estavam.

- Ninguém vai fazer nada? gritou angustiada.

E antes que alguém pudesse segurá-la, tirou o blazer e saltou sobre a amurada, caindo na água.

- Não podem fazer isso! berrou o piloto da embarcação.

O homem ergueu os braços irritado, ao ver Ted e Jeremy entrando na balsa, seguidos de perto por Larry e outros rapazes.

- Está tudo bem! gritou Cris para eles.

- Ele já tinha tirado a bola do pé, explicou Selena.

- É só uma brincadeira, concluiu Trícia.

Ted saltou por sobre a amurada e foi nadando para o ponto onde Katie se encontrava.

- Não estou vendo o Douglas, disse a jovem em pânico.

- Calma, está tudo bem, explicou-lhe Ted ao aproximar-se dela, procurando tranquilizá-la. Ele está só querendo nos pregar uma peça.

- É mesmo? indagou ela, dando braçadas e olhando ao redor.

Do ponto onde Selena se encontrava, a água tinha um aspecto horrível. Achava-se suja de óleo, que rebrilhava ao clarão das lâmpadas, formando círculos de luz ao redor de Ted e Katie.

- Então onde é que ele está? quis saber a garota, procurando nas proximidades de onde se encontrava.

Ted deu um mergulho à procura do amigo e a moça continuou dando braçadas para se manter à tona.

- Será que ele está do outro lado? gritou ela.

Trícia e Cris correram para o outro lado da amurada e se puseram a correr os olhos pela água, juntamente com dezenas de passageiros que ainda não haviam desembarcado.

O capitão pôs a cabeça para fora da cabine de comando e perguntou a Selena:

- Ainda tem alguém no mar? Eles não podem fazer isso!

- Tem três pessoas lá, mas uma ainda não veio à tona, explicou a garota.

- Pra mim chega! Vou chamar o socorro, disse ele, recolhendo-se à cabine.

- Douglas! gritou Trícia. Douglas!

- Ele está aí? indagou Tânia com um tom apreensivo.

Jeremy passara o braço em torno do ombro da namorada, e ambos corriam os olhos pela água, de um lado e outro do barco.

- Douglas, gritou Trícia de novo, essa brincadeira agora está ficando sem graça!

- Estou aqui! gritou uma voz do lado em que Selena se encontrava.

A garota olhou para a água, mas não avistou ninguém.

- Trícia, ele está aqui! gritou ela.

Imediatamente vários passageiros correram para aquele lado da balsa.

- O que você está fazendo?! berrou Trícia para a água escura. Onde você está? Não estou vendo!

Ted veio à tona e Cris gritou para ele:

- Ted, ele está bem. Está ali na água!

- Onde? indagou Katie, girando a cabeça para um lado e outro.

De repente, da lateral da balsa, veio a luz forte de um holofote, clareando toda a área. Aí todos puderam ver o Ted, a Katie e, um pouco mais para o lado, o Douglas.

- Pronto, pessoal! berrou o capitão com um megafone, saiam todos da água. Saiam agora! Já chamei as autoridades. A brincadeira foi longe demais. Saiam já!

Katie e Ted foram logo nadando em direção à margem, mas Douglas nem se mexeu. O capitão fixou o clarão em cima dele e gritou:

- Saia da água imediatamente, rapaz!

- Bem que eu gostaria, principiou Douglas ao ver que uma grande “platéia”, uns na balsa e outros em terra, o observava. Em que... bom... eu... parece que perdi o short aqui na água e... ah...

Foi uma gargalhada geral. Alguém bateu uma foto. O serralheiro aproximou-se de Selenia e disse:

- Olhe aqui! Tenho um calção de banho na minha bolsa.

Assim dizendo, ele abriu uma pequena sacola de ginástica que carregava e retirou dela um calção para o rapaz. Atirou a peça para ele e, debaixo dos olhares de todos, Douglas o pegou. Em seguida, deu um mergulho para vesti-lo.

A essa altura, Ted e Katie já estavam chegando às pedras que havia junto às docas. De repente, a garota soltou um grito agudo. Selenia teve a impressão de que a ouviu dizer:

- Ai! Meu pé!

Contudo, por causa do barulho e da confusão reinantes, ela não tinha muita certeza disso. Em terra, havia uma fileira de carros querendo embarcar, buzinando fortemente. Atrás deles, ouviu-se a sirene de um veículo de polícia que desejava passar. Ao mesmo tempo, a multidão “zoava” o Douglas que nesse momento nadava em direção à margem.

- Vamos embora, gente, falou Tânia. Vamos dar o fora daqui.

E ela e Jeremy foram saindo, seguidos de Selenia, Trícia e Cris. Os outros rapazes do grupo e mais três moças já haviam desembarcado.

Achavam-se perto das pedras, onde o Ted tentava ajudar Katie a subir para a margem plana.

Assim que Selena chegou perto deles, percebeu que Katie estava sentindo muita dor. Ela se achava deitada de lado, ensopada, tremendo e segurando o tornozelo.

- Procure ficar quieta, orientou Ted, também todo molhado, inclinando-se para ela.

- O que aconteceu? perguntou Cris, falando aos berros por causa do ruído da sirene que agora já se achava bem junto deles.

- Ela prendeu o pé nas pedras, explicou o rapaz, atirando o cabelo para trás, com um gesto típico de surfista, e respingando água em todo mundo.

- Torci o pé, disse a garota entre gemidos. Ai! Está doendo demais!

Nesse momento, Selena percebeu que o veículo que chegara tocando a sirene não era um carro de polícia, mas uma ambulância. Larry fez um aceno para os socorristas e gritou:

- É aqui!

Mais curiosos se aproximaram no instante em que um socorrista se abaixou junto de Katie e passou a fazer-lhe perguntas. Douglas, que finalmente saíra da água são e salvo, achava-se de pé ao lado de Ted, usando o calção emprestado. Percebia-se que a peça era bem pequena para ele. Cris e Trícia foram para junto dos namorados, mas Selena ficou um pouco mais afastada, junto com Tânia, Jeremy e outros amigos.

- Isso acabou virando uma confusão, comentou Tânia, que ainda tinha nas mãos a enorme fantasia de frango.

- Acho melhor irmos para a casa de Douglas, sugeriu Jeremy. Ou vocês estão pensando em retornar à casa de Trícia?

- Se a Katie não tiver nada grave, devemos voltar para a de Trícia, replicou a jovem.

Uma das garotas do grupo aproximou-se mais da aglomeração que se formara em volta de Katie e retornou dizendo que os socorristas haviam decidido levar a jovem para o hospital. Achavam que talvez o pé dela estivesse quebrado.

- Ah, não! exclamou Selenia. Ela não ia participar da cerimônia de casamento?

Não, respondeu Tânia. A dama de honra é a Cris.* Acho que a Katie está responsável é pelo livro de assinatura dos convidados.

**Nos Estados Unidos, as damas do casamento são as amigas da noiva, e não crianças pequenas. (N. da T.)*

Talvez ela tenha de ficar de muletas, comentou Selenia.

- E vai logo arranjar um jeito de pôr a culpa no Douglas, disse Helen.

- Bom, interveio Tânia, procurando defender Katie, se ele não tivesse pulado na água... Ela só saltou lá porque estava preocupada com ele. Obviamente, ela não sabia que ele havia tirado a bola do pé.

Ah, isso não interessa não, falou Jeremy. Por que é que a culpa tem de ser do Douglas? Katie não precisava pular no mar, querendo bancar a heroína. Por que ela tinha de pensar que era ela que precisava salvá-lo?

- Mas esse é o jeito dela, gente, disse Selenia, tentando pôr fim à pequena discussão que se iniciara entre Jeremy e a irmã. O Ted também é assim. Esses dois, quando vêm um problema grave, agem impulsivamente e só depois é que param pra pensar.

- Sabe o que acho? começou Tânia. Foi o Douglas que agiu sem pensar. Essa brincadeira dele foi de muito mau gosto. Trícia quase morreu de susto. Aposto que está furiosa com ele.

Tânia tinha razão. A garota estava mesmo furiosa.

Katie foi para o hospital acompanhada por Ted e Cris. O resto do grupo dirigiu-se para a casa de Trícia. E ela, que sempre era muito doce, nessa hora tinha uma expressão fortemente irada. A mãe dela convidou a todos para entrarem e comerem um pedaço de bolo. Trícia foi a única que não quis comer.

Douglas também parecia preocupado com o incidente. Ficava só olhando para a noiva, procurando no rosto dela algum sinal de que estava mais calma.

- Acho que aquele serralheiro era um anjo, disse Helen para o rapaz. Quero dizer, não é toda hora que a gente encontra um cara que sabe abrir um cadeado e ainda por cima tem um calção de banho na sacola.

- Que idéia mais ridícula! exclamou Marta. Que absurdo achar que Deus iria mandar um anjo para resolver um problema que nós mesmos arranjamos!

Imediatamente, Douglas concordou com ela.

- É, foi uma loucura mesmo, disse ele. Vou dizer algo diante de todos aqui, falou, dando uma olhada para Trícia, com um sorriso sincero. Hoje aprendi uma dura lição. Não quero mais saber dessas brincadeiras. Não tem graça nenhuma quando alguém sai machucado. Ou leva um susto muito grande... concluiu.

- Não tem mesmo, repetiu Marta. Eu já vou pra casa. Alguém vai comigo?

Selena deu uma olhada à sua volta. Do grupo que viera para a festa no carro de Marta, ela era a única que estava ali. Katie e Cris ainda se encontravam no hospital. Tânia e Jeremy já haviam ido embora, pois teriam de ir para mais longe.

- Acho que eu vou, disse ela.

Durante todo o trajeto, Marta foi expressando sua preocupação e frustração com as loucuras dos amigos de Cris.

- Esse pessoal precisa crescer, falou. Você ainda é nova por aqui, Selena, e não conhece essa turma como eu. Faz anos que conheço esses rapazes. É simplesmente ridículo o jeito como eles agem. Aprontam como se fossem adolescentes. Ainda bem que o Robert não veio. Tenho certeza de que o bobo do meu marido teria entrado na brincadeira junto com eles.

A essa altura, chegavam em casa, e Marta apertou o botão do controle remoto para abrir o portão.

- Isso vem demonstrar ainda mais que eu tenho razão no que estou pensando. Cris deve ir estudar na Europa e afastar-se do Ted, senão ele não vai amadurecer nunca. Aquele rapaz não tem um pinga de responsabilidade.

Selena se lembrou de que Ted recusara o convite para viajar à Suíça porque não poderia mais tirar folga no trabalho. Em sua opinião, isso demonstrava muito senso de responsabilidade.

- Não existe nenhuma razão para ela não ir estudar nessa escola, prosseguiu Marta. Não consigo entender por que ela vai perder essa oportunidade, só para ficar por aqui, na companhia desses amigos.

- A senhora não gosta do Ted? indagou Selena na hora em que a outra desligava o carro.

- Claro que gosto! exclamou Marta com expressão de espanto no rosto. Gostamos dele como se fosse nosso filho! Como é que você pode pensar uma coisa dessas?

Selena deu de ombros.

- Estou preocupada é com Cristina, continuou a tia. Ela não é o tipo de jovem que deveria se casar muito nova. Ela está tendo uma chance de conhecer o mundo. Se não aproveitar agora, mais tarde vai se arrepender muitíssimo.

Selena não conseguia entender por que fora que Marta chegara a essa conclusão. Quantos anos teria ela quando havia se casado com Bob?

Entretanto achou melhor não dizer nada, então concentrou-se em manter a boca fechada, enquanto entravam em casa.

Em cima da mesa da cozinha, encontraram um bilhete de Bob dizendo que Ted lhe ligara e que ele fora para o hospital.

- Ah, fez Marta. Quando será que vão voltar? Sabe o que mais? Vou me deitar. Selena, por favor, fique à vontade.

- Obrigada, replicou a garota. Boa-noite!

- E foi uma noite e tanto! resmungou a tia de Cris. Vou ficar muito espantada se aqueles dois conseguirem mesmo chegar ao altar!

Selena não conseguiu entender bem se ela estava se referindo a Douglas e Trícia ou a Ted e Cris.

Capítulo Quatorze

O dia seguinte passou voando, cheio de muita agitação. Katie e Cris haviam chegado do hospital muito tarde, e Selena já estava dormindo. Pela manhã, Katie mostrou o gesso que tinha no pé e pediu à amiga para assinar nele. Apesar de tudo que passara na noite anterior, a garota não perdera o bom humor.

O telefone tocou a manhã inteira. Eram os amigos querendo saber notícias da acidentada. E, obviamente, cada um dava sua própria versão do episódio. Helen lhes disse que a notícia saía no jornal. Imediatamente, Cris e Selena desceram a escada correndo para procurar o relato, e Katie veio atrás delas manquitolando.

O artigo estava na segunda página, onde se encontravam as notícias locais. Continha um total de nove linhas, descrevendo a brincadeira que alguns universitários haviam feito a um amigo que estava para se casar. Por último, vinha a conclusão:

“O delegado Sanders advertiu que tais atividades podem acabar sendo muito perigosas. Isso ficou comprovado pelo fato de um dos participantes ter sido levado para o hospital com uma perna quebrada.”

- Pé quebrado, interveio Katie, corrigindo Cris, que lia o relato em voz alta para os outros. Vou ligar pra eles e dizer que quebrei foi o pé, e não a perna.

Antes, porém, que ela pudesse cumprir sua ameaça, o telefone tocou. Bob pegou-o e foi para o outro aposento. As três moças ainda estavam de camisola, quando, a certa altura, Selenia se deu conta da hora.

- Gente, é quase meio-dia! disse. Acho que deveríamos trocar de roupa!

- Já é isso tudo? indagou Cris. Tenho de estar na igreja às 4:00h para o ensaio. As 6:00h, vai haver um jantar para os parentes dos noivos e para os padrinhos. Ainda não resolvi que roupa vou usar, e tenho de ligar pra casa.

Pouco depois, Cris foi para o telefone e ficou quase uma hora conversando com os pais sobre a viagem à Suíça, programada pela Tia Marta. Isso deixou a jovem ainda mais estressada. Ela pediu a Selenia que passasse uma blusa para ela, enquanto tomava banho.

Katie não parou quieta. Ficava andando de um lado para o outro com sua muleta. Contudo parecia ter perdido um pouco da agilidade. O gesso ia do pé até ao joelho; e parecia bastante incômodo. Era provável também que ela ainda estivesse “digerindo” o desconforto de haver quebrado o pé.

Marta vagava pela casa, preocupada com tudo que dizia respeito a todo mundo. Será que o Ted já fora buscar o smoking? Será que deveriam ligar para a mãe de Trícia para ver se ela precisava de ajuda com os últimos detalhes do casamento?

Selena acabou de passar a blusa e subiu para o quarto de hóspedes, onde pendurou a peça no armário. Marta veio atrás dela. Katie finalmente se deitara na cama e apoiara o pé sobre uma pilha de travesseiros.

- E o Douglas? continuou Marta, com sua interminável preocupação. Não seria bom o Bob ligar para ele, para lembrá-lo de pegar as alianças na joalheria? E a certidão de casamento? O Ted e a Cris vão ter de assiná-la como testemunhas. Será que Douglas vai lembrar-se de levá-la à igreja?

Por fim, a tia de Cris saiu do quarto, deixando as três jovens sozinhas. É que se lembrara de que não ligara para a loja onde comprara o presente de casamento, para recomendar-lhes que o entregassem na casa da noiva.

- Eu não quero festa no meu casamento. Se eu mudar de idéia, lembrem-me disso, comentou Cris, enxugando o longo cabelo castanho-claro.

- Você vai querer que a gente comece a lembrá-la disso imediatamente? quis saber Katie.

- Não, respondeu a jovem, entrando no banheiro e ligando o secador de cabelo.

Katie e Selena se entreolharam.

- Não dou seis meses pra eles se casarem, afirmou Katie.

- E se ela for pra Suíça? interpôs Selena.

- Ela não vai, não, replicou a outra. Você iria?

- Na mesma hora, respondeu a garota.

- Eu também, continuou Katie, mas Cris não vai, não. Ela não tem esse espírito de aventura que eu e você temos.

- Eu escutei, viu? gritou Cris, desligando o secador. E querem saber o que mais? Acho que vou, sim.

- Vai? indagaram as duas ao mesmo tempo.

Cris voltou para o quarto.

- Acho que, na semana que vem, vou com minha tia pra ver como é tudo lá. Chamei minha mãe pra ir conosco, e ela disse que vai conversar com papai primeiro. Amanhã eles virão para o casamento e aí vão me dar a resposta. Se mamãe resolver ir, aí eu vou.

- Ah, que pena! exclamou Katie. Queria ir com você!

- Ah, fez Cris em tom de ironia, você iria se divertir muito passeando pela Europa de muletas!

- Por que não? Pior era aquela garota do filme Heidi. Como era mesmo o nome dela? A que era rica e morava na cidade? Ela se virava bem nos Alpes apesar de estar numa cadeira de rodas.

- É, interveio Cris rindo, mas ela contava com a Heidi e o avô da menina para empurrarem a cadeira. Você só teria eu e a Tia Marta.

Nesse momento, a porta do quarto se abriu de repente e a tia de Cris entrou abruptamente. O rosto dela estava vermelho. Selena pensou se ela devia ter um radar mental embutido para descobrir quando alguém estava fazendo piadinhas com o nome dela.

- Cancelei meu cartão naquela loja! anunciou Marta. Eu havia pedido dois jogos de jantar para Douglas e Trícia. Eles me informaram que entregaram tudo, e que ficaram faltando apenas as saladeiras.

Selena e Katie se entreolharam. Aquilo não lhes parecia nenhuma tragédia.

- Agora há pouco, me ligaram e disseram que descobriram que tinham as saladeiras no estoque, se eu queria ir lá pessoalmente pegá-las. Isso significa que, se eu quiser que os noivos recebam o jogo completo, tenho de ir lá pegar. Alguma de vocês pode ir comigo?

Novamente Selena e Katie se entreolharam. Em seguida, Selena virou-se para Cris, que também a fitou.

- Preciso acabar de me aprontar para o ensaio, explicou esta. Tenho de sair dentro de uns cinqüenta minutos.

- Meu pé está muito dolorido, comentou Katie.

Selena sentiu um aperto na boca do estômago. Como não se sentia muito à vontade na companhia de Marta, não tinha o menor desejo de ir com ela. E ainda mais para desempenhar uma tarefa tão desagradável! Pensou que, se o casamento de Douglas e Trícia fosse parecido com o do seu irmão Cody, os noivos só iriam ter tempo para abrir os presentes depois que voltassem da lua-de-mel. Tinha certeza de que nem dariam pela falta das saladeiras agora.

- A senhora não pode pedir à loja para entregar? sugeriu ela em tom calmo. Quero dizer, eles não entregaram o resto da louça na casa da

Trícia? Eles podem levar as saladeiras também. Se não mandarem hoje, amanhã ainda dá tempo.

- Isso mesmo, concordou Katie. E diz pra eles fazerem embrulho de presente.

Marta pensou um pouco e logo em seguida desfez a expressão de tensão que tinha no rosto.

- É, você tem razão. Por que tenho de ir lá pegar o jogo de saladeiras? Foram eles que cometeram o erro, e não eu. Vou ligar pra eles agora e dizer-lhes exatamente isso, concluiu ela, saindo do quarto em passadas rápidas.

As garotas ficaram a olhar umas para as outras.

- É! principiou Katie, apoiando as mãos sob a nuca. Como eu estava dizendo, espero que você e sua mãe passem momentos bem agradáveis nos Alpes, com a Tia Marta. Nem eu nem Selena iríamos agüentar isso direto e reto, durante uma semana, por dinheiro nenhum.

- Sei não, interveio Selena, por um bom dinheiro eu acho que iria...

- Ah, deixem disso! exclamou Cris.

Nesse momento, o Tio Bob enfiou a cabeça pela porta que se achava aberta.

- Todo mundo vestido? Posso entrar?

- Pode.

- Cris, o Ted chegou.

- Já? Nós só vamos sair daqui a mais ou menos uma hora!

- Bom, parece que ele ainda não comprou o presente de casamento, e quer que você vá com ele, antes do ensaio, para ajudá-lo a escolher.

Katie começou a rir.

- Fala com ele pra aproveitar que a Marta está telefonando e quem sabe ele pode encomendar um lindo jogo de saladeiras. Ou talvez a sopeira, se ninguém deu uma ainda.

- Pare de brincar, Katie, disse Cris. Tio Bob, por favor, diga ao Ted que vou descer daqui a uns quinze minutos, mas não vai dar pra comprar o presente hoje. Vamos ter de fazer isso amanhã de manhã.

- Pois não! exclamou o tio, fazendo uma curvatura e imitando um pomposo mordomo.

- Ah, espere aí. Com que roupa que o Ted está?

- Com o traje próprio de um praiano, explicou ele.

- Era o que eu pensava, disse a jovem. O senhor pode dizer a ele, por favor, que hoje temos de estar com roupa social? Talvez seja melhor ele ir em casa e se trocar.

- Como queira, respondeu Bob, saindo e fechando a porta.

- Será que ele nunca foi a um casamento? Deve ter ido, resmungou Cris.

Ela se inclinou para a frente, deixando o cabelo tombar para diante de forma que a ponta dele quase tocava o chão. Em seguida, pôs-se a escová-lo vigorosamente a partir da nuca.

- Não acredito que ele tenha pensado que poderia ir de short, camiseta e sandália de dedo! comentou ela.

- Você tem certeza de que esse ensaio é com roupa social? indagou Katie. O do meu irmão foi bem informal.

Contudo, antes que Cris e Selena tivessem tempo de abrir a boca para responder ou comentar, a própria Katie prosseguiu:

- É, mas ele se casou num parque, lá em Reno. E o ensaio foi num hotel pequeno.

Selena disparou a rir.

- Está falando sério? indagou ela.

Katie fez que sim, mas não disse mais nada. Selena entendeu que o assunto não era para rir.

Bob bateu à porta de novo e entrou.

- Missão cumprida, anunciou ele. Ted foi em casa e disse que deve estar de volta daqui a uns quarenta e cinco minutos, de terno e gravata.

- De terno? repetiu Cris. Pra mim já está bom se ele vestir uma calça social e uma camisa social limpa. Isso é pedir muito, gente? concluiu ela, virando-se para as amigas.

Nenhuma das duas deu resposta. Bob saiu e Cris passou a ocupar-se com a maquiagem, enquanto Selena e Katie conversavam sobre o tipo de roupa que Cris deveria usar nessa noite. Finalmente concordaram que ela deveria ir com uma saia curta e com outra blusa, não a que Selena passara. Era um conjunto básico elegante e combinaria bem com o que Ted usasse, fosse informal ou social.

Selena admirou-se com a calma com que Cris reagiu diante de tantos eventos que lhe tinham sobrevindo naquela tarde. Naquele momento,

quando a jovem se aproximava mais do espelho para aplicar o rímel nos cílios, era a própria imagem da paz e da tranqüilidade. Selenia gostaria de ser assim. Queria ter aquele ar de felicidade e autocontrole que não era apenas superficial, mas profundo.

- O que vocês duas vão fazer à noite? indagou Cris.

- Acho que vamos dar umas voltas de roller, respondeu Katie brincando. Depois iremos fazer cooper na praia. E depois vamos jogar bola na rua com os meninos daqui. Entendeu, né? O de sempre!

Cris riu.

- O.k., disse. Seja o que for que fizerem, divirtam-se!

Em seguida, saiu rapidamente porta afora, deixando no ar o leve perfume de flor de maçã do fixador.

- E aí? O que você quer fazer? indagou Selenia a Katie.

- Sei lá. O que você gostaria?

Selenia riu.

- Sabe o que mais? Nós duas estamos patéticas.

- Não! Não estamos, não! Vamos ver se convencemos o Bob a nos levar a algum lugar.

- Ótimo! Aonde?

- Qualquer lugar. De preferência onde não haja discriminação contra ruivas de muletas.

Selenia caiu na risada.

- Vamos lá! disse. Vamos as duas conversar com ele. Tenho a ligeira impressão de que você tem mais experiência nisso do que eu.

- Isso mesmo! replicou Katie, pegando a muleta. Vamos lá Selena. Vou ensiná-la a praticar a difícil arte da persuasão. Nossa vítima é o “pobre” Tio Bob, que não suspeita de nada.

Capítulo Quinze

Selena virou-se de lado e puxou a coberta até o queixo. Remexeu os pés, procurando sentir-se mais confortável. O quarto de hóspedes estava em profundo silêncio, quebrado apenas pelo leve ressonar de Katie.

Passava de meia-noite, mas Cris ainda não regressara. Selena se via como uma “galinha choca”, toda preocupada com a amiga. Será que ela estava com Ted? Será que estavam conversando a respeito da decisão que ela teria de tomar sobre a escola da Suíça? Ou será que o pessoal que participaria da cerimônia de casamento estava pregando mais algumas peças em Douglas e Trícia?

A noite para Katie e Selena fora meio sem graça. Haviam saído para jantar com Bob e Marta e depois voltado para casa para assistir à televisão. Ao que parecia, a “difícil arte da persuasão”, em Katie, ainda estava engatinhando, quando tinha de aplicar-se a Bob. Obviamente, ele era mais influenciado por Marta, que ainda se mostrava preocupada com os detalhes do casamento. A tia de Cris passara boa parte da noite pensando em questões relacionadas com a festa, simplesmente pela razão de que era possível que ninguém houvesse pensado nelas. Ela chegara ao ponto de indagar se o ar condicionado no salão de recepção seria ligado, para que o bolo da noiva não ficasse mole demais e murchasse.

As duas garotas tinham subido para se deitar por volta de 11:00h, mas como haviam acordado tarde nesse dia, agora Selena não conseguia dormir. Ficou pensando na Amy e imaginando o que poderia estar acontecendo entre ela e Nathan. Sua esperança era de que a amiga tivesse ouvido o recado que deixara gravado e compreendido a mensagem que ela lhe passara.

O que mais preocupava Selena era o fato de que os pais de Amy estavam tendo conflitos. Com isso, a filha se sentia mais carente de amor e atenção. Selena tinha esperança de que Amy não abrisse mão de seus princípios no relacionamento com um rapaz como Nathan, apenas para suprir sua carência afetiva.

Afinal, Selena ouviu passadas leves subindo a escada. A porta abriu-se e Cris entrou no quarto pé ante pé.

- Oi! disse ela, cochichando. Estou acordada! Katie está dormindo, mas creio que não vai acordar. Como foi tudo lá?

Seguindo o clarão da lampadazinha noturna,* Cris se aproximou da cama de Selena e se sentou na beirada.

**Uma pequena lâmpada de quatro watts, que se liga numa tomada baixa, rente ao chão, e que permanece acesa durante a noite, para que o quarto não tique totalmente às escuras. (N. da T.).*

- Foi tudo bem, respondeu. Acho que amanhã tudo vai correr muito tranqüilo. Houve um momento muito interessante no ensaio. Foi no fim, quando o pastor diz: “Agora você já pode beijar a noiva”. O Douglas

tomou a Trícia nos braços, e eu pensei que ele iria beijá-la. Mas ele apenas olhou para ela com o rosto a um centímetro do dela. Selena, foi a cena mais emocionante do mundo, dessas de fazer a gente derreter por dentro. Aí ele cochichou pra ela: “Amanhã, meu amor; amanhã!”

Selena sorriu, em meio à escuridão do quarto.

- Essa questão de só dar o primeiro beijo depois de casado é muito importante para o Douglas, né?

- É, importante pra todos nós, creio, replicou Cris. Douglas é uma espécie de símbolo de pureza pra todo o grupo. Acho que, se ele tivesse beijado a Trícia hoje, eu teria ficado com raiva dele. Haviam chegado tão perto de cumprir o propósito e agora perderiam por pouco...

- Cris, principiou Selena, falando devagar, você acha estranho ver os dois se casando, sendo que você namorou o Douglas?

- De jeito nenhum, respondeu a jovem. Aliás, de certo modo, pra mim foi como se não o tivesse namorado. Quero dizer, ele era mais um amigo do que namorado. A gente saía muito em grupo. Sei que ele gostava de estar em minha companhia, mas entre nós nunca houve aquele negócio de ver “estrelinhas douradas”.

- Estrelinhas douradas?

Cris soltou uma risadinha suave.

- Não sei que nome posso dar a isso. Às vezes, quando olho para o Ted, tenho a impressão de que Deus derramou umas estrelinhas douradas no ar, entre nós. Só nós as vemos, mais ninguém. É algo que nos une

fortemente. Sei que entre o Douglas e a Trícia também há isso. Eles vão ser muito felizes.

- Quer dizer, então, que a raiva que Trícia teve do Douglas ontem já passou?

- Acho que sim. Ela ficou com muita raiva dele, sim. Mas hoje ele falou de novo com a mãe dele que esse negócio de fazer essas brincadeiras infantis acabou pra ele.

- Katie vai gostar de saber disso, comentou Selena.

- É, tem razão! concordou Cris, bocejando. Acho melhor deixá-la dormir, continuou. Durma bem!

Em seguida, ergueu-se e entrou no banheiro, fechando silenciosamente a porta. Selena afastou um pouco as cobertas. Estava sentindo calor.

Estrelinhas douradas! pensou. Gostei!

E caiu no sono, tendo no rosto um leve sorriso de satisfação. Na manhã seguinte, tinha a impressão de que iria continuar sorrindo animada. Não se incomodou nem um pouco ao perceber que Tia Marta ainda estava supertensa com as pequenas preocupações dela. Cris e Ted saíram para comprar o presente para os noivos, mas ela não se importou de ficar em casa com a Katie. Tampouco se irritou ao ver que a amiga, que hoje experimentava mais desconforto que antes, toda hora ficava lhe pedindo pequenos favores. Selena sentia-se contente. Era uma felicidade que vinha lá do fundo. Pensou na Trícia a manhã inteira. Ficou a imaginar se ela também estaria sentindo-se imensamente feliz ou se aquela gente

toda e a roda-viva dos preparativos do casamento a estavam deixando maluca.

Selena achava que naquele dia nada poderia acabar com a alegria que estava sentindo. Tomou um banho demorado e depois entrou no quarto enrolada na toalha. Iria vestir a roupa maravilhosa que trouxera especificamente para a cerimônia.

Katie achava-se de pé perto da cama onde Selena colocara o conjunto.

- Sinto muito, Selena, foi dizendo a amiga. Aconteceu um acidente.

- Que acidente?

- Sua saia. Ela prendeu na base da minha muleta e eu não vi. Quando saí andando, dei um puxão e ela rasgou. Me desculpe! Acho que não vai dar pra arrumar. Você tem outra roupa?

Selena correu para a saia de tecido fino e examinou-a. Sentiu uma onda de raiva e contrariedade brotar dentro dela. Primeiro Amy rasgara sua saia azul. Agora, acontecia isso.

- Não, respondeu com voz irritada. Só trouxe esta.

Na hora em que arrumara a mala, colocara nela várias peças de roupa, mas eram todas informais. Nem pensara que poderia precisar de alguns trajes sociais. Estivera pensando apenas na outra vez em que viera a esse lugar, na Páscoa, e só usara shorts e camisetas.

- Estou muito chateada de ter feito isso, comentou Katie.

- Talvez dê tempo de remendar, interpôs Selena.

Nas semanas anteriores, todas as vezes que pensava no casamento de Douglas e Trícia, era nessa roupa que ela se “via”. Tratava-se de um conjunto que refletia bem sua personalidade.

- Acho que não dá tempo, continuou Katie. A Cris e o Ted já foram pra igreja. Saíram quando você estava no banho. A Marta disse que quer ir cedo. Eu falei pra ela que você ainda não estava pronta, então ela foi com a Cris e o Ted. O Bob está lá embaixo nos esperando.

- Que horas são? indagou Selena.

- Quase 6:00h.

- O casamento é às 7:00h, prosseguiu a garota, examinando mais de perto o rasgão que havia na saia.

Tinha de reconhecer que aquele pano era mesmo delicado e rasgava fácil. Mesmo assim, por que todas as suas roupas tinham de se estragar? Eram tão poucas as de que gostava mesmo!

- É, eu sei, mas tenho de chegar antes porque estou encarregada de ficar com o livro de assinaturas dos convidados. Tem certeza de que não tem outra roupa que poderia vestir?

- Absoluta, disse Selena.

Nesse instante, compreendeu que seu estilo pessoal de ser e de vestir era muito importante para ela. Ficou deprimida ao ver que se sentira abalada pelo fato de não poder usar a roupa que era a “cara” dela.

- Eu também só trouxe este, continuou Katie, apontando para o vestido verde-escuro que estava usando. Talvez Cris tenha algo que você possa utilizar. Olhe na mala dela.

- Ah, eu não posso pegar a roupa dela emprestada, não, replicou Selenia.

- Não precisa se preocupar, insistiu Katie. Ela não se importa, não.

Ela talvez não se importe, pensou a garota, mas eu não vou me sentir legal vestida com uma roupa da Cris. Você é que não está entendendo nada, Katie, concluiu ela, sentindo a raiva arder em seu interior.

Andando penosamente, Katie foi até onde estava a mala de Cris e abriu-a.

- Olhe, disse, tem um vestido bem aqui. Experimente este. Talvez fique um pouco grande em você, mas é melhor que nada. Eu só tenho shorts pra lhe emprestar.

Selenia deu uma olhada na peça e esforçou-se para não torcer os lábios. Era de cor amarelo-clara, com estampa de flores, e trazia um lacinho no decote. Ótimo para Cris, mas com certeza um modelo que Selenia nunca compraria.

- Sei não, disse ela pensativa, ainda hesitando.

- Não temos nenhuma outra opção, disse Katie, correndo as mãos pelas roupas de Cris.

Selenia olhou de novo para a saia, pensando se não poderia usá-la com o rasgão virado para trás ou de lado. Talvez assim ele não fosse notado.

Por que estou sendo tão renitente com relação a isso? pensou. *Geralmente, não sou tão ligada em roupa! Ou será que sou?*

Lembrou-se de que sua “marca registrada” eram os objetos de uso pessoal, todos meio diferentes. Quando estivera na Inglaterra, fora conhecida pela velha bota de cowboy do pai. Até o Paul havia notado o calçado e fizera um comentário a respeito. Ninguém se referia a ela dizendo “aquela garota mais nova”, mas, “a menina que usa aquelas roupas diferentes”. Quando conhecera Amy, no primeiro dia de aula, elas haviam se aproximado uma da outra porque estavam com vestidos parecidos. Ambas gostavam de comprar roupas em brechós e em lojas especializadas. Selena reconhecia que a forma como se vestia era um modo de expressar uma identidade própria.

Ouviram uma batida leve à porta.

- Como está indo tudo por aí, senhoritas? indagou Bob do outro lado. Já está na hora de irmos andando.

Selena olhou para Katie e, em seguida, para o vestido.

- Já vamos! gritou em resposta.

Pegou a peça e correu ao banheiro. Dois minutos depois, saiu de lá com o vestido amarelo. Rendera-se, mas ainda se sentia um pouco frustrada.

- Você está um amor! exclamou Katie com um sorriso simpático.

- Meu pior pesadelo é exatamente parecer que estou “um amor”, replicou ela, abanando a cabeça e fazendo dançar o cabelo molhado. Agora vou só pegar umas jóias e calçar o sapato.

- E seu cabelo? indagou Katie.

- Que tem ele?

- Não vai secar e pentear, não?

- Não. Ele não fica melhor do que isso. Há muito tempo que já desisti de dar um jeito nele.

- Adoro seu cabelo, continuou Katie. Ele lhe dá uma imagem de mulher de espírito livre.

Selena foi obrigada a rir. E ela que estivera pensando que sua “marca registrada” eram suas roupas!

- É! Sou uma mulher de espírito livre que agora está usando uma roupa meio formal. Tem algo errado neste quadro!

Katie continuou a dizer que ela estava com ótima aparência. Durante todo o trajeto, foi repetindo que uma lição que aprendera na vida fora que nossos verdadeiros amigos são aqueles que nos amam de qualquer maneira. São aqueles que olham para nós procurando ver apenas como somos por dentro.

- Você tem razão, disse Bob, pegando um cartãozinho que se achava dentro de uma agenda que estava no painel do carro. Isso lembra o meu “pensamento da semana”. É uma frase de Agostinho. Quer ouvir? “Ó minha alma, somente aquele que te criou pode dar-te plena satisfação. Se quiseres algo além dele, isso te trará infelicidade, pois só aquele que te criou pode satisfazer-te.” Isso é maravilhoso, não é?

- Leia de novo, pediu Katie.

Bob tirou momentaneamente os olhos da rua e fixou-os no cartão. Depois, olhou para a rua novamente.

- Espere aí, interveio Katie. Talvez seja melhor você ler, Selena.

A garota estava sentada no banco da frente ao lado do motorista. Bob entregou-lhe o cartão, e ela o leu.

- Isso é verdade, sabe? comentou Bob assim que ela terminou. Passei quase meio século da minha vida procurando algo que me satisfizesse. E essa procura só me trouxe infelicidade. Agora, sei que somente Deus pode preencher o vazio da alma.

Houve um momento de silêncio, em que as duas jovens se puseram a meditar naquela pitada de sabedoria.

- Chegamos! disse Bob, quebrando a atmosfera de seriedade e entrando no estacionamento da igreja. É o primeiro casamento a que assisto depois que me converti.

Saíram do carro, e ainda sorrindo, Bob acrescentou:

- Acho que estou mais empolgado do que todo mundo aqui.

- Sei não, retrucou Katie, indicando a fileira de carros que entravam no pátio da igreja. Creio que não está, não. Esse casamento vai ser inesquecível!

É, pensou Selenia, eu mesma sou uma que não vai se esquecer dele nunca. Vou me lembrar de que foi o casamento em que usei uma roupa emprestada, um vestido amarelo com um lacinho no decote.

Capítulo Dezesseis

Quando Selena chegou à entrada do templo, junto com Bob e Katie, ela se deu conta de que a amiga perdera a função de encarregada do livro de assinatura dos convidados. Junto à porta, havia um pequeno púlpito, onde se achava o livro. Alguns convidados já se encontravam ali, fazendo uma fila, para assinar nele. Ao lado, estava Marta, tendo na mão uma caneta branca que entregava a cada um que se aproximava.

- Que bom que você chegou, Katie! exclamou ela com voz adocicada assim que os avistou. Obrigada! continuou ela para um convidado que lhe devolvera a caneta.

Katie e Selena não entraram na fila, mas foram para onde estava a tia de Cris.

- Tem certeza de que quer que eu fique em seu lugar? indagou Katie. Você parece estar gostando muito de fazer esse serviço!

- Não, esta tarefa é sua, replicou Marta, sorrindo para o convidado seguinte e entregando-lhe a caneta. Entretanto, se você acha que poderá ter dificuldade para ficar aqui em pé...

- Ah, disse Katie, acho que vou só ficar aqui de lado cumprimentando todo mundo.

Contudo, no momento em que disse isso, ela avistou uma conhecida na fila e soltou um grito:

- Stephanie, não sabia que você ia vir!

Marta fez uma expressão de desagrado com a exuberância da jovem e abanou a cabeça ligeiramente. Katie foi em direção à fila e deu um abraço na outra moça.

Selena não sabia ao certo se deveria entrar na fila para assinar o livro de convidados ou ir procurar o Bob, que sumira no meio do povo. Decidiu levar seu presente até à mesa onde estavam outros embrulhos. Ali, uma tia de Trícia, que estivera no chá-de-panela, cumprimentou-a amavelmente e pegou o pacote de suas mãos. Esperava que os noivos gostassem do bule de chá que lhes comprara. Comparado com o jogo de louça que Marta lhes dera e com o jogo de chá de prata, dado pela avó de Trícia, o seu presente era muito simples.

Mas é de coração, pensou. E é isso que importa.

Selena postou-se de lado e ficou a olhar as pessoas que entravam no saguão do templo. Avistou Bob conversando com Ted e sorriu ao ver o rapaz. Ele estava muito elegante, com um smoking preto. Os introdutores também eram todos conhecidos dela, todos surfistas, mas completamente diferentes com aquela roupa formal, principalmente o Larry, que era o sujeito mais alto que a garota já vira. Pensou se não teria sido difícil em encontrar um smoking no número dele. E não havia dúvida de que também ele estava muito elegante.

Tânia e Jeremy estavam assinando o livro de presença. Marta cumprimentou a jovem dando-lhe um beijo no rosto, mas sem encostar nela. Selena aproximou-se do casal.

- Oi! disse a irmã para ela. Você está toda bonita! É um vestido novo?

Selena se controlou para não gritar.

- Não exatamente, replicou.

Tânia nunca apreciara muito as roupas que Selena usava. Aliás, só de pensar na possibilidade de ela apreciar, a garota estremecia. Se vestisse algo de que a irmã gostava, na realidade, estaria abrindo mão de seu estilo pessoal. Teria se tornado igual a qualquer um. Isso não seria capaz de fazer. Queria continuar com seu jeito peculiar de ser e de vestir. Era por causa dele que ou outros a notavam.

Selena não deu maiores explicações acerca da roupa que estava usando, e então Jeremy indagou:

- Onde vamos sentar? No lado dos amigos da noiva ou do noivo?

- Já que somos amigos dos dois, qualquer lado está bom, respondeu Tânia.

- Talvez não, insistiu o rapaz. Vamos perguntar a um dos introdutores.

Jeremy pegou a mão de Tânia e se aproximou de Ted.

- O que você está fazendo aqui? indagou. O padrinho não tem de ficar ao lado do noivo, cuidando dele para que não desmaie ou algo assim?

Ted riu.

- Que nada! disse. Eles não estão precisando de mim lá, não! Douglas está cercado de fotógrafos, pais, avôs, tios, e todo mundo está cuidando dele até a hora em que o órgão começar a tocar.

Ainda falando, ele deu um sorriso para Tânia e Selena, cumprimentando-as com um leve aceno de cabeça.

- Belo vestido! exclamou ele para a garota.

Selena trancou os dentes, esforçando-se para sorrir.

- É um velho conhecido seu, não é? comentou ela.

Ted não ouviu o que ela dissera, pois nesse momento um rapaz alto, muito bonito, de cabelo castanho e olhos cor de chocolate veio para onde eles estavam e deu um leve murro em Ted como quem dá um cumprimento.

- E aí, colega! disse ele. Como vão as coisas?

- Oi, cara! replicou Ted. Como vai? Ouvi dizer que você ia se casar!

- Eu? Não! respondeu o rapaz, olhando para Selena e Tânia. Selena teve a sensação de que seu olhar era quase como um raio-X.

- Já conhece o Jeremy? disse Ted, apresentando o amigo. Ah, e aqui estão a Selena e a Tânia Jensen.

O recém-chegado fez um aceno de cabeça para Selena e em seguida estendeu a mão para a irmã dela. A garota achou que ele prolongou o cumprimento um pouco mais do que o necessário.

- Este é o Rick Doyle, explicou Ted. Somos conhecidos há muito tempo.

- A Cris está aqui, não está? indagou Rick.

Ted acenou que sim e explicou:

- Ela é dama de honra. Você vai vê-la.

- Vocês dois ainda estão...? principiou Rick, inclinando a cabeça e olhando para o Ted.

O rapaz não respondeu. Ficou firme, os braços cruzados à altura do peito, esperando que o outro concluísse. Selena teve a impressão de ter visto uma expressão de gozação nos olhos azul-prateados de Ted.

- Deixe pra lá! disse Rick, erguendo as mãos. Nem sei por que perguntei.

- Também não sei! exclamou Ted.

- É, sabe não! repetiu o outro resmungando e soltando um grunhido.

- Acho melhor a gente entrar, sugeriu Tânia.

- Boa idéia! concordou Rick.

Ele estendeu o braço para a jovem, convidando-a a que segurasse nele para entrar no salão. Tânia virou-se para o namorado e pegou o dele. Contudo o Rick não pareceu ter ficado sem graça pela “esnobada” que recebeu da jovem. Por uns instantes, Selena achou que ele iria fazer a ela a mesma gentileza. Antes, porém, que ele tivesse tempo de fazer um movimento, Ted aproximou-se da garota.

- Posso conduzi-la até o seu lugar? perguntou ele para ela em voz calma e firme.

Selena pegou o braço dele e os dois foram caminhando na lateral do templo, do lado dos amigos da noiva. Ele parou mais ou menos na sexta fileira. Selena largou o braço dele e foi entrando no banco, logo atrás de Jeremy. Tânia estava à frente do namorado e ficou na ponta do assento.

No corredor central, havia uma fita branca fechando a entrada dos bancos, que ia da frente ao fundo do salão. Na ponta de cada banco, havia pequenos ramalhetes de flores, pregados à fita. Um longo tapete branco estendia-se desde a porta da entrada até ao altar.

Estava tudo muito bonito. Selena sentiu o coração bater mais forte naquele ambiente santo, ao ouvir a música suave tocada ao piano.

Aspirou profundamente o aroma das flores. Junto ao altar, foram colocadas duas enormes cestas de vime cheias de rosas, cravos e folhagens. Entre elas, havia um arco de metal todo enfeitado com rosas e folhagens, que se achavam entremeadas de gipses, dando ao arranjo um toque celestial. Embaixo, à frente do arco, via-se um genuflexório,* recoberto com cetim branco. Certamente, os noivos iriam ajoelhar ali.

**Genuflexório, uma banqueta baixa, estreita e longa, própria para alguém se ajoelhar. (N. da T.)*

- Você viu os vestidos das damas? indagou Tânia, inclinando-se à frente de Jeremy e cochichando para a irmã.

Selena abanou a cabeça.

- Nem eu, disse a irmã. Como será que eles são? Devem ser maravilhosos. Fiquei sabendo que Trícia queria motivos florais. Está lindo aqui, não está?

A garota fez que sim. Mais convidados entravam, e eram muitos mesmo. As beiradas de todos os bancos já estavam ocupadas. As cinco primeiras fileiras achavam-se lotadas. Agora, os introdutores estavam conduzindo os convidados para a fileira onde Selena estava. Ela percebeu que alguém se sentou ao seu lado. Virou-se para ver quem era. Rick. A garota deu-lhe um leve sorriso com um pequeno aceno de cabeça e, em seguida, voltou a concentrar-se na frente do santuário. Involuntariamente, remexeu-se no banco, aproximando-se um pouco mais de Jeremy e afastando-se alguns centímetros do recém-chegado. Ela não

sabia por que, mas havia algo naquele rapaz que a desagradava. Geralmente, ela acertava bem na avaliação do caráter das pessoas, e aquele ali era um que não lhe causava boa impressão.

A igreja continuava a encher-se de convidados. Rick inclinou-se para Selena, que sentiu, a contragosto, o forte aroma de almíscar da sua loção após barba.

- Parece que este casamento é o evento do século, cochichou ele.

Selena não sentiu vontade de responder.

- Até parece que eles são os únicos jovens do mundo que resolveram casar, continuou ele, falando ao ouvido da garota. Já deve ter uns trezentos convidados aqui, e ainda tem mais gente chegando. Que multidão! Tenho a impressão de que todo mundo veio aqui pra ver o Douglas finalmente dar seu primeiro beijo!

Sem virar a cabeça, Selena replicou friamente:

- É; aliás, um fato que vale a pena se ver. Até você veio, não veio?

Não ouviu nenhuma resposta. Um minuto depois, ele se levantou, pediu licença e foi saindo, esbarrando nos convidados que estavam no banco. Depois, desapareceu no saguão.

- O que foi que você disse pra ele? quis saber Jeremy.

Selena deu de ombros e olhou para o rapaz com uma expressão de inocência, como se quisesse dizer: "Nada de mais!" Jeremy sorriu.

- Ah, não me venha com essa! disse ele.

Jeremy inclinou a cabeça e fitou-a com aquele olhar de "irmão mais velho", que Wesley por vezes lhe dirigia, e continuou:

- Não sei se devo lhe dizer isso, mas...

Aqui, ele parou e olhou para a namorada. Ela estava observando alguns convidados que se sentavam na fileira oposta à sua. Um deles era Rick. Ao que parecia, ele encontrara uma jovem mais interessada em ouvi-lo.

- Tânia me disse que eu deveria contar-lhe, mas eu não tinha muita certeza se devia ou não, prosseguiu Jeremy, olhando de novo para Selena.

- O quê? indagou a garota.

A expressão que viu no rosto do rapaz aguçou sua curiosidade. Ele parecia preocupado e a olhava com carinho. Selena não tinha a menor idéia do que ele queria lhe dizer.

Nesse instante, a música do piano cessou. Todos os olhares a se dirigiram para o altar. Uma porta lateral se abriu e o pastor entrou, posicionando-se debaixo do arco florido, entre o altar e genuflexório, de frente para a congregação.

Selena compreendeu que Jeremy não poderia lhe responder agora, mas não se importou. Nesse momento, Douglas entrou, também pela porta lateral, seguido dos “cavalheiros”, seus amigos. Todos estavam de smoking. O noivo tinha uma rosa branca na lapela. Ele parou à direita do arco e se virou para a congregação, com as mãos cruzadas à frente.

Selena nunca vira no rosto de um homem uma expressão de tanta dignidade e honra. Percebia-se claramente que Douglas estava encarando aquela cerimônia com muita seriedade. Compreendeu que, nesse casamento, não haveria os gestos brincalhões e os sorrisos maliciosos que

vira em outros. Pela expressão do rosto do rapaz, sentia-se que aquele momento para ele era santo, entre ele, sua noiva e Deus.

Um silêncio reverente tomou conta do santuário.

Capítulo Dezessete

De repente, o pianista rompeu o silêncio, tocando uma música clássica, de ritmo alegre, que Selena lembrava já ter ouvido antes. Enquanto a melodia enchia o salão, os pais de Douglas entraram, seguidos da mãe e dos avós de Trícia.

A seguir, veio uma linda garotinha loura, com uma grinalda de flores na cabeça. Caminhava devagarinho, em passos lentos, um pezinho à frente do outro. Trazia nas mãos uma pequenina cesta cheia de pétalas de rosa. Mais ou menos pela metade do corredor, ela se lembrou de sua tarefa e se pôs a atirar as flores no tapete. Ela dava um passinho, parava, jogava algumas pétalas. Dava outro passo, parava e repetia o ato de lançar as flores no chão.

Todo mundo estava sorrindo, cochichando uns com os outros e esticando o pescoço para ver a menina, que seguia seu caminho rumo ao altar. Assim que ela chegou à frente, Douglas deu-lhe uma piscadela bem disfarçada, e afinal ela alcançou o ponto onde iria permanecer durante a cerimônia.

Aí apareceu a primeira dama, uma prima de Trícia. Usava um vestido longo, de tecido leve, de cor lilás. Ela também trazia na cabeça uma grinalda de flores. Nas mãos, tinha uma delicada cesta própria para jardinagem. Nela, estava um cacho de flores, caindo de um lado. Selena

achou linda a cena, que combinava muito com a personalidade criativa de Trícia.

Em seguida, veio a segunda dama, que usava o mesmo tipo de vestido e de arranjos. Só que a roupa desta era rosa-pálido. Por fim, surgiu a Cris, usando um vestido azul-claro. Seu cabelo longo estava solto sobre os ombros, ligeiramente anelado nas pontas. A grinalda que usava era um pouco maior do que as das outras duas damas. Sua cestinha de flores estava transbordando. Dava a impressão de haver acabado de sair de um jardim profusamente florido.

O rosto da jovem brilhava de contentamento. Seus olhos claros pareciam dançar, fitando ora as pétalas caídas no chão, ora os convidados nos bancos, e tudo o mais que decorava o salão. Selena ficou observando a amiga e viu quando ela dirigiu o olhar para o altar. Os olhos dela pararam em Ted, que se acha ao lado do noivo. Ficou a fitá-lo fixamente quase que sem piscar, até chegar em seu lugar.

Selena virou para olhar o rapaz e teve de sorrir. Ele parecia fascinado pela figura da namorada. Estava com os olhos arregalados, a boca entreaberta. Ele também nem piscava.

Os pais de Cris e o irmão dela achavam-se dois bancos à frente daquele em que Selena se encontrava. Junto deles, estava o Bob e, ao lado deste, Marta. A garota percebeu que, no momento em que sua amiga passou por eles, tanto o pai como a mãe dela levaram a mão ao canto dos olhos para enxugar uma lágrima de emoção.

Guiada pela curiosidade, Selena voltou o olhar para o outro lado da igreja, no ponto onde estava o Rick. Mesmo sentado, via-se que era bem mais alto que as duas garotas que se achavam perto dele, uma de cada lado. Estava bem apumado, a cabeça levemente inclinada para trás, o queixo apontando para a frente, os lábios apertados. Também ele não conseguia tirar os olhos de Cris, uma sobrancelha ligeiramente mais elevada que a outra. Selena pensou que precisava perguntar a Katie sobre esse rapaz. Se havia alguém que poderia lhe revelar algo sobre ele, esse alguém era Katie.

Assim que Cris chegou ao seu lugar, o piano parou de tocar. Imediatamente, ouviram-se os acordes do órgão. Os sons da bela e majestosa marcha nupcial encheram o aposento, parecendo fazer vibrar os tubos de cobre do instrumento. A mãe de Trícia levantou-se e virou-se para a entrada do templo. Em seguida, todos os presentes se ergueram também. Selena deu uma espiada em Douglas. O rapaz se endireitou, erguendo os ombros, e respirou fundo. Aí todo o seu semblante ficou como que iluminado. Selena compreendeu que Trícia aparecera à porta e começara a caminhar pelo corredor central da nave. Na verdade, ela não vira isso, mas sabia que era o que estava acontecendo pela expressão do rosto do noivo.

Isso é que é um homem apaixonado! pensou com um suspiro. *Parece que ele vai explodir de tanta felicidade! Tenho a impressão de que os olhos dele estão cheios de lágrimas.*

Inesperadamente, seus olhos também se encheram, e por uns momentos ela não conseguia ver nada. Como é que alguém poderia deixar de chorar, ao ver tal expressão no rosto de Douglas? Rapidamente, porém, limpou os olhos e virou-se para ver a noiva.

Pequena e delicada, Trícia segurava firmemente o braço do pai. Caminhava com passinhos miúdos, mal tocando nas pétalas espalhadas pelo tapete. Estava toda de branco, da cabeça aos pés. O corpete do vestido era recoberto de renda, de que também eram feitas as longas mangas. A saia ampla parecia ter sido salpicada de pérolas. Atrás, havia uma longa cauda de cetim.

Embora o vestido fosse maravilhoso, não era ele que chamava mais atenção. O que se destacava mais na noiva era o brilho do rosto, recoberto por um fino véu de renda. Na cabeça, com muita elegância, ela trazia uma grinalda de flores de cor branca. Preso nesta, estava o véu, que descia sobre suas faces como uma nuvem transparente. Em vez de buquê, ela segurava entre os dedos apenas uma única rosa branca de cabo longo. Trícia era a própria imagem da virtude e da pureza. Selena viuv-a como uma verdadeira obra de arte viva. Ao vê-la, todos sentiam vontade de chorar.

Afinal, a noiva aproximou-se do altar. Os convidados se sentaram com um farfalhar de sedas e cetins.

Douglas deu um passo à frente, chegando perto da noiva e de seu pai. Num gesto simbólico, este tirou a mão da filha do braço dele e a

colocou na do noivo. A seguir, afastou-se deles e foi sentar-se junto à esposa.

O rapaz pegou a mão de Trícia, mas não se limitou a segurá-la. Puxou o braço dela para si, aproximando-a mais dele. E assim, de braços dados, os dois se adiantaram para o altar, postando-se debaixo do arco florido. Toda aquela cena formou um quadro belíssimo, com os dois de pé, diante de Deus e de todas aquelas testemunhas. Selena desejou, de todo o coração, que a sua cerimônia de casamento fosse tão bela e sagrada quanto aquela a que assistia nessa hora.

O pastor principiou a mensagem afirmando, em voz profunda e forte, que o casamento é uma instituição divina, e que ninguém pode encará-lo de forma irresponsável. Em seguida, leu um trecho da Bíblia e falou sobre os misteriosos desígnios de Deus, que aproxima um homem e uma mulher para que se unam em amor.

“A Palavra de Deus deixa bem claro”, disse ele, “que o homem deve deixar pai e mãe e se unir à sua esposa. Então os dois se tornam uma só carne. Assim, amados noivos, essa é a orientação do Senhor para vocês. Têm de deixar pai e mãe, unir-se um ao outro e permitir que Deus vá interligando a vida de ambos.”

Com muita reverência, ele disse a Douglas e Trícia que, para que o casamento deles durasse, eles teriam de se esforçar muito e cultivar um profundo relacionamento com Jesus.

“Agora”, prosseguiu o ministro, tirando os olhos dos noivos e fitando os familiares e amigos deles, “quero me dirigir a vocês, convidados. Vocês

precisam orar por esses jovens. Precisam dar-lhes palavras de incentivo e ânimo. Precisam amá-los muito. Têm de esperar sempre o melhor da parte deles. E nos momentos de adversidade, devem estar prontos para dar-lhes todo o apoio de que necessitarem. Entrego a todos a incumbência de contribuir para que essa união se fortaleça.”

Nesse ponto, ele fez sinal aos dois para que se ajoelhassem. Douglas ajudou Trícia a abaixar-se e se apoiar no genuflexório e, em seguida, ajoelhou-se também. Então o ministro estendeu a mão sobre a cabeça deles e orou. Pediu a bênção de Deus para o casal, para o relacionamento deles e até para os filhos que eles viessem a ter. Silenciosamente, Selena disse “amém” à petição do pastor, que rogava as mais ricas bênçãos de Deus para Douglas e Trícia.

Terminada a oração, os dois se ergueram e o ministro lhes disse para ficarem um de frente para o outro, a fim de fazerem o juramento matrimonial.

- Eu, Douglas, recebo a ti, Trícia, como minha legítima esposa. Diante de Deus, de meus familiares e de nossos amigos aqui presentes, prometo amar-te, honrar-te e respeitar-te, até o dia em que Deus me levar para junto dele.

- Eu, Trícia, recebo a ti, Douglas, como meu legítimo esposo. Diante de Deus, de meus familiares e de nossos amigos aqui presentes, prometo amar-te, honrar-te e respeitar-te, até o dia em que Deus me levar para junto dele.

Então, o pastor fez um sinal de que deveriam colocar as alianças. Ted adiantou-se e colocou a aliança de Trícia na mão do noivo. Este fitou a noiva bem nos olhos, ergueu a mão esquerda dela e lentamente foi colocando o anel em seu dedo anular.

- Com esta aliança, disse ele, que é um símbolo de meu eterno amor por você, selo meu compromisso com você.

A seguir, Trícia virou-se para Cris. Selenia teve a impressão de que a dama de honra colocara a imensa aliança de Douglas no seu polegar. Com um gesto fácil e rápido, ela a removeu da mão e a colocou na da amiga. Pegando a mão esquerda do noivo, a moça introduziu a aliança no dedo dele e repetiu as mesmas palavras:

- Com esta aliança, que é um símbolo de meu eterno amor por você, selo meu compromisso com você.

Afinal, os dois se viraram, ficando de frente para o pastor. O piano começou a tocar uma música suave. Um rapaz se levantou com um microfone na mão e se pôs a cantar um hino cristão, próprio para casamentos. Selenia lembrou-se de já ter escutado aquela música numa outra cerimônia. Ouvindo-a, baixou os olhos e fitou a sua aliancinha.

Senhor, esta aliança já está se tornando um lembrete constante de teu eterno amor para comigo, orou ela em silêncio. Neste momento, eu prometo permanecer pura e me guardar para aquele com quem vou me casar, aquele que o Senhor escolher para mim. Com esta aliança, selo esta promessa que te faço.

Entrelaçou os dedos, deixando as mãos sobre o colo. Pela primeira vez, sentia-se feliz pelo fato de seu anel ser de ouro, e não de prata. Ele simbolizava uma realidade muito forte e poderosa. Selena achou bom que não fosse uma jóia qualquer, uma bijuteria. Aquela aliança era um objeto muito importante, como Wesley dissera. Era distinto de todas as outras jóias. E de certo modo, naquele momento, era assim que ela se via também.

Capítulo Dezoito

Afinal, o cantor encerrou o hino com uma nota aguda e sentou-se. Todos os olhares se fixaram em Douglas e Trícia. Eles haviam dado a volta em torno do arco, cada um do seu lado, aproximando-se do altar.

“Em agradecimento a Deus pela sua pureza diante de Deus e um do outro”, disse o pastor, “Douglas e Trícia vão fazer uma dádiva de louvor ao Senhor. Eles agora vão deixar uma oferta no altar.”

Trícia colocou ali sua rosa branca de cabo longo. Douglas retirou da lapela a flor que trazia nela e também a depositou no altar. Nesse instante, o pastor abriu o genuflexório, que formou como que um portãozinho de duas folhas, e os dois noivos passaram sob o arco juntos. Pararam ao lado um do outro, fitando-se intensamente.

“Pelos poderes que me concede o Estado da Califórnia”, continuou o pastor, “e como ministro do evangelho de Cristo, nosso Salvador ressurreto, eu agora os declaro marido e mulher.”

Aqui ele fez uma pausa, mas em seguida deu um sorriso e prosseguiu:

“Pode beijar a noiva!”

Selena ficou de fôlego suspenso. Teve a impressão de que centenas de pessoas à sua volta também ficaram. Com o canto dos olhos, viu

Jeremy pegar a mão de Tânia. Todos estavam em perfeito silêncio, esperando.

Com gestos cuidadosos, Douglas pegou a ponta do véu e a ergueu, colocando-o no alto da cabeça da noiva. O tecido caiu para trás parecendo uma fina cachoeira. De rosto descoberto, Trícia ergueu os lábios para o noivo, fitando-o diretamente nos olhos.

Ele também a fitava. Os dois davam a impressão de estar completamente isolados do resto do mundo, esquecidos de que ali havia centenas de pessoas, todas quase que sentadas na beirada do banco e gritando interiormente: “Vamos! Beije logo!”

Douglas segurou o rosto da noiva entre as mãos e cochichou-lhe algo que somente ela ouviu. Em seguida, inclinou ligeiramente a cabeça e bem devagar foi se aproximando do rosto dela.

Alinal seus lábios se encontraram.

Selena mordeu o lábio inferior e piscou várias vezes para conter as lágrimas que ameaçavam escorrer de seus olhos.

Foi um beijo longo e demorado; um beijo calmo, cheio de ternura, e maravilhosamente romântico. Afinal, ainda bem devagar, como se tudo estivesse acontecendo em câmara lenta, Douglas afastou-se de Trícia e abriu os olhos. Em seguida, deu um amplo sorriso, ao mesmo tempo em que a noiva deixava escapar uma risadinha curta.

No meio da congregação, alguém, espontaneamente, bradou:

“Bravo!”

Com isso, todos os amigos e familiares presentes foram se levantando, com aplausos e gritos de alegria.

Douglas virou-se para olhar o povo com uma expressão de surpresa. Trícia também parecia admirada e um pouco constrangida. Logo em seguida, porém, ela começou a rir e, com um gesto, mostrou ao noivo algo na galeria. Todos olharam na direção indicada. Os introdutores, amigos do noivo, estavam todos lá, enfileirados. Cada um exibia uma placa com a “nota” do beijo: 10; 9,8; 9,9; 10 e 10. A congregação toda caiu na risada. Nesse momento, o órgão começou a tocar bem alto, e na torre, os carrilhões emitiam sons alegres. Trícia passou o braço pelo do noivo e, com lágrimas de alegria a escorrer-lhes do rosto, os dois se puseram a caminhar pelo corredor central do templo. Todo mundo continuou batendo palmas e gritando, enquanto os recém-casados seguiam rumo à saída.

Logo atrás deles vinham Ted e Cris, de braços dados, sorrindo um para o outro e também conversando em voz baixa. Eles pisavam as pétalas de rosa que, a essa altura, achavam-se bem esmagadas. Selenia teve a impressão de que esses dois também estavam longe dali, esquecidos da presença dos outros. Pareciam estar flutuando nos ares, e não pisando terra firme.

Os outros cavalheiros e damas os seguiram. Os introdutores desceram e se puseram a orientar a saída dos outros convidados. Foram desatando as fitas que fechavam os bancos, fileira por fileira, e todos iam saindo em perfeita ordem.

O ambiente geral era altamente festivo. Selena nunca experimentara algo assim numa igreja, fosse num culto ou num casamento. Todos os presentes conversavam e riam alegremente, cumprimentando-se uns aos outros com abraços calorosos. Afinal, a garota também saiu, acompanhando Tânia e Jeremy. Os dois namorados ainda estavam de mãos dadas e conversavam em voz baixa. Davam a impressão de que desejavam ficar a sós. Assim que Selena saiu no saguão, passou à frente de Tânia e Jeremy e foi se dirigindo, juntamente com os outros convidados, para o salão de recepção.

Assim que entrou ali, viu que ele se achava belamente decorado. As mesinhas espalhadas por todo o recinto estavam cobertas com toalhas nas cores rosa, lilás e azul, as mesmas dos vestidos das damas. De espaço a espaço, havia imensas cestas com samambaias. No centro do salão, via-se uma mesa comprida, no meio da qual estava o bolo, que tinha três “andares”. A garota notou que ele estava perfeito. Marta ficaria aliviada ao ver que ele não murchara com o calor.

Num dos cantos, havia uma área com um tapete branco onde se via um arco de metal também cheio de flores e hera. Selena entendeu que seria ali que os noivos iriam receber os cumprimentos. Estava ansiosa para abraçar Douglas e Trícia, desejando-lhes toda a felicidade deste mundo. Contudo ainda iria demorar um pouco até que eles viessem para o salão. Estavam tirando retratos.

Selena sentou-se a uma das mesas que estava vazia e pegou uma balinha de hortelã, numa tigela pequena. Katie veio para perto dela e se apoiou numa das muletas.

- Que casamento inesquecível, hein? disse ela, empurrando as muletas para debaixo da mesa.

Selena puxou uma cadeira para a amiga se sentar.

- Você viu o beijo? continuou a outra. Claro que viu! Todo mundo viu. Eu não sabia que aqueles caras iam dar a “nota” lá na galeria. Que sensação, hein?

O rosto de Katie estava tão corado que quase tinha a mesma cor do cabelo dela.

- Menina, estou cansada de andar por aí com este pé machucado, disse ela, sentando-se. E ainda tenho de ficar com este gesso um mês. Que tristeza!

Em outra mesa, a poucos passos de onde elas estavam, Selena viu Rick puxando uma cadeira para uma jovem morena sentar-se.

- Katie, quem é aquele rapaz? indagou ela.

A amiga olhou na direção indicada e arregalou os olhos. Inclinando-se para Selena, disse:

- Não entre na dele, Selena! falou. Vá por mim. Fique longe desse cara!

- Não precisa se preocupar com isso, replicou a garota. Ele é que está correndo de mim.

Em seguida, contou a Katie sobre o breve diálogo que os dois haviam mantido antes do início da cerimônia, e como ele se levantara e saíra de perto dela. A outra riu e, abanando a cabeça, comentou:

- Gostaria de ter sido do seu jeito uns anos atrás!

- Você não namorou esse rapaz, namorou? quis saber Selena.

- Não sei se posso chamar de namoro, mas ele foi o primeiro que me beijou. Você acredita uma coisa dessas? Gente, onde será que eu estava com a cabeça?

Selena ficou abismada.

- Na verdade, é uma pergunta boba, prosseguiu Katie. Eu sei onde estava com a cabeça. Estava pensando: “Se a Cris pode beijar esse cara, então eu também posso”.

- Você está falando sério? perguntou Selena, franzindo a testa e fitando atentamente o rosto de Katie. Você quer dizer a Cris Miller? A nossa Cris? Ela namorou aquele rapaz?

Katie fez que sim.

- E o beijou?

Katie chegou mais perto da garota, inclinando-se sobre a mesa e quase derramando a tigelinha de balas.

- Selena, disse ela, tem um fato que você não sabe sobre o Rick. Quando uma moça está com ele, é ele quem beija. Creio que a Cris nunca o beijou, isto é, nunca tomou a iniciativa de beijá-lo. Mas ele a beijou várias vezes. Ele era louco por ela. Pra ele, Cris era algo inatingível, que ele desejava muito conquistar. Mas tenho de reconhecer que morri de

inveja dela. Então, quando ela terminou com ele, e o rapaz mostrou um pouco de interesse em mim, agarrei a oportunidade com unhas e dentes.

Selena ainda estava tendo dificuldade para crer que aquelas duas amigas que ela tanto admirava pudessem ter dado algo de si mesmas para um rapaz como Rick. Ele lhe dava a impressão de ser um tremendo “paquerador”.

- Ah, que bobagens a gente faz quando é nova, né? falou Katie recostando-se de volta na cadeira e abanando a cabeça, fazendo dançar seu cabelo ruivo. Se não fosse pela graça de Deus, seríamos um bando de infelizes, não seríamos?

Selena acenou afirmativamente, num gesto lento. Estava pensando em Amy.

- Então, como foi que se convenceu de que não deveria “desperdiçar” seus beijos com o Rick? indagou.

- “Desperdiçar” meus beijos, repetiu Katie. Gostei. Não sei. Acho que nosso relacionamento simplesmente acabou. Não havia nada que nos unisse. Aí, depois, me apaixonei pelo Michael. Está lembrada? Eu lhe falei sobre ele quando estávamos na Inglaterra.

- Era aquele estudante estrangeiro que você namorava e depois terminou porque ele não era crente?

Katie fez que sim.

- Esse foi difícil, viu?! Nós namoramos um bom tempo. Até hoje, quando me lembro, ainda sinto tristeza. E a Cris foi uma excelente amiga pra mim nessa época. Logo no início, ela me disse que achava o nosso

namoro errado, e depois ficou na dela. Deixou que eu seguisse em frente com o relacionamento, apesar de achar que eu estava cometendo um erro.

- E você acha que estava errada em namorar o Michael?

Katie pensou um pouco e em seguida explicou:

- É, analisando o que aconteceu, tenho de reconhecer que não foi uma atitude sensata. Eu me desgastei muito emocionalmente. Sabe como é, né? Eu orava bastante por ele e falava de Jesus pra ele. Tinha a certeza de que ele iria “enxergar” a verdade. E com isso paguei um preço muito alto, quero dizer, no coração, que é o mais importante.

- Você disse que a Cris não tentou convencê-la a não se envolver com esse rapaz. Vocês ainda não eram amigas íntimas nessa época?

- Muito íntimas! Mas acho que ela agiu certo. Ela me disse o que pensava e depois ficou só orando. Orou muito. Mas deixou que eu fizesse o que queria. E durante todo aquele período, continuou sendo uma boa amiga. No fim, quando tudo acabou, eu fiquei arrasada, e ela se manteve ao meu lado me dando apoio.

Nesse momento, Katie ergueu os olhos, fitando alguém que se achava atrás de Selena. Imediatamente, em seu rosto, estampou-se uma expressão de alegria.

- Oh, que bom que você veio! exclamou ela em voz bem alta.

Selena virou-se. Era Antonio, um rapaz italiano que ela conhecera durante o recesso de Páscoa. Na ocasião, ele e Katie tinham ficado bem

interessados um no outro. E, ao que parecia, a moça ainda se sentia atraída por ele.

- Fiquei sabendo que você agora está famosa, disse Antonio com um pesado sotaque. Saiu até no jornal. Virou artista de cinema?

Ele adiantou-se, aproximou-se de Katie e cumprimentou-a com um beijinho em cada face.

- Que nada! replicou a jovem, ainda com os olhos brilhando de satisfação. Estou é com o pé engessado.

- Tsk, tsk, tsk, fez o rapaz, batendo a ponta da língua contra os dentes, numa expressão tipicamente italiana. Que pena! Eu estava pretendendo convidá-la para irmos fazer esqui aquático amanhã.

- Mas eu posso ir no barco e ficar segurando a bandeirinha, disse Katie.

Antonio riu. Em seguida, virou-se para ver quem estava na mesa com Katie.

- Selena! exclamou ele. Não sabia que era você que estava aí!

O rapaz inclinou-se rapidamente e, antes que a garota pudesse se mexer, ele deu-lhe também dois beijinhos, um em cada face. Na mesma hora, ela sentiu o rosto avermelhar-se.

Nesse instante, houve um vozerio num canto do salão, seguido de palmas e assovios.

Parece que os noivos chegaram, falou Antonio, estendendo um braço para cada uma. Vamos lá, meninas, vamos entrar na fila dos alimentos.

- Antonio, interpôs Katie, corrigindo-o e levantando-se apoiada no braço do rapaz. Não é fila dos alimentos, não, é dos cumprimentos.

- Pra você, pode ser, replicou o rapaz. Pra mim, é dos alimentos, pois quero logo ir comer um pedaço de bolo.

Capítulo Dezenove

Parada na longa fila atrás de Katie e Antonio, Selena teve muito tempo para pensar. Experimentara tantas emoções nas últimas horas. A cerimônia, tão significativa, tão cheia de alegria, provocara nela um anseio profundo. Não era apenas o desejo de ser amada por um homem como Douglas, mas também a consciência de que precisava preparar-se para ele

Lembrou-se do que o pastor dissera acerca dos misteriosos desígnios de Deus, que aproxima duas pessoas para se unirem em amor. E tudo isso era mesmo um mistério para ela. Tinha a certeza de que a melhor medida que poderia tomar para se preparar para um relacionamento conjugal era a mesma que estava tomando agora com relação a namoros - orar. Tinha de orar muito e confiar em que Deus iria conduzir tudo.

Aquilo que Katie lhe contara instantes atrás, na mesa, ajudara-a a tomar a decisão com relação a Amy. Entendera que não cabia a ela mudar a cabeça nem o coração da amiga. Só Deus consegue fazer isso. É fato que poderia expressar sua opinião para com a colega de forma clara e cristalina. Nunca tivera problema em agir assim. Contudo precisaria seguir o exemplo de Cris, e não interferir no relacionamento dela com os rapazes. Teria apenas de orar muito por sua melhor amiga.

Antonio saiu da fila. Katie olhou para Selena e sorriu.

- Ele vai buscar um copo de refrigerante pra mim, explicou ela. Esse rapaz não é mesmo um “cavalheiro”?

- É sim, respondeu Selena. Gosto muito dele.

- Gosta? perguntou Katie com semblante tenso.

- Não do mesmo jeito que você, apressou-se ela a explicar, rindo da expressão da amiga. Quero dizer, ele é muito legal. Sei que ama muito a Deus, e por isso eu o acho...

- Irresistível! interveio Katie, concluindo a sentença para ela.

As duas caíram na risada. A fila ia andando bem lentamente. Selena ergueu a mão e afastou um pouco o cabelo da nuca.

- Este seu anel é um voto de pureza? indagou Katie, olhando a aliancinha de ouro.

- É. Foi meu pai que deu, na semana passada. Tenho de admitir que assim que vi Douglas e Trícia depositando cada um a sua rosa no altar, tive vontade de começar uma campanha em prol da pureza por este país a fora.

- Já tem gente fazendo, informou Katie.

- É, eu sei. Mas você entende o que quero dizer. Acho que ase outros amigos nossos vissem mais exemplos como o de Douglas e Trícia, creio que ficariam mais cuidadosos na escolha do namorado ou namorada e mais firmes nessa questão de se guardar para o cônjuge.

- É, tem razão, concordou Katie. Também comprei uma aliança pra mim, disse ela, erguendo a mão direita e mostrando um anel simples, de prata. Meus pais não são crentes. Por isso, não posso esperar que meu

pai me faça uma surpresa dessas. Ele nunca iria convidar-me a assumir esse tipo de compromisso e entregar-me uma caixinha de veludo e tudo o mais.

Selena sentiu um nó na garganta. Seu pai era crente e tivera o trabalho de criar um momento todo especial para ela com esse objetivo. Levara-a para jantar fora, num restaurante, e lhe dera o anel numa caixinha de veludo. E, apesar de tudo isso, naquela noite, ela só ficara pensando no constrangimento que sentia.

Eu devia ter pregado o buquezinho no vestido, pensou. Devia ter demonstrado mais interesse e gratidão.

- Umas colegas minhas, do segundo grau, foram a uma dessas campanhas, continuou Katie. Lá, elas assinaram um cartão de compromisso. No grupo de jovens da igreja delas, todo mundo passou a usar uma aliança de pureza. Não sei por que, mas o nosso grupo de jovens não participou de nada disso. Ou talvez eles tenham ido e eu tenha ficado de fora, por algum motivo. Bom, afinal, resolvi fazer eu mesma, sozinha, o meu voto de pureza. Então, comprei este anel e, um dia, bem cedinho, fui para a praia levando a Bíblia. Sentei-me numa pedra, li um texto, cantei um hino e depois coloquei o anel.

Nesse momento, Antonio voltou com o refrigerante.

- Prontinho, disse ele, entregando um copo a Katie e outro a Selena. Estou vendo que já estamos quase chegando. Andaram bem, senhoritas.

Três minutos depois, chegavam à frente, onde estavam os noivos, seus familiares, as damas e os cavalheiros. Selena deu um abraço em Ted

e depois um outro, bem mais apertado, em Douglas. O noivo ainda tinha o ar de o homem mais feliz do mundo.

A garota beijou Trícia no rosto. A noiva estava tão linda que ela sentiu que abraçar só seria pouco; por isso, beijou-a. Ao que parecia, Antonio também pensou o mesmo, pois deu um beijo bem sonoro em cada face de Trícia, dizendo-lhe algo em italiano, certamente os seus votos de felicidade.

Em seguida, Selenia abraçou Cris e lhe disse o quanto estava bonita.

- Bonita só não, disse Antonio, que vinha logo atrás dela e ouviu seu comentário. Cristina, você está maravilhosa! Tenho certeza de que vai ser você que vai colher o buquê.

- Não é “colher” o buquê que se diz, não, corrigiu-o Katie, dando-lhe um leve soco no braço. É pegar o buquê!

- Pois é, continuou o rapaz. Ela vai colher aquele molho de flores que as noivas jogam para as convidadas.

Junto de Antonio, Katie parecia ganhar mais vitalidade. Então, ela entrou com tudo na brincadeira dele.

- Não, Antonio. A gente não fala “molho” de flores, disse Katie, tentando imitar o sotaque italiano do rapaz. E só “buquê” mesmo.

- É mesmo? retrucou ele, fingindo uma enorme surpresa e passando o braço sobre o ombro da moça. Mais uma vez você comprovou que, sem sua orientação, eu ficaria perdido nesta terra estranha onde estou!

- A única terra estranha em que você está, Antonio, disse Katie brincando, é sua própria cabeça.

- Ah, é mesmo! disse o rapaz, dando o troco imediatamente. E você sabe disso muito bem, porque está constantemente nela.

- Estou onde?

- Na minha cabeça, explicou ele.

- Na verdade, Antonio, principiou a jovem, a gente não diz “na minha cabeça”. A gente diz é: “Você está sempre no meu pensamento”.

Nesse momento, ela se deu conta de que o rapaz lhe dissera algo de muito romântico. Selena percebeu que estava presenciando o começo de um namoro entre aqueles amigos. Agora, ela era a única diferente. Era a mais jovem. Não estava acompanhada. E usava um “belo” vestido amarelo.

A garota sentou-se com os amigos, todos em “duplas”, e ficou “digerindo” uma porção de idéias.

Uma hora depois, chegou o momento de Trícia jogar o buquê. Todas as moças foram para o pátio, a fim de participar do grande evento.

- É um buquê que ela trouxe especialmente pra isso, explicou Katie. Na verdade, ela não entrou com ele. Entrou com uma rosa branca na mão, está lembrada? Esse buquê aí é só pra manter a tradição.

- É uma tradição maravilhosa, disse Tânia, postando-se ao lado de Selena.

A garota teve a impressão de que a irmã estava se colocando na melhor posição possível, no melhor ponto para pegar as flores.

Um fotógrafo bateu algumas fotos das moças, enquanto os rapazes todos estavam juntos de um lado, “torcendo” para elas. Obviamente, Cris

era a “candidata” mais admirada. Trícia contou até três e atirou o buquê para trás, bem para o alto.

Selena ergueu os olhos e fitou o céu azul do entardecer. Naquele instante, percebeu que as flores estavam caindo em sua direção. Se desse um pulo poderia facilmente agarrá-las. Contudo, ouviu algo lá no fundo de seu ser. Não foi uma voz, nem um pensamento. Foi mais que um pensamento e mais que um sentimento.

Espere!

Selena não saltou. Então Tânia estendeu o braço esguio e longo e pegou-o. Imediatamente, ela exultou com a vitória. Ergueu as flores e ficou a acenar com elas para o lado onde estavam os rapazes. Todos eles se puseram a mexer com Jeremy dizendo-lhe que agora ele teria de começar a pensar sério em casamento.

Nesse instante, Cris avistou Rick entre os rapazes.

- Rick Doyle! exclamou espantada e com o rosto pálido. Eu não o tinha visto aqui, cochichou para Katie.

Selena teve vontade de dizer: “Mas ele certamente a viu”, mas resolveu deixar passar. Ao que parecia, as recordações que a amiga tinha daquele rapaz não eram das melhores.

Tânia estava empolgada com seu feito. O fotógrafo bateu uma foto dela com o buquê. Selena observou que a irmã posava de forma muito natural, com um sorriso simpático e a cabeça ligeiramente inclinada no ângulo certo. Ela sabia como agir diante de uma câmera.

- Aqui, pegue um punhado pra você, disse-lhe uma mulher axibindo um pacote cheio de alpiste. Vamos jogar isto em vez de arroz. É orgânico.

Selena enfiou a mão no pacote e pegou um pouco dele. Nesse momento, um Rolls Royce branco parou bem em frente da igreja. Dele, saiu um motorista uniformizado, com um quepe preto. Abriu a porta de trás do carro e ficou aguardando. Trícia beijou a mãe e o pai, pegou o braço de Douglas, e os dois alegremente se dirigiram para o carro.

- Pronto! gritou a mulher que havia distribuído o alpiste para os convidados.

Imediatamente, caiu sobre os noivos uma chuva de sementinhas, que o povo todo atirava para o ar, aos gritos. Trícia chegou à porta do carro, ergueu ligeiramente a barra da saia e entrou nele. Douglas pegou a cauda do vestido dela e em seguida ele próprio mergulhou para dentro do veículo. O motorista fechou a porta e foi ocupar seu lugar ao volante, andando calmamente, como se fizesse isso todos os dias.

- Tchau, gente! gritou o pessoal. Divirtam-se!

- Onde é que eles vão passar a lua-de-mel? quis saber Selena.

- Em Maui, explicou Tânia. Não sabia? Eles vão ficar na casa de Bob e Marta.

- Selena, falou Jeremy, eu comecei a falar-lhe algo antes do casamento.

- Ah, é! replicou a garota.

Ela havia se esquecido disso. Jeremy olhou para Tânia e sorriu. Em seguida, pegou Selena pelo braço e os dois se afastaram um pouco dos outros. Pararam num espaço aberto, no meio do gramado.

- É sobre o meu irmão, principiou o rapaz. Acho que você deveria escrever para ele.

- Porquê?

- Bom, é que...

- Ele está com algum problema? Quero dizer, não está passando por alguma dificuldade, nem doente, nem algo assim, está?

- Não. O Paul está ótimo! Aliás, está muito bem. Melhor que nunca. E sinceramente creio que você teve muito a ver com isso.

- Eu? Como assim?

- É que sei que você está orando por ele, mas não é só isso. Veja isto aqui. Não sei como vou lhe explicar a situação de outro jeito.

Jeremy enfiou a mão no bolso do paletó, tirou dele um papel e desdobrou-o. Imediatamente, Selena reconheceu a letra graúda de Paul.

- Olhe aqui, continuou Jeremy, indicando um parágrafo no fim da carta. Ele está falando que tem feito muitas caminhadas no planalto escocês, onde minha avó mora, e depois diz... ah, leia você mesma.

Selena pegou a carta e leu em voz alta.

- "Você vai até rir, mas, aqui nesta terra maravilhosa, o único rosto que vejo nas nuvens é o de Selena. Quando eu estava em Portland, em junho, achei que poderia fazer-lhe um agrado e imediatamente iria tirá-la do pensamento, mas não foi o que aconteceu. Veja só: ela veio junto

comigo. Selena me disse que Deus colocou a mão dele em minha vida. Você acha que pôs mesmo? O que significa isso? O que Deus quer que eu faça da minha vida?"

Selena ficou meio sem saber o que dizer ao ler aquilo.

- Isso aqui é uma carta em que Paul abre o coração, Jeremy. Acho que você não devia ter me mostrado.

- É, talvez não. Mas o que quero dizer é que ele está precisando de umas palavras de estímulo e incentivo. Acho que você poderia dizer algo para ele nesse sentido.

Novamente, Selena "sentiu" aquela mensagem interior, bem lá no fundo de seu ser.

Espere!

Naquele momento, já não se sentiu mais inferiorizada por ser a mais nova do grupo, por ser a única que não estava acompanhada e estar com um vestido de Cris. Finalmente, começava a ter noção de sua verdadeira identidade. Lembrou-se das palavras de Agostinho que Bob citara: "Ó minha alma, somente aquele que te criou pode dar-te plena satisfação".

Com atitude reverente, a garota dobrou a folha de papel, estendeu a carta para Jeremy e, nesse momento, um raio de luz rebrilhou na sua aliança dourada.

- O que vou dizer poderá parecer muito simplista, falou ela, mas creio que Deus vai orientar Paul lá onde ele está. Aliás, esse tipo de pergunta, só mesmo o Senhor é capaz de responder.

Jeremy olhou para a garota durante uns instantes, o rosto simpático quase sem nenhuma expressão. Afinal, disse:

- Mas acho que o Paul iria gostar muito de receber uma carta sua.
- É, talvez, replicou Selenia.

Aqui, ela sorriu, deu um tapinha no ombro largo do rapaz e concluiu:

- Diga a ele pra me escrever primeiro.

Em seguida, virou-se, fazendo um ruído de farfalhar de seda com o vestido amarelo, e foi para onde estavam os outros. Sentia-se cheia de esperanças e confiança em Deus. Sabia exatamente quem era. E sabia também de quem era.

Fossem quais fossem os misteriosos planos que Deus tinha para sua vida, um fato era certo: eles eram bem interessantes. Como Cris dissera, Deus escreve uma história diferente para cada um de nós. Naquele momento, Selenia pensou que a história dela talvez não virasse um best-seller nem fosse um conto de suspense. E certamente não era um romance, mas que estava se tornando um grande mistério, isso estava. Mas ela não iria morrer por isso.

Fim